UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Departamento de Psicologia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**VALIDADE CONCORRENTE ENTRE
RORSCHACH E PFISTER EM ADOLESCENTES**

Suzani Marques Palma Duarte

Orientadora: Sonia Regina Pasian

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto – SP

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Departamento de Psicologia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Validade Concorrente Entre
Rorschach e Pfister em Adolescentes

Suzani Marques Palma Duarte
Orientadora: Profa. Dra. Sonia Regina Pasian

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto – SP
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Duarte, Suzani Marques Palma

Validade Concorrente entre Rorschach e Pfister em Adolescentes.
Ribeirão Preto, 2014.

152p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Pasian, Sonia Regina.

1. Adolescentes. 2. Avaliação Psicológica. 3. Teste de Pfister.
4. Método de Rorschach. 5. Técnicas Projetivas. 6. Validade

Apoio: Capes

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Suzani Marques Palma Duarte

Título: Validade Concorrente Entre Rorschach e Pfister Em Adolescentes

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Para obtenção de título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que me desafiam e incentivam constantemente a buscar descobrir formas novas de enxergar a vida e crescer. Meus filhos Erik e Eduardo Duarte e ao meu marido Kleber Duarte.

Meus sinceros agradecimentos...

Primeiramente a *Deus* que tem tão bondosamente conduzido e abençoado a minha vida. Obrigado por tudo.

Aos meus pais *Carlos Alberto e Gilma Palma* que sempre se dispuseram e me ajudaram a superar meus limites. Neste etapa, não apenas me abrigaram, mas cuidaram dos meus filhos em todos os momentos que precisei me dedicar a pós-graduação, permitindo que eu pudesse ficar tranquila para enfrentar este desafio.

Ao meu marido, *Kleber* pelo apoio, e companheirismo. Agradeço por torcer e me incentivar em todos os momentos.

À minha orientadora, *Profa. Dr^a Sonia Regina Pasian* por ter me dado a oportunidade de voltar para o contexto acadêmico. Pela paciência e dedicação em me ensinar e incentivar nos desafios deste trabalho.

À minha antiga amiga *Dra. Erika Tiemi Kato Okino* pelo incentivo, oportunas e sábias orientações que tanto me auxiliaram no contexto acadêmico e na execução deste trabalho.

À Profa. *Dra. Anna Elisa de Villenor-Amaral* e a Profa. *Dra. Flavia de Lima Osório*, pelas sugestões importantes que tanto contribuíram para o meu aprendizado e construção desta versão final.

Ao estatísticos *Geraldo Cássio dos Reis* que aceitou este desafio e desenvolveu longas análises, e ao *Vinicius Frayze David* que compartilhou do meu interesse em buscar estratégias que possibilitassem atingir os objetivos deste trabalho, discutiu, investigou novos caminhos e muito me ensinou. Obrigado mesmo!

À minha irmã, *Christiane* que sempre esteve do meu lado pronta a me ajudar no que fosse preciso.

Ao meu primo *Alberto Marques*, engenheiro e matemático que pacientemente se interessou em ouvir minhas angústias e apontou novas possibilidades.

Às amigas da pós *Fabiana Freitas, Joana Barroso, Maria Luisa Jardim Maran, Roberta Cury, Carmen Justo*, que dividiram alegrias e dificuldades desta caminhada. A leveza que vocês compartilharam, e a diferença que vocês fizeram trouxe para mim um novo tom nesta experiência. Muito obrigada.

Aos adolescentes que se interessaram em participar e dividiram comigo um pouco de si.

Aos Docentes do Programa de Pós graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo que dividiram comigo o seu conhecimento favorecendo o meu crescimento.

À Profa. Abigail Sousa que me recebeu de forma acolhedora no Instituto de Psicologia de São Paulo e contribuiu com o meu aprendizado no programa PAE. Obrigada pela experiência.

O real da vida se dá, nem no princípio e nem no final.

Ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

(Guimarães Rosa)

RESUMO

Duarte, Suzani Marques Palma (2014). Validade Concorrente entre Rorschach e Pfister em Adolescentes. *Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto*. (Orientadora: Profa. Dra. Sonia Regina Pasian).

Os métodos projetivos de avaliação psicológica são classicamente reconhecidos, pela literatura científica nacional e internacional, como úteis, válidos e adequados instrumentos para se compreender o funcionamento afetivo e cognitivo dos indivíduos. Ainda assim exigem contínuo aperfeiçoamento técnico-científico no tocante a suas evidências psicométricas. Nesse contexto, o presente estudo examinou indicadores de validade e de precisão relativos ao Psicodiagnóstico do Rorschach e ao Teste das Pirâmides Coloridas do Pfister, centrando-se na etapa da adolescência, pouco investigada até o momento por esses métodos avaliativos no Brasil. Procurou-se identificar convergências de indicadores técnicos (relativos ao funcionamento afetivo e cognitivo) do Método de Rorschach (Escola Francesa) com aqueles do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Foram examinados dados de 97 adolescentes na faixa etária de 12 a 14 anos de idade, de ambos os sexos e estudantes de escolas públicas e particulares do interior do Estado de São Paulo, voluntários devidamente autorizados a participar do estudo, com indicadores de desenvolvimento típico para sua faixa etária e com adequado nível cognitivo (avaliado especificamente pelo Teste Não Verbal de Inteligência - INV, forma C). Os testes psicológicos foram individualmente aplicados e avaliados conforme seus respectivos manuais técnicos, sistematizando-se suas principais variáveis específicas. Realizaram-se análises descritivas e inferenciais dos dados, examinando-se possível efeito da procedência escolar sobre os resultados dos testes psicológicos. As evidências encontradas apontaram que a origem escolar pareceu não influenciar significativamente o padrão de respostas dos adolescentes, caracterizando-se um único grupo geral de marcadores de personalidade para a faixa etária avaliada. As análises correlacionais, de variância e de regressão logística entre indicadores quantitativos do INV, Rorschach e Pfister apontaram poucas associações significativas entre os sinais dos testes utilizados, embora existindo convergências informativas entre variáveis do mesmo instrumento de avaliação psicológica, sugerindo consistência interna nos testes. Houve associações significativas entre indicadores que avaliam: a) potencialidade cognitiva; b) maturidade afetiva e cognitiva; c) controle afetivo; d) controle da angústia; e) estilo predominante de interação afetiva com o ambiente; f) grau de investimento psíquico no ambiente. Foi possível confirmar, embora de forma modesta, associações entre indicadores desses métodos projetivos de avaliação psicológica, voltados ao exame da personalidade, aplicados em adolescentes, fortalecendo seus achados de evidências de validade clínica (CAPES).

Palavras-chave: *Adolescentes; Avaliação Psicológica; Teste de Pfister; Método de Rorschach; Técnicas Projetivas; Validade.*

ABSTRACT

Duarte, Suzani Marques Palma (2014). Concurrent validity between Rorschach and Pfister in Adolescents. *Dissertation (Master's Degree), Faculty of Philosophy, Science and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto.* (Dissertation Advisor: Sonia Regina Pasian)

Projective methods of psychological assessment are classically recognized by national and international scientific literature as useful, valid and appropriate tools to understand the affective and cognitive functioning of individuals. Still require continuous technical and scientific improvements regarding its psychometric evidence. In this context, the present study examined indicators of validity and accuracy relative to the Rorschach psychodiagnostic and the Color Pyramid Test of Pfister, focusing on the stage of adolescence, yet little investigated by these evaluation methods in Brazil. We sought to identify convergences of technical indicators (related to affective and cognitive functioning) Rorschach Method (French Approach) with those of the Color Pyramid Test Pfister. Data from a total of 97 adolescents were examined in age group 12-14 years of age, of both sexes and students from public and private schools in the state of São Paulo, with indicators of typical development for their age and appropriate cognitive level (specifically assessed by Verbal Intelligence Test - INV, form C). Psychological tests were applied individually and assessed according to their respective technical manuals, systematizing their most important specific variables. The descriptive and inferential statistical analysis examined the possible effect of school provenance on the results of psychological tests. The evidence indicated that the school did not seem to rise significantly influence the pattern of responses of adolescents, characterizing one general group of personality markers for the age range studied. The correlational analyzes of variance and logistic regression between quantitative indicators of INV, Rorschach and Pfister showed few significant differences between the signs of the tests used, although there were informative convergences between variables of the same instrument for psychological evaluation, suggesting internal consistency tests. There were significant associations between indicators that assess: a) cognitive capability; b) affective and cognitive maturity; c) emotional control; d) control of anxiety; e) predominant style of affective interaction with the environment; f) degree of psychological investment in the environment. It was confirmed, albeit modestly, associations between these projective methods' indicators of psychological assessment, aimed at the examination of personality applied to adolescents, fortifying their finding evidence of clinical validity (CAPES).

Keywords: *Adolescents; Psychological Assessment; Pfister Test; Rorschach; Projective Techniques; Validity.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estudos psicométricos realizados no Brasil sobre o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (TPC) identificados no período 2000-2013.	29
Tabela 2: : Estudos psicométricos realizados no Brasil sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach identificados no período de 2000-2013	38
Tabela 3: Caracterização da amostra de estudantes (n=97), em função da idade, do sexo e da escola de origem.....	69
Tabela 4: Escolaridade dos pais em função da origem escolar dos adolescentes (n=97).	69
Tabela 5: Descrição das variáveis da Escola Francesa do Rorschach examinadas no estudo	79
Tabela 6: Distribuição dos resultados brutos e ponderados do INV-forma C, em função da procedência escolar dos adolescentes(n=97)	86
Tabela 7: : Resultados descritivos e inferenciais das principais variáveis da Escola Francesa do Rorschach em função da origem escolar (n=97).....	88
Tabela 8: Resultados descritivos e inferenciais das principais variáveis do Teste de Pfister em função da origem escolar (n=97).....	97
Tabela 9: : Distribuição dos adolescentes (n=97, em frequência simples e porcentagem) e comparação estatística quanto a amplitude da fórmula cromática e aspecto formal das pirâmides do Teste de Pfister em função da origem escolar	101
Tabela 10: Distribuição dos adolescentes(n=97 em frequências simples e percentagens) nas variáveis que apresentaram relações de dependência consideradas significativas ($p \leq 0,05$)	105
Tabela 11: Distribuição dos adolescentes(n=97 em frequências simples e percentagens) nas variáveis que apresentaram relações de dependência consideradas marginalmente significativas ($0,06 < p < 0,08$)	115
Tabela 12: : Distribuição do aspecto formal das pirâmides recategorizados em tapetes ou forma / estrutura e em função das proporções de (FC : CF + C) e (FE : EF + E) no Rorschach.....	122
Tabela 13: : Índices de efeito da variável aspecto formal das pirâmides de Pfister em relação a fórmula de controle afetivo do Rorschach (FC:CF+C)	122

Tabela 14: : Índices de efeito da variável aspecto formal das Pirâmides de Pfister em relação a fórmula de controle da angústia do Rorschach ($FE:EF+E$)..... 123

Tabela 15 Distribuição do número de formas ou estruturas das três pirâmides dos adolescentes ($n=97$) em função das variáveis de controle afetivo do Rorschach..... 124

Tabela 16: Distribuição dos resultados da cor vermelha no Pfister em função das variáveis relacionadas ao controle da afetividade ($FC \geq CF + C$) no Rorschach 127

Tabela 17: Distribuição dos resultados da cor vermelha no Pfister em função das variáveis relacionadas ao controle da angústia ($FE \geq EF + E$) no Rorschach..... 128

Tabela 18: Distribuição dos resultados da cor vermelha no Pfister em função das variáveis relacionadas ao controle da angústia ($FE \geq EF + E$) no Rorschach..... 129

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: : Percurso amostral do estudo	68
Figura 2: Distribuição dos adolescentes na variável R (número de respostas) do Método de Rorschach com a percentagem da cor verde no Teste de Pfister.	106
Figura 3: Distribuição dos adolescentes na variável R(número de respostas) do Método de Rorschach com a percentagem da cor laranja no Teste de Pfister	108
Figura 4: Distribuição dos adolescentes na variável G% do Método de Rorschach com a percentagem da cor marrom no Teste de Pfister	109
Figura 5: Distribuição dos adolescentes na variável Terceira Fórmula Afetiva do Método de Rorschach com a percentagem da cor amarela no Teste de Pfister	111
Figura 6: Distribuição dos adolescentes na variável Terceira Fórmula Afetiva do Método de Rorschach com a percentagem da cor violeta no teste de Pfister	112
Figura 7: Distribuição dos adolescentes na variável A% do Método de Rorschach com a percentagem da Síndrome Normal no Teste de Pfister	113
Figura 8: Distribuição dos adolescentes na variável F% do Método de Rorschach com a percentagem da cor amarela no Teste de Pfister	115
Figura 9: Distribuição dos adolescentes na variável Ban % do Método de Rorschach com a percentagem da cor violeta no Teste de Pfister	116
Tabela 10: Distribuição dos adolescentes na variável Ban% do Método de Rorschach com a percentagem da cor branca no Teste de Pfister	117

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	23
I.1 Avaliação psicológica	23
I.2 Métodos projetivos de avaliação psicológica: evidências psicométricas.	25
I.3 Adolescência e estratégias para sua compreensão	55
 II OBJETIVOS.....	63
II.1 Geral	63
II.2 Específicos.....	63
 III MÉTODO	65
III.1 Características da região fonte do estudo	65
III.2 Participantes	66
III.3 Materiais.....	70
III.3.1 Carta de apresentação da pesquisa	70
III.3.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	70
III.3.3 Questionário Informativo sobre histórico pessoal	71
III.3.4 Teste de inteligência não verbal (INV – forma C)	71
III.3.5 Método de Rorschach.....	72
III.3.6 Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister	72
III.4 Procedimentos	73
III.4.1 Considerações éticas	73
III.4.2 Coleta de dados	75
III.4.3 Análise dos resultados	77
 IV RESULTADOS e DISCUSSÃO.....	85
IV.1 Análise descritiva e inferencial do INV – forma C.....	85
IV.2 Análise descritiva e inferencial do Método de Rorschach.....	87
IV.3. Análise descritiva e inferencial do Teste de Pfister	97
IV.4 Associações entre INV, Rorschach e Pfister.....	103
IV.5 Hipóteses adicionais de convergência entre INV, Rorschach e Pfister	119
 V CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
 VI REFERÊNCIAS.....	139
 VII ANEXOS E APÊNDICES	147

I INTRODUÇÃO

I.1 Avaliação psicológica

A avaliação psicológica pode ser definida como “*uma atividade que se constitui na busca sistemática de conhecimento a respeito do funcionamento psicológico das pessoas de tal forma a poder orientar ações e decisões futuras.*” (Primi, 2010, p. 26). Os processos de avaliação psicológica têm se mostrado úteis em diversos contextos de atuação da Psicologia como a área educacional, organizacional, clínica, saúde e jurídica (CFP, 2011).

Primi (2010) ressalta que a avaliação psicológica tem contribuído também para a construção do conhecimento sobre o ser humano, objeto de estudo da Psicologia. Cabe destacar a concepção desse pesquisador a respeito da avaliação psicológica, como no seguinte trecho:

“A avaliação psicológica não é simplesmente uma área técnica produtora de ferramentas profissionais, mas sim a área da psicologia responsável pela operacionalização das teorias psicológicas em eventos observáveis. Com isso, ela fomenta a observação sistemática de eventos psicológicos, abrindo os caminhos para a integração teoria e prática. Ela permite que as teorias possam ser testadas, eventualmente aprimoradas, contribuindo para a evolução do conhecimento na psicologia. Portanto, a avaliação na psicologia é uma área fundamental de integração entre a ciência e a profissão.” (p. 25- 26).

O processo de avaliação psicológica pode ser operacionalizado por diversas estratégias como a observação sistemática do comportamento, entrevistas, questionários, escalas e testes psicológicos. Entretanto, os testes psicológicos têm se destacado como um dos instrumentos mais utilizados no processo da avaliação psicológica, sendo, frequentemente, até mesmo confundidos com o próprio processo em si. Primi (2010) ressaltou a diferenciação entre o processo e o seu instrumental, afirmando que os testes “*se constituem em procedimentos*

sistemáticos de coleta de informações úteis e confiáveis que possam servir de base ao processo mais amplo e complexo da avaliação psicológica” (p. 26).

Tavares (2010) contribui nesta discussão apontando as condições necessárias que os testes psicológicos precisam apresentar para que forneçam as informações úteis e necessárias ao processo de avaliação psicológica. Ele afirma que:

“ O teste psicológico é um instrumento ou procedimento que precisa estar articulado a um construto psicológico (fundamentação teórica) e este construto precisa estar articulado a aspectos importantes da vida psíquica das pessoas (fundamentação empírica). Isso requer a existência de operações capazes de vincular o construto a comportamentos, a processos afetivos ou cognitivos. Essa vinculação precisa ocorrer, em primeira instância, nos processos de validação e posteriormente no processo de avaliação de um sujeito específico. (p. 34-35)

Os processos de validação dos instrumentos de avaliação psicológica tem sido o foco dos esforços realizados pela comunidade científica internacional e do Brasil na direção de garantir a qualidade dos dados obtidos. Um dos principais produtos deste esforço foi o documento “Diretrizes Internacionais para uso de Testes Psicológicos”, elaborado pela *International Test Commission* (ITC, 2000), buscando medidas para regulamentar o uso e a pesquisa com e sobre testes psicológicos.

Em 2001, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), também influenciado pelo trabalho e preocupações ressaltadas pela ITC (2000), instituiu o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), com o objetivo de sistematizar critérios técnicos e científicos para avaliar e orientar sobre a adequada utilização de testes psicológicos (Primi, 2010). Paralelamente a SATEPSI foi instituída uma Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica, assessora do CFP, com a missão de cuidar do processo avaliativo dos instrumentos de exame psicológico disponíveis para uso no Brasil, o que tem sido feito desde então até o presente momento. Este grupo de psicólogos selecionou critérios de avaliação dos testes baseados na

fundamentação teórica dos instrumentos, assim como na sua precisão, validação e normatização.

Os instrumentos de avaliação psicológica precisam apresentar as evidências da sua validade e precisão para que possam ser considerados testes psicológicos aptos para utilização profissional. Isto mobilizou, nos últimos anos, a produção de novas e diversificadas investigações científicas com o objetivo de buscar as evidências necessárias de validade dos instrumentos de avaliação psicológica, favorecendo, consequentemente a melhoria das condições técnicas destes instrumentos e do processo de avaliação psicológica (Primi, 2010; Pasian, 2011). Os métodos projetivos de avaliação psicológica e os seus desafios, dentro deste contexto de validação, são o foco do presente trabalho e, portanto, serão abordados de forma detalhada a seguir.

I.2 Métodos projetivos de avaliação psicológica: evidências psicométricas.

Os métodos projetivos de avaliação psicológica, em termos gerais, constituem-se em estratégias para acessar conteúdos inconscientes dos indivíduos, componentes organizadores de percepções, escolhas e comportamentos cotidianos. Caracterizam-se por serem pouco estruturados e seus construtos são acessados de forma indireta. Tendem a utilizar teorias psicodinâmicas como sua base interpretativa e suas propriedades psicométricas exigem cuidados e métodos específicos de análise (Cunha 2000; Urbina, 2007). Estas informações podem ser acessadas por meio das relações entre os indicadores técnicos dos instrumentos considerados projetivos, contribuindo assim com informações relevantes para a compreensão e construção de intervenções psicológicas.

Anzieu (1986) relata que o desenvolvimento deste tipo de métodos aconteceu no início do século XX. Segundo esse pesquisador, Carl Gustav Jung é apontado como o primeiro a

construir, em 1906, um instrumento projetivo chamado de Teste de Associação de Palavras, sendo seguido de perto por Hermann Rorschach com o método que leva o seu nome, o Psicodiagnóstico de Rorschach (1921), e o Teste de Apercepção Temática de Murray (1935). O objetivo principal desses métodos é a compreensão do modo de funcionamento afetivo e cognitivo dos indivíduos.

Grassano (1996) também ressalta que o método projetivo é constituído por atividades de características pouco estruturadas, no qual a tarefa do respondente é construir uma resposta, a partir da organização dos estímulos propostos, em função de seus recursos internos. Sendo assim, as respostas de um indivíduo a um método projetivo de avaliação psicológica não são aleatórias, mas tendem a repetir um padrão interno, desde que os estímulos favoreçam as devidas associações. Esta concepção teórica é o fundamento das situações padronizadas que os instrumentos de avaliação psicológica denominados como métodos projetivos apresentam na busca de investigar a forma como o indivíduo responde ao seu contexto de vida (Chabert, 2004).

Ainda buscando demonstrar como os métodos projetivos funcionam, Chabert (2004) esclarece que:

“A instrução, a partir do seu enunciado, faz regularmente apelo, ao mesmo tempo, aos mecanismos perceptivos e projetivos. Existe a partir da solicitação da linguagem verbal, como veículo das mensagens, uma dupla incitação: imaginar, expressar o que pertence ao sujeito, sua realidade interna, a partir do material do teste, isto é, em referência à realidade externa.” (p. 35). Isto se mostra pertinente quando o objetivo é compreender o funcionamento psicológico do indivíduo, pois é por meio desta tarefa que “o sujeito vai mostrar, na medida do possível, até que ponto e como ele se organiza para tratar, ao mesmo tempo, seu mundo interno e seu meio ambiente; situação característica à imagem da vida, visto que se trata de confrontar-se com os limites impostos pela realidade, mesmo deixando o lugar ao possível, ao imaginário, aos fantasmas e afetos que se ligam.” (Chabert, 2004, p. 17)

Sendo assim, nos diversos contextos em que a compreensão do funcionamento afetivo e cognitivo do indivíduo se mostra relevante, os métodos projetivos de avaliação psicológica têm demonstrado significativa utilidade (Archer & Newson, 2000; Chabert, 2004; Cunha, 2000). No entanto, em relação a indicadores de precisão, fidedignidade e validade ainda apresentam pontos frágeis frente aos critérios estabelecidos pela comunidade científica nacional e internacional. Isto tem gerado diversos debates e questionamentos sobre a cientificidade destes métodos ao longo dos anos, como apontado por Pasian (2013), Villemor-Amaral (2006) e Fensterseifer e Werlang (2008), Meyer (2001), Lilienfeld, Wood e Garb (2000), entre outros. Autores como Primi (2010) e Villemor-Amaral (2006) argumentam e insistem na necessidade de se buscarem métodos psicométricos adequados que possam viabilizar a apresentação de evidências de validade e fidedignidade dos métodos projetivos, tornando-os mais robustos em termos de fundamentos científicos, sobretudo diante de sua grande utilidade em processos de avaliação psicológica.

Entretanto, estes desafios dos métodos projetivos já são experienciados, descritos e discutidos há muito tempo. Ginsberg (1965), autora do primeiro estudo correlacional de métodos projetivos realizado no Brasil, relembra que “*o problema da validade dos métodos projetivos data do começo do uso destas provas*” (p. 269).

Na tentativa de se compreender o que tem sido feito, especificamente no Brasil, em busca destas evidências que possam fortalecer a validade dos métodos projetivos, foi realizado um levantamento sobre as publicações científicas nacionais sobre o tema, envolvendo o período de 2002 a Dezembro de 2013. Este recorte específico foi escolhido por envolver o período logo após o delineamento das diretrizes internacionais para o uso dos testes psicológicos (ITC, 2000). Esta revisão bibliográfica se limitou aos instrumentos Psicodiagnóstico do Rorschach e Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, visto serem os métodos projetivos em foco no presente trabalho. A revisão foi realizada até Dezembro de

2013, no portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Psi), incluindo as bases de dados Psyc, IndexPsi e Scielo, focalizando artigos publicados, não incluindo Dissertações e Teses.

Utilizando-se as palavras “validade e Rorschach” e “validade e Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister” foram identificados 14 artigos sobre o Pfister e 55 trabalhos sobre o Rorschach. Embora cada investigação que utilize algum método projetivo contribua com dados que possam gerar evidências da validade do instrumento, neste levantamento excluíram-se aquelas que não apresentaram, em nenhum momento do estudo, informações e reflexões acerca do método em si, limitando-se apenas a utilizar o instrumento para pesquisa de outros temas científicos. Também foram excluídos os que não foram realizados no Brasil e aqueles que se repetiram nas bases de dados acessadas. Dentro deste período, alguns artigos de delineamento reflexivo e teórico sobre os fundamentos e status científico dos métodos projetivos foram encontrados e incluídos. A decisão de incluí-los baseou-se na relevância das questões abordadas para as investigações científicas sobre os referidos métodos, fortalecendo os argumentos de Villemor-Amaral (2008) que ressaltam a necessidade de estudos sobre métodos projetivos, de modo a embasarem interpretações teoricamente bem fundamentadas dos seus indicadores e a fortalecer suas evidências de validade.

A partir destes critérios foram analisados 14 artigos sobre o Pfister e 20 sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach. Os achados referentes a essas investigações científicas foram sistematizados em tabelas, de modo a reunir suas principais informações referentes às qualidades psicométricas do Pfister e do Rorschach investigadas para o contexto do Brasil. Primeiramente foram sistematizados os artigos referentes ao método de Pfister, compondo a Tabela 1. A seguir elaborou-se a síntese dos achados sobre o Rorschach, constituindo-se a Tabela 2.

Tabela 1: *Estudos psicométricos realizados no Brasil sobre o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (TPC) identificados no período 2002-2013.*

Ano	Autoria	Título	Objetivos	Principais achados
2002	Villemor-Amaral, Silva e Primi	O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister e o Transtorno obsessivo compulsivo.	Buscar evidências de validade para o Teste Pfister no diagnóstico do Transtorno Obsessivo-Compulsivo.	Os resultados apontaram aumento estatisticamente significativo da frequência da cor marrom e de formações simétricas no grupo clínico. Estes dados combinados apresentaram uma sensibilidade de 58,3% e especificidade de 88,9% na identificação de portadores do Transtorno Obsessivo Compulsivo.
2003	Villemor-Amaral, Silva e Primi	Indicadores de alcoolismo no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister	Investigar possíveis indicadores de Alcoolismo no Teste de Pfister	Os resultados apontam que o Teste de Pfister pode ser útil no diagnóstico de alcólatras sempre que apresentar as características de elevação da cor vermelha e a presença da cor violeta nos algoritmos de Constância Absoluta. O predomínio de tapetes também é um indicador importante. Entretanto, o teste apresentou baixa especificidade diagnóstica.
2003	Villemor-Amaral, Primi, Farah, Cardoso e Franco	Revisão das Expectativas no Pfister para uma Amostra Normativa.	Atualização dos Padrões Normativos do Teste das Pirâmides Coloridas do Pfister.	Atualização dos padrões normativos com algumas mudanças em relação as normas Villemor-Amaral (1978), mas pouco significativas. Isto tende a apontar a estabilidade destas medidas por meio do TPC.
2004	Villemor-Amaral, Farah e Primi	O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister e o Transtorno do Pânico.	Verificar as evidências de validade do Teste das de Pfister para o diagnóstico do Transtorno de Pânico.	Os resultados apontaram uma incidência significativamente maior de formações simétricas e da percentagem da cor azul no grupo com sintomas do Transtorno do Pânico.
2005	Villemor-Amaral, Primi, Farah, Silva, Cardoso e Franco	A Depressão no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister	Investigar a produção de pacientes com depressão no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister.	Os resultados apontaram significativo aumento da cor verde, assim como da constância absoluta da cor violeta nos casos com depressão. Maior incidência de pirâmides cortadas e de formações tendendo a estruturas. A combinação destes indicadores permite identificar pacientes com depressão com uma sensibilidade de 86,4%.
2005	Villemor-Amaral, Primi, Franco, Farah, Cardoso e Silva.	O Teste de Pfister e Suas Contribuições para o Diagnóstico de Esquizofrenia.	Busca de Indicadores no Teste para o Diagnóstico de Esquizofrenia.	Aumento de tapetes furados e desequilibrados no grupo de Esquizofrênicos. Cores vermelho e marrom na frequência absoluta da Fórmula cromática. Esses indicadores apresentam 70,0% de sensibilidade e 43,0% de especificidade.
2006	Cardoso e Capitão	Estudo Correlacional entre o Teste de Pfister e o Desenho da Figura Humana.	Buscar correlações existentes entre os indicadores emocionais e cognitivos das Pirâmides Coloridas de Pfister e o Desenho da Figura Humana no Sistema Koppitz e no DFH-Sisto.	Os resultados apontam alguns indicadores que avaliam os mesmos traços de personalidade nos dois instrumentos. Entretanto, há um número relativamente reduzido de correlações e houve indicadores no Pfister que se relacionaram com diversas variáveis do DFH.
2007	Cardoso e Capitão	Avaliação de Crianças Surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister	Verificar evidências de validade do Pfister no contexto da surdez e analisar possíveis influências dos modelos educacionais em crianças surdas.	Diferenças significativas apenas na frequência da cor violeta entre os grupos. O aspecto formal das pirâmides apontou uma sofisticação cognitiva maior entre os ouvintes em relação aos surdos. No grupo de surdos os a organização cognitiva mais elaborada foi apresentada pelos oralizados, seguidos dos de comunicação total e por último os bilingües.

Ano	Autoria	Título	Objetivos	Principais achados
2008	Villemor-Amaral, Pianowvsky, e Gonçalves.	Estudo Normativo com o Pfister: Uma amostra da região Nordeste Brasileira.	Verificar a ocorrência de diferenças normativas significativas entre a população da região nordeste e sudeste.	As evidências apontam semelhança entre os dois grupos, não justificando a construção e elaboração de parâmetros normativos específicos por região.
2009	Franco e Villemor-Amaral	Validade Concorrente entre Provas de Personalidade Zulliger-SC E Pfister.	Investigar as correlações possíveis dos indicadores afetivos e cognitivos entre as técnicas de Zulliger e Pfister.	Nenhuma das correlações investigadas apresentou valores estatisticamente significativos. O estudo apontou que selecionar variáveis que presumem equivalência psicodinâmica e correlacioná-las não implica necessariamente correlações psicométricas lineares.
2012	Franco e Villemor-Amaral	Validade Incremental do Zulliger e do Pfister no contexto da Toxicomania.	Investigar em que medida as estratégias qualitativas e que usam poucos casos clínicos podem ser úteis na validade dos métodos projetivos.	As duas técnicas, embora diferentes, não apresentaram indicativos contraditórios. As técnicas são válidas e eficientes para a compreensão da psicodinâmica dos sujeitos quando aplicadas e utilizadas de forma complementar.
2012	Bastos-Formiguieri e Pasian	O Teste de Pfister em Idosos	Elaborar Padrões Normativos do Pfister para idosos.	Sete das dez cores do teste diferiram significativamente entre idosos e adultos. Isto sinaliza a necessidade da construção de padrões normativos que atendam as especificidades desta etapa do desenvolvimento.
2012	Villemor-Amaral, Pardini, Tavella, Biasi e Miroganci.	Evidências de Validade do Teste de Pfister para avaliação de Crianças	Avaliar a sensibilidade do teste de Pfister para identificar diferenças no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.	O teste de Pfister discriminou aspectos do desenvolvimento afetivo e cognitivo que se apresentam de modos diferentes entre 6 e 12 anos (uso do amarelo, branco e preto e o aspecto formal das pirâmides). Isto reforça a sua validade e utilidade do TPC na compreensão das crianças.
2013	Villemor-Amaral e Quirino	Estudo comparativo entre indicadores afetivos das técnicas de Pfister e Zulliger.	Verificar a hipótese de correlação entre os tipos de resposta cor no teste de Zulliger-FC, CF e C com o aspecto formal no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister.	Os resultados deste estudo evidenciam a validade do TPC para avaliar o nível intelectual e maturidade cognitiva com base no aspecto formal das pirâmides. Os resultados também fornecem indícios de que no teste de Zulliger as respostas de cor não estão tão subordinadas ao desenvolvimento cognitivo, como ocorre no TPC.

Considerando a validade das informações obtidas por meio dos instrumentos de avaliação psicológica, Urbina (2007) afirma que: *“independentemente de quantas funções estatísticas forem usadas na testagem psicológica, na análise final, o significado dos escores dos testes deriva dos referenciais que usamos para interpretá-los e do contexto no qual são obtidos.”* (p. 83). Os cuidados com a construção destes parâmetros tornam-se, portanto, essenciais para o adequado uso dos testes psicológicos assim como para sustentar sua própria validade. A existência desse tipo de estudos, de elaboração de normas específicas do Pfister

para o Brasil, inclusive comparando regiões, fortalece suas possibilidades técnicas na realidade nacional.

Três das investigações aqui identificadas buscaram a construção de padrões normativos para o Brasil. Villemor-Amaral et al. (2003) buscaram atualizar os padrões normativos do Pfister em uma amostra de 109 pessoas na faixa etária de 18 a 66 anos que residiam no Estado de São Paulo. Este estudo investigou a frequência das cores, síndromes cromáticas e aspecto formal do Pfister. Os resultados, principalmente no tocante à frequência das cores e síndromes, foram muito semelhantes ao padrão normativo construído por F. Villemor-Amaral (1978) há quase três décadas. Por sua vez, Villemor-Amaral, Pianowsky e Gonçalves (2008) fizeram outro estudo normativo para a região nordeste do Brasil, envolvendo 83 participantes com idades entre 18 a 50 anos. Os dados desta investigação foram comparados com o estudo realizado em São Paulo, identificando-se reduzidas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (apenas no aspecto formal e na frequência da cor laranja), fortalecendo os padrões normativos de Villemor-Amaral et al. (2003) e reforçando a concepção de que as diferenças culturais regionais do Brasil não se mostram significativas a ponto de interferir na produção dos Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (Villemor -Amaral, Pianowvsky e Gonçalves, 2008). O estudo normativo de publicação mais recente sobre o Teste de Pfister é o de Bastos-Formighieri e Pasian (2012). Estas pesquisadoras buscaram construir um padrão normativo para idosos, assim como identificar particularidades desta fase do desenvolvimento que podem ser identificadas pelo Teste de Pfister. Avaliaram uma amostra de 100 indivíduos na faixa etária de 60 a 75 anos, não pacientes, de ambos os sexos e moradores do interior de São Paulo. Os resultados foram comparados aos padrões normativos de adultos de Villemor-Amaral (2005). Algumas variáveis, como a frequência média de sete cores (vermelho, amarelo, azul, marrom, preto, branco e cinza) das dez cores que compõe o Teste de Pfister mostraram-se estatisticamente diferentes entre os dois grupos, evidenciando a necessidade de construção de parâmetros normativos específicos para cada uma destas duas faixas etárias.

O conjunto destes estudos normativos aponta para a sensibilidade do instrumento em relação a diferenças presentes nas fases do desenvolvimento psicológico do indivíduo. Ao mesmo tempo apresenta indicadores de certa estabilidade no estilo de escolhas cromáticas realizadas ao longo do tempo por adultos saudáveis, dadas as semelhanças apresentadas entre os padrões normativos de 1978 e 2003, quando comparados grupos com a mesma faixa etária.

Na sequência de análise dos trabalhos levantados no presente momento, cinco estudos investigaram a validade do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (TPC) para identificação de sinais relativos a grupos clínicos específicos. Estes estudos compararam um grupo de pessoas sem o histórico de busca de ajuda psicológica ou psiquiátrica com grupos psicopatológicos diagnosticados pelo critério do DSM-IV (SCID) utilizados por profissionais qualificados de Instituições de Saúde do Estado de São Paulo. Com este objetivo foram realizadas, nestes estudos, análises estatísticas de Regressão Logística buscando investigar quais indicadores, dentre as variáveis consideradas de aspecto formal das pirâmides e frequência das cores, permitem prever a pertença de participantes no grupo clínico investigado.

Villemor-Amaral, Silva e Primi (2002) compararam uma amostra de 12 pacientes com Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) com um grupo controle de 18 pessoas, encontrando significativa elevação na frequência da cor marrom e das formações simétricas no grupo clínico. Este estudo apontou que o Teste de Pfister apresenta a sensibilidade de 58,6% e especificidade de 88,9% na identificação de pessoas com TOC, evidências empíricas de validade para este tipo de instrumento de avaliação psicológica. Por sua vez, Villemor Amaral, Silva e Primi (2003) também investigaram a possibilidade deste teste auxiliar na identificação de pessoas alcoolistas, examinando 15 casos clínicos comparados a 110 do grupo controle. O grupo clínico apresentou significativa maior percentagem da cor vermelha e da cor violeta. Neste estudo 60,0% dos participantes alcóolatrás construíram pirâmides com aspecto formal de tapetes. Em outro estudo do mesmo centro de investigações, VillemorAmaral, Farah e Primi (2004) avaliaram 15 adultos

(de 18 a 55 anos) com história de episódios de transtorno do pânico. Identificaram significativo aumento da cor azul e das formações simétricas no grupo clínico, quando comparado ao grupo controle. Ainda Villemor-Amaral et al. (2004) investigaram o desempenho de 19 pacientes com depressão no Teste de Pfister. Os resultados apontaram significativo aumento da cor verde no grupo clínico, acompanhada pela cor violeta. Verificou-se ainda nesse grupo de depressivos, maior incidência de pirâmides cortadas e de formações tendendo a estruturas. Estes indicadores apresentaram sensibilidade de 86,4% e especificidade de 34,2% na identificação de pacientes depressivos com uso do Teste de Pfister. Para o estudo de teste-critério no caso do diagnóstico de esquizofrenia (Villemor-Amaral et al., 2005) foi composta uma amostra de 20 pacientes acima de vinte anos que também foram comparados com grupo controle (n=110). O grupo clínico apresentou significativo aumento de tapetes furados e desequilibrados, sugerindo que estas construções se configuram como indicadores para esquizofrenia. As cores vermelho e marrom foram significativamente mais frequentes no grupo clínico, como cores predominantes no índice de constância absoluta. A sensibilidade deste instrumento ficou em torno de 70,0%, porém a especificidade foi de 43,0%. Estes estudos voltados para a busca de evidências de validade teste-critério do TPC apresentam evidências claras da relevante sensibilidade deste instrumento para identificar diferentes quadros clínicos, porém sendo necessário o uso conjunto de outros instrumentos psicológicos para confirmação do diagnóstico clínico.

Dois outros estudos (Cardoso & Capitão, 2006; Franco & Villemor Amaral, 2009) buscaram investigar as associações entre os indicadores técnicos de diferentes técnicas projetivas que se propõe a avaliar o mesmo construto. Cardoso e Capitão (2006) compararam os dados de desempenho de 118 crianças de 6 a 12 anos no Teste das Pirâmides Coloridas do Pfister com o desempenho no Desenho da Figura Humana (DFH) avaliados pelo sistema Kopitz (1976) e Sisto (2005). Os resultados apontaram alguns indicadores que avaliam os mesmos traços de personalidade nos dois instrumentos, podendo-se citar: a) sombreado do

corpo no DFH relacionou-se ao aumento da frequência das cores preto e laranja; b) aumento da cor laranja associou-se a transparência no DFH; c) presença ou ausência da assimetria diferenciou significativamente a média da cor branca. Os participantes deste estudo que apresentaram o indicador de assimetria também utilizaram a cor branca em menor frequência; d) síndrome fria aumentada também apresentou correlação com o indicador assimetria do DFH; e) cabeça pequena no DFH associou-se significativamente com maiores índices da Síndrome de Dinamismo; f) braços compridos no DFH apresentou relação com a Síndrome Incolor aumentada (em virtude da frequência da cor preta estar aumentada); g) desenho de tamanho pequeno no DFH associou-se a cor verde rebaixada; h) figura grande no DFH mostrou-se associada a cor cinza aumentada indicando imaturidade, timidez e cautela no que troca as trocas emocionais (Villemor-Amaral, 2005; Sisto, 2005); i) mãos cortadas no DFH também apresentou associações consideradas significativas com a Síndrome Normal rebaixada. Outro dado significativo neste estudo foi que a omissão de indicadores esperados no DFH (como a omissão do nariz boca, tronco, braços, pernas, pés e pescoço) foi o que apresentou maior poder de relação com indicadores específicos do Teste de Pfister. As associações encontradas nesse tipo de indicadores foram: a) omissão do nariz com as cores violeta e amarelo; b) omissão da boca com as cores azul e amarelo; c) omissão do tronco com o vermelho e amarelo; d) omissão de braços com as cores vermelho e cinza; e) omissão de pernas com as cores Amarelo e Cinza; f) omissão de pés com azul; g) omissão de pescoço com branco. Houve, ainda, indicadores no Pfister que se relacionaram com diversas variáveis do DFH, fortalecendo a noção de que um indicador não pode ser analisado isoladamente para sua correta interpretação. No entanto, mesmo tendo sua devida relevância, o número de associações estatisticamente significativas entre indicadores do Pfister e do DFH foi ainda considerado reduzido para sustentar amplas e gerais relações existentes entre esses métodos projetivos de avaliação psicológica, requerendo mais investigações.

Franco e Villemor Amaral (2009) também desenvolveram um estudo em que buscaram correlacionar indicadores afetivos e cognitivos dos Testes de Zulliger e Pfister. Utilizaram um banco de dados para compor a amostra de 223 indivíduos (de 19 a 83 anos), dos quais 75 compunham um grupo clínico psiquiátrico e 148 faziam parte de um grupo controle. Foram testadas 36 hipóteses de possíveis correlações. Contudo, os resultados não foram significativos do ponto de vista estatístico para nenhuma das hipóteses. Neste mesmo estudo, entretanto, foram ainda realizadas análises qualitativas de quatro casos escolhidos aleatoriamente (por sorteio). Cada caso foi analisado, associando-se indicadores de cada técnica que foram, posteriormente, comparados entre si. Foi possível observar coerências entre as informações fornecidas pelos sinais do Pfister e do Zulliger, assim como com as teorias psicodinâmicas que tendem a fundamentar a interpretação dos resultados destes métodos projetivos, fortalecendo evidências de validade clínica (Tavares, 2000).

Em estudo posterior, Villemor-Amaral e Quirino (2013) examinaram correlações entre os tipos de resposta cor no teste de Zulliger (FC, CF e C) com o aspecto formal do TPC (tapetes, formações e estruturas), considerando que a fundamentação teórica destes instrumentos sugere que estes indicadores evidenciam os níveis diferentes de integração da percepção da cor com a forma por meio do processo de desenvolvimento. Esta investigação foi realizada com amostra de 60 crianças de seis e 12 anos, dividida em dois grupos de 30 crianças de acordo com a sua faixa etária. Nesta investigação a presença da variável em foco foi representada por um ponto e sua ausência como zero, comparando-se os resultados médios dos dois grupos (Teste *t* de *Student*), verificando-se diferença significativa entre a produção das crianças de seis e de 12 anos. As crianças menores apresentaram produção maior de tapetes e as crianças mais velhas produziram mais estruturas, consideradas mais elaboradas, evidenciando maior grau de maturidade afetiva e cognitiva no grupo mais velho. Estes dados fortalecem as evidências de sensibilidade e validade do TPC para avaliar aspectos do

desenvolvimento afetivo e cognitivo. No teste de Zulliger as respostas cor apresentaram significativa correlação apenas com o aspecto formal (presença de estruturas) no TPC no grupo de crianças de 12 anos. Todas as outras correlações com as respostas cor no Zulliger não corresponderam às hipóteses iniciais. As pesquisadoras argumentam que estes dados sugerem que as relações entre cor e forma no Zulliger parecem se associar de forma diferente ao que ocorre no TPC. Este estudo contribuiu também para demonstrar a importância das investigações de validação dos instrumentos de avaliação psicológica para o aprimoramento das teorias psicológicas (Primi, 2010).

Cardoso e Capitão (2007) investigaram a validade do Teste de Pfister na avaliação de crianças surdas. A amostra deste estudo foi composta de 118 crianças de seis a 12 anos, sendo 37 destas crianças ouvintes e 81 crianças surdas. As crianças surdas apresentaram diferenças estatisticamente significativas em relação ao grupo controle de crianças ouvintes apenas na frequência da cor violeta, sugerindo vivências de maior ansiedade em portadores de surdez. As crianças ouvintes produziram pirâmides com indicadores de maior aprimoramento na organização formal. Neste instrumento, o aspecto formal das pirâmides tende a indicar o grau de amadurecimento da organização afetiva e cognitiva, fundamentando a investigação sobre a possível influência dos modelos educacionais no desenvolvimento das crianças surdas. Aquelas que receberam modelo educacional do tipo oral (“oralizado”), onde há incentivo à integração na escola regular com objetivo de estimular o desenvolvimento da comunicação auditiva e leitura orofacial, apresentou sinais de maior organização cognitiva no TPC do que os demais métodos educacionais. Trata-se, portanto, de evidência importante sobre a validade e sensibilidade deste teste para examinar crianças com este tipo de deficiência e seus processos de desenvolvimento. Neste contexto, o Teste das Pirâmides Coloridas do Pfister (TCP) pode servir como instrumento auxiliar na avaliação e fortalecimento de recursos que possam favorecer o melhor desempenho destas crianças no ambiente escolar.

Ainda na direção de investigar as possibilidades deste instrumento se mostrar sensível a características pertinentes a cada fase de desenvolvimento, encontrou-se também o estudo de Villemor-Amaral et al. (2012). Examinaram as produções de 85 crianças de seis e 12 anos, buscando verificar possíveis diferenças no desenvolvimento afetivo e cognitivo a partir da produção no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Foi possível identificar significativa maior frequência da cor amarela e da Síndrome Estímulo nas crianças de seis anos. Por outro lado, as crianças de doze anos apresentaram frequência significativamente maior das cores branca e preta, quando comparadas às crianças menores.

Um estudo apresentou evidências de validade incremental do TPC, ou seja, investigava a coerência entre as informações geradas sobre uma mesma pessoa a partir de dois métodos projetivos diferentes, buscando fortalecer a concepção da necessidade de se utilizar diferentes instrumentos no processo de avaliação psicológica (Villemor Amaral & Franco, 2012). Este estudo também procurava compreender em que medida as estratégias qualitativas e que usam casos clínicos podem ser úteis ao processo de validação de métodos projetivos de avaliação psicológica. Este estudo comparou a produção de 10 toxicômanos brasileiros com 10 toxicômanos franceses, avaliados pelo Método de Zulliger e pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, tomando-se como referencial teórico a abordagem da Psicopatologia Fenômeno-Estrutural. A coleta de dados, realizada em dois contextos culturais diferentes, envolveu participantes com idade entre 21 e 45 anos e baixo nível de escolaridade, que variava em torno de oito anos. A análise do conjunto dos achados apontou que os grupos se mostraram semelhantes nas produções diante dos dois métodos projetivos. A única característica que apresentou diferença estatisticamente significativa na sua frequência foram os indicadores do relacionamento interpessoal do Teste de Zulliger, com destaque para o dado que apontou que 90,0% dos usuários de drogas do Brasil apresentaram índices que refletiam claramente prejuízos nesta dimensão.

Em síntese, pode-se apontar que o conjunto das publicações sobre o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister do atual levantamento bibliográfico fortaleceram evidências psicométricas que dão sustentação às interpretações dadas ao teste, contribuindo com referenciais normativos,

evidências de validade, evidências da sensibilidade avaliativa do teste para medir um construto teórico ou traço de comportamento ao qual ele se propõe (Urbina, 2007). Desse modo, reforçam-se as possibilidades para seu uso profissional no Brasil.

Em sequência julgou-se adequado sistematizar os estudos identificados com o Psicodiagnóstico de Rorschach, tratando especificamente de suas qualidades psicométricas. Esses dados compõem a Tabela 2.

Tabela 2: *Estudos psicométricos realizados no Brasil sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach, identificados no período 2000-2013.*

Ano	Autoria	Título	Objetivos	Principais achados
2002	Nascimento	Estudo normativo do Rorschach (SC) para a cidade de São Paulo.	Construir normas atualizadas para a utilização do Rorschach (SC).	Os resultados apresentaram diferenças estatisticamente significativas quando comparadas às normas de Exner, mas apresentaram similaridades com os estudos conduzidos em outros países, especialmente os de origem latina. Sinais de que diversas variáveis do Rorschach podem sofrer influências culturais.
2006	Nascimento	Estudo normativo do Rorschach para São Paulo: Resultado dos Índices PTI, SCZI, DEPI, CDI, HVI, OBS, S-Com	Apresentar os resultados dos índices especiais do Sistema compreensivo encontrados no estudo normativo do Estado de São Paulo.	Os índices apresentaram diferença estatisticamente significativa quando comparados com o grupo de Exner. As diferenças encontradas entre a capital e o interior do estado de São Paulo apontam para a sensibilidade e validade do Rorschach em relação a influências culturais que afetam a organização psíquica das pessoas.
2006	Villemor-Amaral e Pasqualini-Casado	A cientificidade das técnicas projetivas	Reflexões sistemáticas sobre as críticas feitas aos métodos projetivos.	O rigor psicométrico garante confiabilidade aos instrumentos projetivos e as investigações com o objetivo de produzir evidências de validade devem continuar. Entretanto, os métodos projetivos favorecem a compreensão de aspectos complexos e singulares da natureza humana e por isso não podem ser apreendidos apenas pelos clássicos parâmetros psicométricos utilizados para avaliar outros testes.
2006	Graeff e Vaz	Personalidade de Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDH) por meio do Rorschach	Buscou-se nesta investigação avaliar aspectos da personalidade de crianças com TDAH a partir da Técnica do Rorschach	Foram encontrados indicadores no Rorschach que confirmaram a hipótese de menor desempenho das crianças com TDAH em relação a crianças sem TDAH. As crianças com TDAH apresentaram indicadores de impulsividade (FM e CF) em índices mais elevados, indicativos de maior dificuldade de controle emocional do que o grupo controle. O estudo, assim, apresentou indicativos de validade teste critério para TDAH em crianças.
2006	Santos e Vaz	Representação de Objeto e Organização Psíquica: Integração dinâmica dos dados do Rorschach	Revisar os estudos sobre as representações temáticas e conteúdos presentes nas verbalizações do Psicodiagnóstico de Rorschach.	As teorias que se apoiam nos conceitos de Representação de Objeto tem se mostrado úteis e válidas na integração dinâmica dos dados do Rorschach. Evidência de validade teórica do Método de Rorschach.

Ano	Autoria	Título	Objetivos	Principais achados
2008	Muniz e Primi	Inteligência emocional e personalidade avaliada pelo Método de Rorschach	Verificar evidência de validade (correlação entre testes medindo construtos relacionados).	Indicadores reduzidos de evidência com base na correlação dos indicadores dos testes (Rorschach e MSCEIT) para verificar o construto de personalidade e inteligência emocional.
2008	Farah e Villemor-Amaral	O transtorno do Pânico e o Rorschach no Sistema Compreensivo.	Verificar se os sinais típicos de ansiedade (SC) contribuem para identificar pacientes com Pânico	Os resultados apresentaram as variáveis m, SumC, WSumC em frequência elevada, assim como a variável Food. Sugerem que o Rorschach é um instrumento que possui indicadores válidos na identificação de sujeitos com Transtorno do Pânico.
2009	Nascimento, Pedroso e Souza	Método de Rorschach na avaliação psicológica de crianças: uma revisão de literatura.	Revisar os estudos empíricos nacionais e internacionais sobre a avaliação psicológica em crianças com o uso do Teste de Rorschach.	O Rorschach é um teste importante no processo de psicodiagnóstico infantil, apesar de necessitar de outros instrumentos que auxiliem e ampliem as investigações terapêuticas.
2009	Bastos e Vaz	Estudo correlacional entre neuroimagem e a técnica de Rorschach em crianças com Síndrome de Tourette.	Comparação e correlação entre os resultados dos instrumentos Rorschach e a Cintilografia na Síndrome de Tourette.	Foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre as alterações neurofuncionais e as variáveis G (Global), S (Espaço Branco), F- (Forma mal vista), D (Detalhe comum), TR (Tempo de Reação), apontando evidências positivas da possibilidade de estabelecer correlações entre o Rorschach e os achados de Cintilografia.
2009	Deakin e Nunes	Abandono de psicoterapia em Crianças	Verificar características facilitadoras da aderência ao tratamento psicoterápico de crianças	As crianças que tendem a se beneficiar de uma psicoterapia psicanalítica são as do sexo feminino com transtornos internalizantes e maior descontrolo das emoções e dos impulsos e que recebem intervenções duas vezes por semana por, pelo menos, 12 meses.
2009	Scortegagna e Villemor-Amaral	Autopercepção no Rorschach de vítimas de abuso sexual infantil	Evidências de validade do Rorschach como instrumento de avaliação psicológica de vítimas de abuso sexual.	O Rorschach tem apresentado indicadores válidos para identificar e compreender sujeitos que tenham vivências de abuso sexual.
2009	Resende, Viglione e Argimon	As diferenças entre os gêneros na Esquizofrenia através da técnica do Rorschach.	Investigar a ocorrência de diferenças de gênero na Esquizofrenia por meio do Rorschach.	As diferenças entre os gêneros, encontradas na produção de pacientes esquizofrênicos, não foram encontradas nas amostras normativas. Estudo apresenta dados normativos para o grupo clínico e boas evidências de validade do Rorschach no Brasil.
2010	Pianowski e Villemor-Amaral	Localização e qualidade formal do Rorschach-SC no Brasil: validade com não pacientes	Elaboração de dados normativos do Rorschach (SC) para a população Brasileira.	Algumas variáveis apresentaram diferenças em relação a amostra normativa dos Estados Unidos da América. Isto aponta a necessidade e validade de padrões normativos específicos.
2011	Silva e Ferreira	Cor e produção de respostas ao Rorschach: Um estudo transcultural.	Investigar fatores que podem estar associados ao fenômeno cor no Rorschach (cor aumenta o número de respostas no adulto, mas não na criança).	Os resultados obtidos sugerem que o desempenho da percepção cromática se processa diferentemente nos dois grupos avaliados (origem portuguesa e moçambicana) e que a sua natureza está ligada a fatores sociais, ecológicos e culturais próprios.
2011	Ribeiro, Semer e Yazigi	Normas do Rorschach-SC para Crianças Brasileiras de escolas públicas e particulares	Construir tabelas normativas do Rorschach-SC para crianças brasileiras.	Normatização do Rorschach em crianças. Os dados encontrados apontam a importância de um investimento contínuo em normas que levem em consideração o nível socioeconômico.

Ano	Autoria	Título	Objetivos	Principais achados
2012	Resende e Argimon	A técnica do Rorschach e os critérios da CID-10 para o diagnóstico da esquizofrenia	Investigar possíveis relações entre variáveis desses dois instrumentos referentes ao diagnóstico de Esquizofrenia.	As correlações encontradas foram consideradas reduzidas. Entretanto, as correlações mais salientes observadas neste estudo são logicamente plausíveis e teoricamente consistentes, evidenciando certo grau de validade convergente entre os instrumentos utilizados.
2012	Cardoso e Santos	Avaliação psicológica de pacientes com anorexia nervosa e bulimia nervosa: indicadores do Método de Rorschach	Verificar os indicadores no Rorschach que contribuem na identificação e compreensão dos transtornos alimentares.	Os pacientes com transtorno alimentar apresentaram prejuízo na capacidade produtiva, inibida por fatores afetivos. A constante invasão de cargas afetivas favorecem a tendência a ansiedade, inquietação e isolamento social.
2012	Marques e Chaves e Yazigi	Estudo Parcial da validação do Atlas do Rorschach Sistema Compreensivo em amostra de pacientes psiquiátricos de São Paulo.	Validação do Atlas comparando as variáveis X+%, XA%, WDA%, X-%, Xu% entre pacientes psiquiátricos e a amostra normativa.	A localização e lista de qualidade formal do atlas da amostra normativa brasileira mostram-se válidos para discriminar graus de comprometimento perceptivo.
2012	Balbi-Neto e Queiroz	Indícios de validade do Déficit Relacional no Método de Rorschach para a população adulta não paciente.	Buscar indícios de validade do Índice de Déficit Relacional em universitários avaliados como positivos para CDI.	Os resultados apontam que os participantes têm dificuldades em lidar com a demanda social. Apresentam sinais de relacionamentos afetivos, mas pouco íntimos, com distanciamento, conflito e desrespeito com o pai e desentendimentos com a mãe.
2013	Scortegagna e Villemor-Amaral	Perda Traumática e desamparo: análise qualitativa das respostas no Rorschach	Comparar as respostas movimento inanimado (m) e conteúdo sangue do Rorschach entre o grupo de vítimas e de não vítimas de abuso sexual.	Os resultados auxiliam nas práticas avaliativas, ilustram os efeitos do abuso sexual e ratificam a validade do Rorschach para abordagem idiográfica, proveniente da análise qualitativa das respostas.

Foram encontrados 20 trabalhos publicados no período de 2002 a 2013 sobre o Método de Rorschach no Brasil que estavam dentro dos critérios de inclusão acima especificados. Este é o método projetivo de avaliação psicológica que concentra o maior número de publicações científicas no contexto nacional (Villemor-Amaral, 2006).

Neste levantamento, assim como no Teste das Pirâmides de Pfister, destaca-se inicialmente uma preocupação voltada para os referenciais normativos do Método de Rorschach nos dois sistemas avaliativos mais utilizados no Brasil: Sistema Compreensivo e Escola Francesa.

Pasian e Loureiro (2010) comentam que os padrões normativos sempre se constituíram em uma preocupação e cuidado presente desde a origem do Rorschach, sendo cada vez mais

pertinentes diante da “*intensa velocidade das mudanças socioculturais*” (p. 36). Pasian (2011) descreve esforços e uma linha investigativa voltada ao desenvolvimento de padrões normativos para métodos projetivos de avaliação psicológica no contexto do Brasil. Dessa forma, nos últimos anos esta pesquisadora descreve as investigações no formato de mestrado e doutorado com o Método de Rorschach (Escola Francesa) que tem conduzido com a intenção de construir padrões normativos atualizados para as faixas etárias do seis aos 59 anos, ou seja, crianças, adolescentes e adultos brasileiros (Pasian, 1998; Fernandes, 2010; Raspantini, 2010; Jardim-Maran, 2011; Cury-Jacquemim, 2012).

No formato de artigos, foco específico deste levantamento, foram encontrados ainda quatro artigos publicados no Brasil que investigavam padrões normativos do Rorschach no Sistema Compreensivo. São estes: Nascimento (2002 e 2006); Pianowski e Villemor Amaral (2010) e Ribeiro, Semer e Yazigi (2011).

As normas apresentadas na publicação de Nascimento (2002) foram o produto de uma coleta em amostra de 200 participantes não pacientes residentes na cidade de São Paulo, com idade variando entre 17 e 65 anos. O trabalho apresentou a produção desta amostra brasileira para o Rorschach comparando os dados com a amostra normativa de Exner (1999). O número de respostas (R) da amostra brasileira diferiu significativamente do R de Exner (1999), o que influenciou no resultado de quase todas as variáveis restantes deste método projetivo. A análise mais detalhada da produção da amostra brasileira apontou que a discrepância de resultados entre o grupo que apresentou protocolos longos e o grupo que apresentou protocolos curtos não apresenta sinais característicos de desajustes (diferença significativa no número de respostas, em Lambda, AdjD e X-% entre os grupos), reforçando, portanto, a hipótese de influências significativas da cultura na produção das respostas aos estímulos do Método de Rorschach. Estes dados ressaltam a importância da construção de padrões normativos específicos para cada grupo cultural.

Já o trabalho de Nascimento (2006) apresentou dados de 409 participantes, com resultados das constelações e índices especiais que podem ajudar a compreensão de características relevantes da estrutura de personalidade dos avaliados. Destacam-se algumas variáveis do SCZI (índices de esquizofrenia) e S-COM (constelação de suicídio), assim como diversas variáveis do CDI (índice de déficit relacional), frequentemente presentes na população brasileira. As alterações do SCZI assemelham-se aos resultados encontrados na Europa. A frequência dos códigos especiais críticos se mostrou mais acentuada no Brasil, em especial na capital de São Paulo. Esta presença sugere que as pessoas da capital demonstraram menos cuidados e críticas ao apresentar respostas bizarras, o que podia indicar pessoas menos convencionais. Os resultados apresentados pela amostra que reside na capital apontaram, também, maior número de pessoas com sinais de depressão, hipervigilância e sinais de possíveis desajustes no pensamento (SCZI e PTI). A frequência de participantes com OBS (Índice de estilo Obsessivo) se mostrou inferior ao estudo dos Estados Unidos da América. A frequência de DEPI (índice de depressão), no entanto, mostrou-se mais alta, assemelhando-se a resultados de outros países de origem latina como Portugal, Espanha e Venezuela. Estes dados apontaram, mais uma vez, para a influência de aspectos culturais relevantes na constituição psíquica dos sujeitos avaliados. Neste estudo, além da construção de parâmetros normativos atuais, o método de Rorschach demonstrou sensibilidade para apreender características que marcam diferenças entre o contexto de vida na capital e no interior do Estado de São Paulo.

O trabalho publicado por Pianowski e Villemor-Amaral (2010) também analisou a produção de uma amostra de 46 adultos comparativamente à amostra normativa americana de Exner (1999), encontrando diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas variáveis Dd, Dd99, XA%, X-%. Isto novamente aponta a necessidade de se ajustar com mais cuidado as características sociodemográficas da amostra para promover maior segurança nas

comparações dos resultados entre indivíduos de diferentes contextos socioculturais. Estes dados reforçam a importância das concepções do psicólogo no ato de avaliar e interpretar as informações fornecidas pelos métodos projetivos. Este profissional precisa ser capaz de usar os parâmetros normativos dentro de um contexto de compreensão da pessoa avaliada e não apenas de interpretação dos resultados dos métodos projetivos utilizados (Nascimento, 2002).

Ribeiro, Semer e Yazigi (2011) apresentaram tabelas normativas atualizadas de 113 variáveis do Método de Rorschach para a faixa etária de sete a 11 anos. Nesta faixa etária, Nascimento, Pedroso e Souza (2009) haviam apontado, por revisão bibliográfica, que o método de Rorschach é frequentemente utilizado para discriminar a influência de aspectos afetivos no desenvolvimento e desempenho cognitivo das crianças. Isto reforça a importância da investigação e construção de padrões normativos específicos que possam vir auxiliar os profissionais que investigam e constroem intervenções para esta faixa etária. As análises estatísticas inferenciais evidenciaram que as crianças de escolas particulares apresentavam um aumento estatisticamente significativo de R, SumY, Mistos e Índice de intelectualização em relação a crianças provenientes de escolas públicas. Estas, por sua vez, apresentaram um índice maior da variável Lambda. Estes dados apontam a importância de um investimento contínuo em normas que levem em consideração o nível socioeconômico e cultural.

Na Tabela 2 encontram-se também três artigos que contribuem com questões teóricas relevantes que subsidiam o uso e interpretações do Método de Rorschach (Villemor-Amaral & Pasquali-Casado, 2006; Santos & Vaz, 2006; Nascimento, Pedroso & Souza, 2009). As contribuições de Santos e Vaz (2006), associadas a Nascimento, Pedroso e Souza (2009) ressaltam o quanto é importante, na utilização de instrumentos psicológicos, a escolha do referencial teórico que fundamentará as interpretações dadas aos indicadores dos métodos projetivos. Estes artigos parecem concordar com os argumentos levantados por Bornstein (2010) em que os pressupostos da Teoria Psicanalítica são destacados como sendo coerentes e

estimuladores da integração de diversos indicadores dos métodos projetivos, constituindo-se como um caminho profícuo para análise dos resultados destes instrumentos.

Villemor-Amaral e Pasquali-Casado (2006) realizaram avaliação e reflexão sistemática sobre as críticas feitas aos métodos projetivos e em especial aos três instrumentos mais utilizados no Brasil e no exterior: Método de Rorschach no Sistema Compreensivo (SC); Teste de Apercepção Temática (TAT) e o Desenho da Figura Humana (DFH). As críticas se concentram em torno das dificuldades dos métodos projetivos apresentarem evidências psicométricas robustas para fundamentar a sua validade. Os autores apontam que estes instrumentos favorecem a compreensão de aspectos complexos e singulares da natureza humana que não podem ser apreendidos pelos mesmos parâmetros utilizados para avaliar outros métodos de exame psicológico. Defendem, entretanto, que estes instrumentos, são úteis e eficazes para construir propostas interventivas nos vários campos de atuação do psicólogo. Argumentam também que o rigor psicométrico garante confiabilidade aos instrumentos projetivos e que, diante disto, é importante que as investigações com o objetivo de produzir evidências de validade continuem. O trabalho apresenta também os esforços que têm sido feitos para produzir evidências de validade do Método de Rorschach, destacando quatro grandes estudos metanalíticos na última década. Todos demonstraram índices adequados de validade e confiabilidade do Rorschach, com coeficiente Kappa entre 0,79 e 0,88. Os argumentos e conceitos apresentados neste estudo funcionam como referência importante para a prática em pesquisa aplicada a respeito do Rorschach no contexto do Brasil.

Os artigos identificados na presente revisão bibliográfica também ressaltaram que além dos padrões normativos, os instrumentos de avaliação psicológica também precisam apresentar evidências de validade do tipo teste-critério. Estas evidências demonstram a capacidade do Método de Rorschach em identificar (com adequado grau de sensibilidade e especificidade) grupos de indivíduos que compartilham de características específicas de

funcionamento psicológico. Isto frequentemente auxilia o processo psicodiagnóstico, assim como a construção de intervenções apropriadas às demandas dos indivíduos. Foram encontrados 11 estudos trazendo este tipo de contribuição ao processo de validação do Rorschach no período de 2002 a 2013, realizados no Brasil. São eles: Graeff e Vaz (2006), Farah e Villemor-Amaral (2008), Muniz e Primi (2008), Deakin e Nunes (2009), Resende et al. (2009), Scortegagna e Villemor Amaral (2009), Resende e Argimon (2012), Cardoso e Santos (2012), Marques et al. (2012), Balbi-Neto e Queiroz (2012), Scortegagna e Villemor-Amaral (2013).

Graeff e Vaz (2006) estudaram os indicadores do Método de Rorschach que se apresentavam de forma específica nas crianças com TDAH. Para isto o Rorschach foi aplicado em uma amostra de 48 crianças na faixa etária de seis a 11 anos, divididos em grupo clínico ($n=24$) e grupo controle ($n=24$). Os resultados demonstraram que as crianças com TDAH apresentaram indicadores de produção e desempenho (R) em índice menor do que as crianças sem este déficit. As crianças com TDAH apresentam indicadores mais elevados de impulsividade (FM e CF) e dificuldade de controle emocional do que o grupo controle (índices mais baixos de F, sumF e F+, assim como índices mais elevados de CF). Diante de situações ansiogênicas, as crianças do grupo clínico mostraram-se mais apreensivas, tensas e inseguras do que as do grupo controle, aspectos estes evidenciados por índices mais altos do indicador S e choque de reação por aceleração.

Farah e Villemor-Amaral (2008) estudaram a validade do Rorschach na apresentação de indicadores significativos da Síndrome do Pânico. Este estudo foi realizado com amostra de 48 sujeitos, sendo 24 pacientes com transtorno de pânico e 24 indivíduos no grupo controle. Os resultados apontaram diferenças estatisticamente significativas entre o grupo controle e o grupo clínico nas variáveis m, SumC, WSumC, sendo que estes indicadores foram encontrados em frequência elevada no grupo clínico. A variável *Food* também

apresentou uma frequência marginalmente mais elevada no grupo de pacientes com transtorno de Pânico. Estas variáveis revelaram tendência destes pacientes em apresentar mais sinais de comportamento dependente e imaturo, comparativamente ao grupo controle. A produção de portadores da Síndrome do Pânico apresentou ainda indicativos de que a falta de controle ideativo tende a ocorrer no grupo clínico.

Muniz e Primi (2008) avaliaram a produção de 80 policiais na busca de correlações entre o Método de Rorschach e o MSCEIT, que é um teste de inteligência que possui indicadores de inteligência emocional. Do ponto de vista teórico, a relação entre a afetividade e o desempenho cognitivo já é apresentada como hipótese plausível e estabelecida. Entretanto, ao se buscar os índices de correlação das variáveis que medem este construto, os dois instrumentos de avaliação psicológica utilizados nesse estudo apresentaram baixa correlação de resultados. Dentre as 72 hipóteses de correlações examinadas, foram encontradas apenas quatro correlações estatisticamente significativas, sugerindo reduzida associação entre o construto de inteligência emocional e personalidade. As correlações que se associaram foram: **1)** Facilitação e FC ($r=-0,41$, $p=0,01$); **2)** Transição com AFr ($r=-0,24$, $p=0,05$); **3)** Administração das emoções com a variável C'F ($r=-0,27$, $p=0,05$) e **4)** Subteste Sensação com a variável FY ($r=0,27$, $p=0,05$).

Por sua vez, o estudo sobre possíveis associações entre indicadores do Rorschach e a neuroimagem (instrumento da área médica) demonstrou correlações mais significativas. O estudo de Bastos e Vaz (2009) foi realizado com oito crianças diagnosticadas com a Síndrome de Tourette (ST), sem comorbidade psiquiátrica e oito crianças sem o diagnóstico de ST que constituíram o grupo controle. As crianças tinham idade entre nove e 10 anos. Foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre as alterações neurofuncionais e as variáveis G (Global), S (Espaço Branco), F- (Forma mal vista), D (Detalhe comum), TR (Tempo de Reação). Os índices de correlação apresentados nesta investigação apontam ser

possível estabelecer correlações positivas entre instrumentos projetivos e instrumentos da área médica.

Na sequência dos trabalhos identificados no presente levantamento bibliográfico, Deakin e Nunes (2009) compararam uma amostra de 24 crianças que completaram 12 meses de psicoterapia com uma amostra de 38 crianças que interromperam prematuramente o tratamento. Os dois grupos totalizaram uma amostra de 62 crianças que haviam iniciado o tratamento de psicoterapia. Foram utilizados os instrumentos: ficha de levantamento de dados sociodemográficos, Teste Gestáltico de Bender, Método de Rorschach, WISC III (Wechsler Intelligence Scale for Children) e Child Behavior Checklist (CBCL). Este estudo apontou que as crianças que tendem a se beneficiar de uma psicoterapia psicanalítica são as do sexo feminino que possuem transtornos internalizantes e maior descontrole das emoções (%CF) e dos impulsos (% m+ e mF). Estes indicadores apresentaram diferenças significativas entre os grupos. O fato de receberem tratamento duas vezes por semana por pelo menos 12 meses também se mostrou como condição facilitadora da aderência da criança ao tratamento.

Por sua vez, Resende, Viglione e Argimon (2009) apresentaram evidências estatisticamente significativas da validade do Rorschach para a compreensão da esquizofrenia. Este estudo encontrou diferenças significativas entre o gênero masculino e feminino nos indicadores de cognição, afetividade e relacionamento interpessoal na produção de 80 pacientes adultos diagnosticados com esquizofrenia. Os resultados apontam a mesma direção dos estudos epidemiológicos que tem demonstrado que esquizofrênicos do sexo masculino tem uma evolução mais grave do que pacientes do sexo feminino. Os autores ressaltaram ainda neste estudo que as diferenças aqui apontadas não foram encontradas nas amostras normativas, aspecto este coerente com a literatura científica que aponta diferenças de gênero no desenvolvimento e no prognóstico da esquizofrenia. Isto contribui na validação da técnica

como instrumento útil no estudo das diferenças de evolução clínica desse transtorno entre os gêneros.

Resende e Argimon (2012) investigaram as possíveis relações entre as variáveis da técnica do Rorschach (sistema de classificação de Kopfler) e os grupos de sinais e sintomas da CID-10 para a esquizofrenia. Participaram deste estudo 80 pacientes (entre 20 e 55 anos) com diagnóstico de esquizofrenia e sem comorbidade com o abuso de substâncias alcoólicas e/ou drogas. No período da avaliação, os participantes se encontravam diagnosticados e medicados. As principais correlações identificadas foram: a) critério 1 da CID-10 relacionou-se com o fenômeno de Perseveração no Rorschach; b) critério 2 da CID-10 com indicadores At, Sex, Hd e (Hd), (H+A)<(Hd+Ad), M- e Introversão no Rorschach; c) critério 3 da CID-10 apresentou associações significativas com as variáveis Autorreferência e Movimento Rorschach; d) critério 4 da CID-10 correlacionou-se de modo significativo às variáveis (H) e (Hd) no Rorschach; e) critério 6 da CID-10 associou-se às variáveis do Rorschach típicas de transtornos cognitivos graves (Neologismo, Negação, DR2, Contaminação e Confabulação no Rorschach; f) critério 7 da CID-10 esteve associado ao estilo de vivência Extroversivo do Rorschach; g) critério 8 da CID-10 “*convergiu para variáveis que indicam dificuldades para lidar com questões do o âmbito afetivo (Coartação, VIII+IX+X/R-rebaixado, ΣC', Σsombreado, Cor-Somb, MOR, SI).*” (p. 432) O critério 5 da CID-10 não esteve correlacionado a nenhuma das variáveis do Rorschach. Estes resultados apontaram que, embora existam correlações consistentes entre os dois instrumentos (critérios diagnósticos do CID-10 e indicadores do Rorschach), estas correlações não foram muitas e nem consideradas suficientemente expressivas. Entretanto, é necessário ressaltar que as correlações mais salientes observadas neste estudo são logicamente plausíveis e teoricamente consistentes, evidenciando certo grau de validade convergente entre os instrumentos utilizados. Esse estudo, que investigou evidências de validade critério pelo uso de provas que analisam as

relações entre as variáveis, também ressalta as limitações desta estratégia estatística na análise dos resultados dos métodos projetivos, voltados ao exame das particularidades dos indivíduos.

Cardoso e Santos (2012) investigaram evidências de validade teste-critério do Rorschach por meio da produção de 27 participantes diagnosticados com transtorno alimentar, sendo 23 mulheres e quatro homens na faixa etária de 15 a 23 anos. Dentre os participantes deste estudo, 41% apresentaram critérios diagnósticos de Anorexia e 59% de Bulimia. Esta amostra apresentou número de respostas ao Rorschach abaixo da média normativa, indicando prejuízo na capacidade produtiva inibida por fatores afetivos. Apresentaram indicadores do desejo de manter relacionamentos interpessoais, entretanto a invasão de cargas afetivas que tinham dificuldades de modular ($FC < CF + C$) e favoreciam a tendência ao isolamento social ($H\%$ rebaixado) associaram-se a sinais de ansiedade e inquietação ($FE < EF + E$). Este estudo apontou que o método de Rorschach possui indicadores que permitem contribuir para a compreensão dos pacientes portadores dos transtornos de Bulimia e Anorexia.

Marques, Chaves e Yazigi (2012) investigaram a possibilidade da lista da qualidade formal do atlas da avaliação do Rorschach no Sistema Compreensivo (SC) poder discriminar, de forma adequada, indivíduos típicos de pacientes psiquiátricos. Com este objetivo, compuseram amostra de 45 adultos que foram avaliados utilizando a Entrevista Clínica Estruturada para diagnóstico DSM-IV (SCID-I) e a Escala das Síndromes positivas e negativas (PANSS). Do total de participantes que compuseram a amostra, 23 pacientes psicóticos foram identificados pela SCID-I e 19 pacientes pelo PANSS. As variáveis $XA\%$ (forma apropriada estendida) e $X-\%$ (forma distorcida) apresentaram diferenças significativas entre a amostra de pacientes e a normativa, apontando que estas variáveis mostraram-se sensíveis para detectar nuances perceptivas. Diante disto, pode-se demonstrar que a localização e lista de qualidade formal do atlas da amostra normativa brasileira mostram-se válidos para discriminar graus de comprometimento perceptivo.

Em normatização recente do Sistema Compreensivo do Rorschach para população adulta de não pacientes no Brasil chama atenção o dado que o Índice de Déficit Relacional é o mais alto entre 14 países. Este índice é conhecido por fornecer dados relevantes sobre a adaptação social do indivíduo. Balbi-Neto e Queiroz (2012) investigaram esta diferença através de um delineamento qualitativo de pesquisa em que entrevistaram oito indivíduos, triados de uma amostra inicial de 27 participantes, que apresentaram pontuação positiva para CDI (Coping Déficit Index). As respostas destes oito participantes para a entrevista fenomenológica semiótica foram categorizadas seguindo os três passos da metodologia da linha teórica fenomenológica. São eles: descrição qualitativa, análise indutiva e interpretação. Os resultados apontaram que os participantes com CDI positivo realmente apresentaram dificuldades em lidar com a demanda social, alcançando relacionamentos afetivos, porém pouco marcados por intimidade. Apresentaram também sinais de distanciamento, conflitos e desrespeito no relacionamento com a figura paterna e desentendimentos com a figura materna. Estes dados são convergentes com os índices do CDI, apontando evidências de validade do Índice de Déficit Relacional (CDI) do Rorschach.

Em 2009, Scortegagna e Villemor-Amaral publicaram um artigo com a revisão bibliográfica de artigos indexados no Brasil, Cuba, Argentina e Chile, sobre o uso do método de Rorschach no sistema forense para compreensão e intervenção junto a vítimas de abuso sexual. Foram encontrados poucos trabalhos sobre o tema. Os trabalhos apontavam que o Rorschach tem sido utilizado para determinar ou confirmar sujeitos que tenham vivências de abuso sexual, assim como identificar consequências no desenvolvimento daqueles que tiveram estas experiências. Os elementos que surgem nos protocolos de sujeitos com história de abuso sexual são: Conteúdos de sexo, sangue com características mórbidas e indicadores de falha na percepção da realidade.

Frente a estes achados, Scortegagna e Villemor Amaral (2013) avaliaram 76 indivíduos na faixa etária de 10 a 14 anos, com nível socioeconômico médio e baixo. Estes participantes foram divididos em grupos de vítimas e não vítimas de abuso sexual. Os pesquisadores buscaram comparar as respostas de movimento inanimado (m) e de conteúdo sangue (Bl) do Rorschach entre o grupo de vítimas e de não vítimas de abuso sexual. As produções dos participantes no Rorschach foram classificadas pelo Sistema Compreensivo, identificando-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas respostas de movimento inanimado e de conteúdo sangue. O grupo de vítimas de abuso sexual apresentou maior frequência de resposta de conteúdo anatômico, mórbido, sexual e de qualidade formal negativa. Estes dados confirmam os resultados encontrados na revisão bibliográfica dos autores em 2009 e evidenciam a validade do teste para a avaliação de vítimas de abuso sexual.

Os dados apresentados até o momento evidenciam que o Método de Rorschach proporciona resultados bastante profícuos em termos de exame de características de personalidade, em diferentes faixas etárias e grupos de indivíduos. Estas evidências podem ser encontradas por estudos que utilizam diferentes delineamentos, tanto quantitativos quanto qualitativos. Isso destaca esse método projetivo como um candidato natural para investigações que buscam estabelecer evidências de validade com base na relação com outras variáveis, ou seja, em estudos de correlação, convergência e divergência de resultados empíricos.

O atual levantamento bibliográfico aponta dificuldades presentes na demonstração de correlações estatisticamente significativas entre os indicadores de diferentes métodos projetivos que se propõe a avaliar o mesmo construto (Cardoso & Capitão, 2006; Muniz & Primi, 2008; Franco & Villemor Amaral, 2009). Este aspecto tem se constituído em uma crítica recorrente aos instrumentos projetivos ao longo dos anos. Meyer (2001) ofereceu argumentos para o adequado enfrentamento desta crítica apontando que, embora muitas vezes

índices obtidos na correlação de variáveis dos testes psicológicos não se mostrem estatisticamente significativos, entretanto, podem fornecer informações importantes e subsidiar decisões relevantes na vida cotidiana dos indivíduos. Trata-se do constante desafio do profissional que realiza processos de avaliação psicológica: ter em conta a singularidade do indivíduo a sua frente, diante do fundo sociocultural e as expectativas desenvolvimentais em relação aos componentes internos em análise.

Ainda nesta direção, torna-se relevante lembrar que os processos mentais que discriminam a saúde da doença mental são comumente separados por uma tênue linha, diferindo apenas na intensidade dos mecanismos psíquicos. Além disso, estas nuances não podem ser avaliadas por um único indicador técnico, tornando-se necessária a interação de vários destes indicadores cuja possibilidade de arranjos são muito variadas para construir uma interpretação ou conclusão (Campos franco & Villemor-Amaral, 2009; Cardoso & Capitão, 2006). É necessário ainda lembrar que índices de correlação tendem a demonstrar correlações com tendências mais lineares (Cozby, 2009), o que no geral não acontece com os aspectos afetivos e/ou cognitivos dos seres humanos. Isso vem, mais uma vez, ressaltar a necessidade de se aprimorar as estratégias de estudo e investigação dos instrumentos projetivos de avaliação psicológica que apresentam comprovada utilidade clínica, mas também significativos desafios na produção das necessárias evidências de validade do tipo psicométrico.

Na tentativa de demonstrar a associação entre os indicadores de métodos projetivos comumente utilizados em processos de avaliação psicológica no Brasil foi possível encontrar apenas um estudo (Van Kolck, 1972), realizado há quase quatro décadas, que buscou estabelecer correlações entre os métodos projetivos Rorschach, PMK e Pfister. O estudo tinha como objetivo a validação do construto de introversão e extroversão no Teste das Pirâmides de Pfister. Para esta investigação, o pesquisador utilizou uma amostra de 97 sujeitos. Esta

amostra foi composta de 55 sujeitos do sexo masculino e 42 do sexo feminino na faixa etária de 19 a 54 anos, sendo a idade média 27 anos. Os sujeitos eram de nível sócio econômico médio e alto, sendo selecionados a partir de banco de dados de uma clínica psicológica institucional e outra parte provenientes de aplicação recente dos testes, por parte dos pesquisadores, deixando na amostra os casos considerados normativos (com indicadores de desenvolvimento típico). Os resultados das variáveis selecionadas foram submetidas ao cálculo do coeficiente de correlação de Pearson, a Análise Fatorial e a um exame de Consistência Interna, possibilitando diversas e interessantes conclusões. Nesse momento, destacam-se as de maior relevância para a atual investigação. São elas:

1. O sexo não funcionou como variável discriminadora da produção dos indivíduos nos testes.
2. O Rorschach e Pfister foram os métodos que mais apresentavam correlações significativas, embora ainda em quantidade reduzida.
3. As correlações entre os testes são de natureza variada e não uniforme.
4. No Rorschach, as variáveis estudadas correlacionaram-se entre si.
5. O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, O PMK e o Rorschach apresentaram poucas correlações significativas entre si, associado a evidências de isolamento de seus indicadores por meio da análise fatorial, revelando-se como instrumentos bem diferenciados. Os conceitos de Introversão – Extratensividade parecem ter significados diferentes nos testes estudados.

Estes achados reforçam a oportunidade e relevância investigativa desta vertente na atualidade. Em outras palavras, buscar as possíveis convergências entre indicadores técnicos dos métodos projetivos de avaliação psicológica constituem-se como desafios ainda pouco sistematizados no campo da investigação científica contemporânea, o que será abordado no presente trabalho.

Em linhas gerais, os dados da presente revisão bibliográfica confirmaram os principais pilares da avaliação psicológica, também já comentados por Primi (2010) e Pasian (2011).

Estes autores ressaltaram o quanto, nos últimos anos, a comunidade científica tem se empenhado para responder e superar as críticas feitas aos métodos projetivos. Ainda na mesma direção, torna-se importante destacar que as investigações têm apresentado importantes e positivas evidências de validade desses métodos. Fortalece-se, portanto, a sua utilidade para se apreender a diversidade humana, embora ainda se faça necessário mais investigações com instrumentos projetivos no contexto sociocultural brasileiro com o objetivo de aprimorar tanto as formas de investigação, assim como as evidências necessárias para a utilização mais eficiente dos instrumentos.

Este levantamento bibliográfico apontou ainda uma lacuna recorrentemente citada pela literatura científica da área relativa ao estudo dos processos psicológicos envolvidos em etapas específicas do desenvolvimento, sobretudo na infância e na adolescência (Cury-Jacquemin, 2012; Jardim, 2011; Meyer et al., 2007).

Silva e Ferreira (2011) foram um dos poucos autores que abordaram as técnicas projetivas no período da adolescência. Neste estudo investigaram o efeito da cor no Rorschach em grupos de voluntários em diferentes etapas do desenvolvimento. A amostra foi constituída de 60 participantes de 11 e 12 anos e outro de 60 adolescentes na faixa etária de 15-20 anos. Os dois grupos apresentavam uma distribuição homogênea por sexo e escolaridade. Os resultados apontaram que a cor no Método de Rorschach tende a reduzir as respostas no estágio das operações concretas, ou seja, no grupo das crianças. No grupo de jovens adultos a cor pareceu mobilizar um aumento na produção, apontando evidências que trazem novas perspectivas para se pensar e investigar os processos de avaliação psicológica infantil.

Além desse estudo, foram identificadas poucas investigações adicionais envolvendo avaliação de crianças e adolescentes. Foram encontrados, nesta revisão de literatura, cinco estudos que apresentavam a construção de dados normativos para o Brasil (Nascimento, 2002;

Nascimento, 2006; Pianowski & Villemor-Amaral, 2010; Ribeiro, Semer & Yazigi 2012; Bastos-Formighieri & Pasian, 2012), focalizando crianças, adultos ou idosos, sem estudos voltados para a adolescência. Isto evidencia o quanto esta fase do desenvolvimento ainda se encontra pouco abordada por esses métodos projetivos presentemente focalizados, a saber: Rorschach e Pfister. Pode-se notar, na presente revisão bibliográfica, que apenas quatro estudos (Cardoso & Capitão, 2006; Cardoso & Capitão, 2007; Villemor-Amaral et al., 2012; Villemor Amaral & Quirino, 2013) abordaram o período inicial da adolescência. A grande maioria das investigações científicas identificadas com o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister ou com o Método de Rorschach envolveram participantes acima de 18-19 anos, ou seja, grupo caracterizado como adulto-jovem ou adulto.

O atual contexto sociocultural contemporâneo, que impõe mudanças rápidas e desafios significativos para a construção da subjetividade, também pressiona sobre a necessidade de investigações voltadas para faixa etária da adolescência, com suas especificidades, assim como dos instrumentos que possam auxiliar a identificar dificuldades e construir adequadas estratégias de intervenção. Estes aspectos influíram no foco do presente trabalho, concentrando-se na investigação da adolescência por meio de métodos projetivos. Diante desta finalidade, uma breve caracterização sobre a etapa da adolescência será apresentada no próximo tópico.

I.3 Adolescência e estratégias para sua compreensão

Quando se pretende trabalhar com a adolescência, o que surge como primeira condição diz respeito a necessidade de se definir quem são os adolescentes. As particularidades dessa etapa do desenvolvimento humano trazem riqueza e dificuldades teóricas e práticas que vão desde o momento de se defini-la, compreendê-la, identificar os

fatores de risco nela envolvidos, até o processo de se construir intervenções adequadas. Estas dificuldades de constituição de parâmetros claros para definir e caracterizar a adolescência podem ser notadas desde a variabilidade da faixa etária na qual estes processos de mudança e adaptação tendem a ocorrer.

O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, 1990) define, em seu segundo artigo, o adolescente como o indivíduo que se encontra na faixa etária entre 12 a 18 anos completos. Trata-se, portanto, de um delineamento formal da adolescência, de modo apenas a circunscrever de modo concreto esta etapa do desenvolvimento denominada “adolescência”. Em 2011, A UNICEF (*United Nations Children's Fund*) apresentou um relatório sobre as condições atuais da adolescência ao redor do mundo, intitulado *The State of the World's Children*. Neste documento, a adolescência é formalmente delimitada como a faixa etária entre os 10 e os 19 anos.

Historicamente, o sociólogo Phillippe Ariès (1981) argumenta que a adolescência é um conceito presente de forma clara e definida apenas a partir do século XX. Antes disso, aparecia mesclada e confundida com os processos da infância, o que parece ter contribuído para a demora em se reconhecer e buscar investigar esta fase do desenvolvimento como um momento com características específicas e distintas da fase da infância e da fase adulta. Dentro da Psicologia, a tendência tem sido compreender o início da adolescência como sendo marcado pela puberdade, que vem dar início a mudanças físicas, psíquicas e sociais do indivíduo (Kalina & Grynberg, 1985). Na puberdade, o corpo é afetado por hormônios que promovem mudanças acentuadas e visíveis desde o real do corpo até o humor do adolescente. Esta mudança física coincide e interage com demandas sociais para que assuma novos papéis. Neste processo, há uma série de desafios e conflitos, psíquicos e sociais a serem vividos e resolvidos para que o sujeito possa se estabelecer como um indivíduo autônomo, característica predominante da fase adulta. A construção da identidade na adolescência implica em um

processo de separação da família de origem e construção de um núcleo próprio que envolve questões sobre a própria identidade sexual, profissional e econômica. Gomes (2010) afirma que: *“A puberdade é um destes processos violentos que revolucionam por imposição, o interior e o exterior do adolescente”* (p. 136). Atualmente, no entanto, algumas mudanças sociais tendem a alongar a duração do período da adolescência, produzindo alguns descompassos neste processo. Este mesmo autor descreve como a antecipação progressiva da menarca, dos 16 e 17 anos como ocorria no meio do século XIX até os 12 a 13 anos na década de 1990, vem trazendo a puberdade para cada vez mais cedo ao passo que a escolaridade e a entrada no mercado de trabalho ocorrem cada vez mais tarde. Este descompasso tende a produzir maiores conflitos, dificuldades adaptativas e consequentemente respostas de natureza agressiva, como atos de violência (Amparo et al., 2010).

Ao falar sobre esta etapa do desenvolvimento, as pesquisadoras francesas Emmanuelli e Azoulay (2008) argumentaram que o trabalho psíquico mais importante da adolescência é o da separação e da formação/fortalecimento da identidade. Considerando que o indivíduo se constitui na relação com o outro, a forma como ocorrem as separações e as identificações nesta etapa do desenvolvimento adquirem fundamental importância. Dentro deste contexto, três fatores são por elas pontuados como importantes para garantir um processo saudável de separação do outro e de reorganização da identidade. São eles: a) solidez e qualidade do sentimento de autoestima e continuidade do existir, construída até o momento; b) solidez dos limites (dentro e fora); c) solidez e qualidade dos objetos internalizados. Estes processos, no entanto, dependem do tipo e qualidade dos relacionamentos construídos ao longo da história de vida do indivíduo e isto também tem sofrido acentuadas modificações no contexto da modernidade.

Bauman (2001) nomeia o atual contexto sociológico como modernidade líquida. Este autor aponta que, dentro do contexto atual, os vínculos construídos tendem a não

apresentarem um padrão específico e nem serem necessariamente duradouros. Os vínculos tendem a se modificarem com o objetivo de se moldarem a necessidades e conveniências das pessoas envolvidas. Apresentam-se, assim, em diversos formatos. Gomes (2010) também contribui nesta direção afirmando que: “*A torrente do novo é tão rápida que passa a prevalecer a experimentação*” (p. 128). Isto implica em alterações importantes para o que é o fundamento da construção da identidade dos adolescentes, ou seja, os vínculos. Gomes (2010) comenta ainda que o tipo de interação mais comum na vida dos adolescentes atualmente são aquelas estabelecidas entre os grupos da mesma faixa etária, favorecendo, portanto, a socialização intragrupal e intrageracional. Este autor afirma que a tendência atual é “*encolher a socialização vertical (intergeracional) em detrimento da horizontal*” (p. 128). Este contexto levanta a questão sobre possíveis modificações nos processos de constituição dos limites entre o dentro e fora, a percepção do outro e o sentimento de autoestima, aspectos considerados como importantes para a solidificação da identidade do adolescente.

Zahn-Wexler, Shirlcliff e Marceau (2008), por sua vez, apresentaram ampla revisão bibliográfica sobre as diferenças de gênero no desenvolvimento de psicopatologias na infância e na adolescência. Neste estudo, esses pesquisadores apontaram que a adolescência é o período de maior índice de desenvolvimento de psicopatologias para ambos os sexos. Apontaram que os adolescentes do sexo masculino tendem a apresentar mais disfunções associadas ao comportamento social agressivo, enquanto os do sexo feminino apresentaram maior índice de dificuldades associadas à depressão. Estes dados e questões contribuem para enfatizar a necessidade e importância de se investigar como se organizam psiquicamente, na atualidade, os adolescentes, identificar possíveis fatores de risco e construir adequadas intervenções voltadas para as demandas atuais desta faixa etária.

Os métodos projetivos têm se mostrado adequados e sensíveis instrumentais para se investigar estes processos internos durante a adolescência, nomeadamente o Método de

Rorschach e o Teste de Apercepção Temática, muito utilizados nas pesquisas na França (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

A utilidade dos métodos projetivos na compreensão da dinâmica que envolve a relação dos adolescentes com seus objetos internos e a realidade exterior foi também destacada na pesquisa realizada por Archer, Maruish, Imhof e Piotrowski (1991). Estes pesquisadores realizaram um levantamento de informações com objetivo de verificar como os psicólogos que atuavam especificamente com adolescentes, dentro dos Estados Unidos da América, estavam fazendo uso de testes psicológicos em processos de avaliação psicológica. Foram enviados questionários a 600 psicólogos que tinham suas práticas registradas como profissionais que trabalhavam com adolescentes. Este levantamento procurava verificar como e quais testes eram os mais utilizados nos processos de avaliação psicológica. Obteve-se um índice de 36% de retorno dos questionários. Dentre estes, 165 respondentes apresentaram dados considerados válidos pelos pesquisadores. Os achados apontaram as Escalas Wechsler como o teste de inteligência mais utilizado, o Método de Rorschach como o teste projetivo mais utilizado e o Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota (MMPI) como o instrumento objetivo mais utilizado para avaliação da personalidade. Dentre os dez testes psicológicos mais utilizados encontraram ainda outros métodos projetivos, como o Teste de Apercepção Temática (TAT), diversos testes gráficos, testes de completar frases e o Teste de Bender.

Quase uma década mais tarde, Archer e Newson (2000) decidiram refazer esse estudo para verificar quais os testes que ainda figuravam dentre os mais utilizados por psicólogos que atuavam com adolescentes nos Estados Unidos da América. Desta vez, 346 psicólogos responderam ao levantamento, sendo que utilizavam 45% do seu tempo profissional especificamente no atendimento de adolescentes, ou seja, estavam diretamente envolvidos na atuação prática com esta faixa etária. Destes psicólogos, 36% utilizavam testes psicológicos

em processos de avaliação psicológica de adolescentes. Estes psicólogos tinham uma média de 13 anos de prática profissional e a maioria tinha titulação de doutorado (95%). Os testes psicológicos mais referidos como utilizados por estes profissionais continuavam sendo: Escalas Wechsler de avaliação intelectual, Método de Rorschach, Teste de Apercepção Temática (TAT) e o Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota (MMPI). Estes dados foram, portanto, em vários aspectos, semelhantes aos identificados no levantamento anterior (Archer et al., 1991). Nos dois levantamentos realizados, ficou evidente a forte recorrência aos testes psicológicos nos processos de atendimento da população adolescente nos Estados Unidos. Segundo as pesquisas, os profissionais tendem a mesclar, em sua prática, métodos de avaliação objetiva e métodos projetivos de avaliação psicológica, de modo a coletar dados que possam efetivamente ajudar o seu trabalho de compreensão e intervenção com os adolescentes.

Estes achados apontam a relevância do uso dos instrumentos padronizados de investigação psicológica na busca de compreensão dos processos intrapsíquicos da adolescência. Entre esses, os métodos projetivos tendem a oferecer informações específicas que contribuem significativamente na compreensão e elaboração de estratégias interventivas voltadas para a adolescência, em especial nos contextos clínico e institucional. Além disso, no levantamento bibliográfico realizado nesse trabalho, não foi identificado estudo que operacionalizasse estratégias de comparação e tentativas de associação entre indicadores técnicos do Método de Rorschach e do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Como já citado anteriormente neste trabalho, o estudo de Van Kolk (1972), único encontrado na literatura científica brasileira, investigando as possíveis associações destes indicadores, foi realizada com a população adulta e há mais de quatro décadas.

Considerando que a associação destes dois instrumentos tende a fornecer dados relevantes para os psicólogos que trabalham com técnicas projetivas, o presente trabalho

buscou investigar as possibilidades de convergência entre indicadores técnicos do Método de Rorschach e do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister que, teoricamente, avaliam o mesmo construto. Além disso, focalizar-se-á a faixa etária da adolescência, de modo a atender a uma demanda contemporânea de estudos voltados para essa especial etapa do desenvolvimento.

II OBJETIVOS

II.1 Geral

O presente estudo tem como objetivo examinar indicadores de validade relativos ao Psicodiagnóstico do Rorschach e ao Teste das Pirâmides Coloridas do Pfister, centrando-se na etapa da adolescência. Pretende-se identificar evidências de validade do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister em adolescentes, a partir de convergências de seus indicadores técnicos (relativos ao funcionamento afetivo e cognitivo) com dados do Método de Rorschach (Escola Francesa). Procurar-se-á, em outras palavras, demonstrar possíveis associações entre indicadores destes dois métodos projetivos de avaliação psicológica, voltados ao exame da personalidade, aplicados em adolescentes.

II.2 Específicos

II.2.1. Caracterizar o padrão geral de respostas de adolescentes não pacientes aos métodos projetivos de Pfister e de Rorschach, verificando-se eventuais diferenças em função da origem escolar (pública ou particular).

II.2.2. Examinar a convergência entre indicadores técnicos relativos ao funcionamento cognitivo de adolescentes não pacientes, a partir de resultados obtidos no Teste de Pfister (aspectos formais, escolhas e síndromes cromáticas) e no Método de Rorschach nas variáveis relativas aos índices de produtividade (número de respostas, tempos de reação), modos de apreensão (G%, D%, Dd% e Dbl%) e principais determinantes (F%, F+ %, K%).

II.2.3. Identificar possíveis associações e correlações entre indicadores técnicos relativos ao funcionamento afetivo de adolescentes não pacientes, a partir de resultados obtidos no Teste de Pfister (escolhas das cores, síndromes e fórmula cromáticas) e no Método de Rorschach (sobretudo as fórmulas afetivas, principais conteúdos H% e A% e banalidades).

III MÉTODO

Trata-se de um estudo pautado em métodos de avaliação psicológica de natureza projetiva, embasado em recorte transversal, com delineamento descritivo e correlacional de indicadores técnicos.

III.1 Características da região fonte do estudo

O estudo foi realizado em duas cidades do interior de São Paulo: Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. Estas cidades estão situadas na esfera de 180 km uma da outra, possuindo em comum um padrão sociocultural ligado ao agronegócio e à prestação de serviços, bastante frequente no território nacional.

Os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa) apresentados no censo de 2010 apontam a cidade de São José do Rio Preto com uma população de 408.258 habitantes e Ribeirão Preto uma população de 604.682 habitantes. Estas duas cidades possuem Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) próximos, sendo o de São José do Rio Preto estimado em 0,834 e o de Ribeirão Preto em 0,855, levemente superiores ao índice geral IDH do Estado de São Paulo. Ribeirão Preto se destaca como um importante polo de educação e pesquisa na região. Por sua vez, São José do Rio Preto também sedia Universidades públicas como a Unesp (Universidade do Estado de São Paulo) e Famerp (Faculdade de Medicina de Rio Preto), constituindo-se como importante centro médico da Região Noroeste de São Paulo e Sul do Mato Grosso do Sul.

Estes dados gerais relativos às regiões que funcionaram como fontes do estudo apontam similaridades entre as duas cidades, de modo que se considerou viável coletar dados nestes centros urbanos. Compôs-se, assim, amostra com características socioculturais

homogêneas para subsidiar o estudo de possíveis convergências entre resultados de dois métodos projetivos de avaliação psicológica aplicados em adolescentes com desenvolvimento típico. Posteriormente esses achados poderão ser transpostos a outros locais de contextos similares, razão de sua breve apresentação nesse momento do trabalho.

III.2 Participantes

Participaram do estudo um total de 97 estudantes de 12 a 14 anos de idade, de ambos os sexos (sendo 48 do sexo masculino e 49 do sexo feminino), todos voluntários devidamente autorizados para o estudo por seus pais ou responsáveis legais. Esta amostra caracteriza-se como sendo não probabilística e de conveniência, buscando-se estudantes que demonstrassem interesse em participar da pesquisa, uma vez que diversos autores que trabalham com métodos projetivos (Anzieu, 1986; Cunha, 2000; Chabert, 2004; Villemor-Amaral, 2005) ressaltam a importância do efetivo envolvimento dos sujeitos para a obtenção de dados que possam refletir os próprios indivíduos avaliados.

Com base nos objetivos delineados, foram examinados 54 adolescentes de duas escolas particulares de São José do Rio Preto (SP). O público atendido por essas instituições educacionais corresponde a um padrão econômico de classe média da cidade. Uma das escolas era de grande porte, com aproximadamente mil alunos, atendendo desde a educação infantil até o final do ensino médio, com turmas de aproximadamente 30 alunos. A outra escola colaboradora era uma escola pequena, com aproximadamente 100 alunos, distribuídos em turmas de oito a dez alunos, atendendo a educação infantil e ensino fundamental I e II.

Nas duas escolas foram entregues um total de 118 envelopes (contendo carta de convite ao estudo, termo de consentimento livre e esclarecido e questionário sobre histórico de vida) a estudantes que sinalizaram disposição inicial em participar da pesquisa. Destes, 29

retornaram em branco, entendido como recusa ao estudo. Outros 15 casos (16,6%) preencheram os critérios de exclusão do presente estudo, sendo: a) dois voluntários excluídos por repetência escolar; b) 13 voluntários (11,0%) excluídos pelo uso de medicamentos psicotrópicos ou neurolépticos no último ano de vida.

Neste processo 74 estudantes preencheram os critérios de inclusão nesse estudo, sendo efetivamente avaliados 54 dentro do período disponibilizado pela escola para a coleta de dados (de abril até início da segunda quinzena de novembro de 2012). Dentro deste período, os voluntários foram aleatoriamente selecionados entre os devidamente autorizados, conforme disponibilidade pessoal para as atividades. Esse total de estudantes (n=54) foi considerado suficiente para a realização do presente trabalho (em termos numéricos e de diversidade de estudantes em função do sexo e idade), frente aos objetivos propostos e procedimentos de análise dos dados. Contudo, há que se ressaltar que a amostra alcançada constituiu-se por viabilidade prática, de modo a tornar possível o trabalho dentro do tempo disponível.

Além desses, foram utilizados dados de outros 43 adolescentes de Ribeirão Preto (SP), de mesmas características sociodemográficas, existentes no Banco de Dados do Centro de Pesquisa em Psicodiagnóstico (CPP) do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Os participantes selecionados deste banco de dados também atendiam aos critérios de seleção de participantes estabelecidos neste estudo. Desse segundo conjunto de adolescentes, apenas oito eram provenientes de uma escola particular, sendo os demais 35 estudantes de duas escolas públicas de Ribeirão Preto.

Este processo de constituição da amostra pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1: *Percurso amostral do estudo*

Decorrente desse processo foi possível constituir a amostra do presente trabalho. A caracterização da amostra estudada em função da idade, do sexo e da procedência escolar encontra-se na Tabela 3.

Tabela 3: Caracterização da amostra de estudantes (n=97), em função da idade, do sexo e da origem escolar.

Idade	Sexo	Origem Escolar		Subtotal	TOTAL
		Pública	Particular		
12 anos	Masculino	9	9	18	38
	Feminino	9	11	20	
13 anos	Masculino	6	12	18	33
	Feminino	3	12	15	
14 anos	Masculino	5	7	12	26
	Feminino	3	11	14	
TOTAL		35	62		97

A procedência escolar é uma variável que pretende representar as condições socioeconômicas que podem intervir no amadurecimento cognitivo e afetivo dos adolescentes, portanto, na produção destes nos instrumentos de avaliação psicológica utilizados nesta investigação. Para fortalecer esses indicativos, no entanto, também se tentou caracterizar o nível de escolaridade dos pais dos adolescentes, respeitando-se seu agrupamento em função da origem escolar (pública ou particular). Esses dados estão apresentados na Tabela 4. Note-se que houve 10 casos onde essa informação referente à escolaridade dos pais não foi coletada.

Tabela 4: Escolaridade dos pais em função da origem escolar dos adolescentes (n = 97).

Escolaridade dos Pais	Escola Pública		Escola Particular		TOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Fundamental I	5	14,3	-	-	5	5,2
Fundamental II	9	25,7	3	4,8	12	12,4
Ensino médio	12	34,3	13	21,0	25	25,8
Superior	3	8,6	42	67,7	45	46,4
Sem informação	6	17,1	4	6,5	10	10,3
TOTAL	35	100,0	62	100,0	97	100,0

Foi possível notar diferenças estatisticamente significativas na distribuição da escolaridade dos pais em função da escola frequentada pelos adolescentes no momento atual. Desse modo, o percentual de pais com escolaridade superior (completa ou incompleta) mostrou-se significativamente superior no grupo da escola particular. Por outro lado, o percentual de pais que tem apenas o nível de Fundamental I e o Fundamental II (completo ou incompleto) foi significativamente maior no grupo da escola pública. Este dado aponta que esta variável pode ser representante de diferenças socioeconômicas e culturais importantes, passíveis de influir sobre o processo de desenvolvimento do adolescente. Desse modo, justifica-se análise dos resultados dos adolescentes em função de sua procedência escolar, como presentemente realizado.

III.3 Materiais

Foram utilizados, para a realização do presente estudo, os seguintes materiais, além de recursos computacionais para registro e análise dos dados:

III.3.1 Carta de apresentação da pesquisa (APÊNDICE A)

Contém informações sobre objetivos do trabalho e sobre processo de coleta de dados. Além disso, dispõe de espaço adequado para dirigentes de estabelecimentos escolares certificarem sua concordância com o presente projeto, consentindo com sua realização.

III.3.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, APÊNDICE B)

Contém os objetivos da pesquisa, assim como os deveres e os direitos dos participantes, o nome e o telefone de contato das pesquisadoras responsáveis. O documento

foi assinado em duas vias por aqueles que autorizaram a participação do(a) filho(a) no estudo, bem como pelos próprios voluntários, sendo que uma cópia permaneceu com eles e outra com a pesquisadora.

III.3.3 Questionário Informativo sobre histórico pessoal (APÊNDICE C)

Elaborado pela pesquisadora para o presente estudo, busca informações relevantes e breves sobre o desenvolvimento pessoal e acadêmico do estudante. Este material foi entregue aos pais ou responsáveis (via encaminhamento pelos adolescentes) e funcionou como critério de seleção para constituição da amostra.

III.3.4 Teste de inteligência não verbal (INV – forma C)

Criado no Brasil, em 1971, por Pierre Weil e Eva Nick (Weil & Nick, 1971), para fins de pesquisa e também de diagnóstico, destina-se à avaliação do desenvolvimento intelectual. Em sua Forma C, o teste possui 60 itens e mais quatro exemplos iniciais. O material do teste é composto de um caderno de aplicação, a folha de rosto com os exemplos e o crivo. Sua aplicação, na Forma C, abrange todas as idades a partir do sexto ano de vida. Este teste foi escolhido por ser de rápida aplicação e avaliação, não impondo um desgaste desnecessário ao participante que precisa estar em boas condições para a aplicação dos testes posteriores que são o principal objetivo desta investigação. O Teste INV apresenta adequados índices de validade e precisão para o contexto brasileiro, como demonstrado no estudo de Lopes (2009), realizado na região de Belo Horizonte (MG). Foram incluídos no estudo os adolescentes que alcançaram, neste teste psicológico, resultados classificados como inteligência média, ou seja, igual ou superior ao percentil 25.

III.3.5 Método de Rorschach

O Psicodiagnóstico de Rorschach é composto por dez pranchas com manchas imprecisas de tinta, folhas de registro dos dados, folha padronizada de localização das respostas, folha para codificação das respostas, um cronômetro para registrar o ritmo do trabalho associativo e interpretativo do respondente. A aplicação é individual e os cartões são apresentados um a um (em ordem cronológica), sendo solicitado ao examinando fazer associações sobre o que percebe diante dos estímulos apresentados. Frente às respostas obtidas, é possível desenhar um quadro amplo da dinâmica psicológica dos indivíduos. Neste trabalho foi utilizado o referencial técnico-científico interpretativo da Escola Francesa do Rorschach, representados aqui pelos trabalhos de Anzieu (1986), de Rausch de Traubenberg (1998) Azoulay *et al.* (2007) e Ikiz *et al.* (2010). Para classificação da produção individual serão utilizados o atlas e os parâmetros normativos do Rorschach elaborados por Japur (1982) para adolescentes de 12 a 14 anos do interior do Estado de São Paulo.

III.3.6 Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister

Método projetivo de avaliação psicológica, elaborado por Max Pfister na década de 1940. Ela é composta por vários quadriculos coloridos que, na versão autorizada para uso no Brasil, possui dez cores e 24 tonalidades (Villemor-Amaral, 2005, 2014). O material do teste inclui ainda três cartelas com um esquema de pirâmide em cada uma, um mostruário de cores e uma folha de resposta. A técnica tem um aspecto lúdico, de rápida aplicação (em torno de 15 minutos), sendo geralmente bem recebida pelos participantes. Pode ser aplicada a partir de sete anos de idade até a velhice, desde que preservadas as devidas condições de visão e coordenação psicomotora do avaliando. A aplicação consiste em solicitar que se construa,

com os quadriculos, uma pirâmide que o participante considere bonita. Após concluir a primeira pirâmide, a mesma é coberta (para não ficar disponível ao respondente) e solicita-se uma segunda e posteriormente uma terceira pirâmide, também do seu agrado. No final, faz-se um pequeno inquérito sobre qual das pirâmides e as cores que o participante achou mais bonitas e aquelas que menos agradaram. Conforme fundamentação da proposta, esse método projetivo examina o funcionamento afetivo e cognitivo do participante.

Os estudos empíricos brasileiros realizados com o Teste de Pfister estão apresentados, em termos sintéticos, no manual deste método projetivo (Villemor-Amaral, 2005). No presente trabalho, as orientações técnicas deste referido manual foram seguidas para aplicação, avaliação e interpretação dos resultados do Pfister, acrescidos dos parâmetros normativos elaborados por Villemor-Amaral (1978) para adolescentes de 12 a 14 anos do Estado de São Paulo.

III.4 Procedimentos

III.4.1 Considerações éticas

Com o objetivo de construir um projeto de pesquisa passível de concretização, foram realizadas consultas a duas escolas do ensino fundamental de São José do Rio Preto (SP), por viabilidade prática da pesquisadora. As duas escolas aceitaram o trabalho de pesquisa, formalizando sua concordância com o estudo em suas dependências. A seguir, o projeto foi encaminhado para análise e avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, em cumprimento a resolução vingente na época do início do estudo: resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde ([Conselho.Saúde.gov.br/docs/ Resoluções/res196.docs](http://Conselho.Saúde.gov.br/docs/Resoluções/res196.docs)) e Resolução 16/00 do Conselho Federal de Psicologia, sendo aprovado em 26 de Abril de 2012 (ANEXO 1).

A pesquisadora apresentou a pesquisa aos pais e professores em uma reunião de pais nas duas escolas colaboradoras. Nesta apresentação, informações e esclarecimentos éticos acerca do estudo foram apresentados, com espaço para perguntas e esclarecimentos, favorecendo um vínculo facilitador de cooperação e aderência dos pais ao trabalho de pesquisa. Foi informado claramente aos pais e/ou responsáveis que só seriam aceitos para a participação no projeto adolescentes que demonstrassem desejo de participar e tivessem a devida autorização dos pais/responsáveis. Os estudantes e seus responsáveis receberam informações acerca da possibilidade de desistirem da participação na pesquisa quando quisessem, sem qualquer ônus ao participante.

Aos adolescentes e/ou responsáveis interessados foram oferecidos esclarecimentos e informações sobre os dados obtidos (devolutivas), pela própria pesquisadora, após o término da coleta de dados. Essas devolutivas foram realizadas em poucos casos (n=10) atendendo a demandas específicas dos estudantes ou de seus pais, sendo devidamente supervisionadas pela orientadora deste projeto.

Cabe ainda ressaltar que, caso fossem identificados, nos resultados dos instrumentos de avaliação psicológica, indicadores da necessidade de apoio profissional específico a algum dos participantes, estes seriam orientados e encaminhados pela pesquisadora aos devidos serviços de saúde. Neste estudo foram realizados três destes encaminhamentos e orientações, efetivados com a presença do adolescente e dos seus responsáveis, mostrando-se receptivos e agradecidos pelo serviço prestado. Apesar destes casos evidenciarem dificuldades psíquicas no participante e para seus responsáveis, estes sinais não foram suficientes para se caracterizar um transtorno psicopatológico. Desse modo, não se julgou necessário retirar estes casos da amostra do estudo.

Além disso, as escolas colaboradoras demonstraram interesse em oferecer aos pais e aos adolescentes palestras informativas a respeito das características do desenvolvimento psíquico dos estudantes da faixa etária de 12 a 14 anos, focalizada no estudo. Esse processo

ficou agendado para ser realizado em 2014, com o devido planejamento prévio dentro do calendário letivo das escolas, a ser realizada pela pesquisadora principal desse trabalho.

III.4.2 Coleta de dados

Após a devida análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, foi iniciado o processo de coleta de dados, realizado integralmente no ano de 2012. Por sugestão das diretoras das escolas, a pesquisadora apresentou o projeto aos pais, em reunião formal e regular de cada escola com os pais de seus respectivos alunos. Depois, a pesquisadora visitou as salas de sétimo, oitavo e novo anos das duas escolas colaboradoras de São José do Rio Preto (SP). Em cada sala foi explicado o objetivo do trabalho, assim como as condições de sigilo das produções do adolescente. Aos que se mostraram interessados, foi entregue um envelope fechado contendo uma carta de apresentação do projeto, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a pesquisa (em duas vias, solicitando a assinatura do adolescente, assim como do seu responsável legal) e um questionário solicitando informações a respeito do desenvolvimento do adolescente.

Uma vez realizada a seleção dos participantes, estes foram procurados pela pesquisadora, na própria escola, para agendamento de um horário individual para aplicação dos instrumentos (em período inverso ao que o estudante tinha aulas). Quando necessário foi também realizado o contato com os pais pelo telefone para confirmar esse agendamento. Cada escola cedeu uma sala para a aplicação dos instrumentos, possuindo condições adequadas de sigilo e luminosidade.

No início de cada avaliação individual a pesquisadora retomou os objetivos do estudo e a garantia de sigilo da identidade dos participantes, agradecendo a disponibilidade do estudante em participar do estudo. Notou-se que estes gestos favoreciam a compreensão do

adolescente sobre o seu relevante papel nessa investigação, abrindo espaço e momentos para esclarecimentos, funcionando como o necessário *rapport* precedente ao trabalho de aplicação dos instrumentos de avaliação psicológica.

A primeira técnica a ser aplicada foi o INV, forma C, aplicado e avaliado conforme Weil e Nick (1971). A seguir, o Psicodiagnóstico de Rorschach foi proposto, seguindo-se instruções da Escola Francesa, apresentadas em Cury-Jacquemin (2012), a seguir transcritas.

*“Agora, vamos realizar uma atividade que ajuda a compreender como você pensa, sente e responde a experiências do cotidiano. Vou lhe apresentar dez cartões. Em cada cartão há uma mancha. Essas manchas podem se parecer com várias coisas. Não existem respostas certas ou erradas. Eu me interessou em saber com o que **você** acha que estas manchas se parecem. Vou anotar a sua resposta. Mas precisamos combinar o seguinte: quando você achar que já me disse tudo que esta mancha se parece, você me devolve o cartão. Podemos começar?”* (pág. 71)

Os demais procedimentos de aplicação do Método de Rorschach seguiram as diretrizes técnicas da Escola Francesa, apresentadas em Rausch de Trautenberg (1998) e mais recentemente em Azoulay et al. (2007). Na sequência, foram feitas perguntas a respeito das impressões do participante sobre a atividade realizada, acolhendo os comentários feitos e esclarecendo eventuais dúvidas. Para finalizar o processo de coleta de dados, foi aplicado o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, seguindo as orientações adotadas por Villemor-Amaral (2005).

Os instrumentos de avaliação psicológica foram aplicados sempre pela pesquisadora, em uma única sessão de aproximadamente 90 minutos de duração, com variação de 75 a 150 minutos. A sequência de aplicação dos testes foi escolhida devido as características e as atividades próprias de cada instrumento de avaliação psicológica presentemente utilizado. O Teste de Pfister tende a favorecer um clima lúdico e agradável, facilitando o encerramento do processo de coleta de dados, minimizando possível mobilização afetiva decorrente do processo de avaliação psicológica. Ao final da sessão, reafirmou-se a gratidão pela colaboração do adolescente,

respondendo ainda a eventuais dúvidas sobre os procedimentos, sendo que muitos demonstraram curiosidade em compreender seus resultados nos testes. Os objetivos do estudo eram retomados nesse momento, mas para alguns adolescentes julgou-se necessário agendar uma devolutiva individual, diante da elevada ansiedade identificada nesse momento. Estas entrevistas devolutivas foram realizadas dentro de um período de até três meses da data de aplicação dos instrumentos, sendo efetuada pela pesquisadora na própria escola em 10 casos.

Os participantes que compõe o banco de dados utilizados no presente trabalho correspondem a dados colhidos por Cury-Jacquemin (2012) e Barroso (2013), seguindo-se os mesmos parâmetros técnicos aqui referidos. Desse modo, foi possível compor uma única planilha de resultados, a serem examinados no presente trabalho, envolvendo os instrumentos projetivos Rorschach e Pfister, como originalmente delineado no estudo.

III.4.3 Análise dos resultados

A análise dos dados foi realizada em etapas, seguindo-se as orientações técnicas específicas dos manuais de cada instrumento de avaliação psicológica. Os resultados do INV, forma C, foram examinados conforme Weil e Nick (1971). Se o resultado do participante atingia pontuação equivalente ou superior ao percentil 25, incluía-se o seu protocolo na amostra deste estudo e prosseguia-se para a classificação e análise da produção nos métodos projetivos escolhidos para esta investigação.

O Método de Rorschach, por sua vez, foi classificado segundo orientações da Escola Francesa, mais especificamente Anzieu (1986), Rausch de Trautenberg (1998) e Azoulay et al. (2007). O processo de classificação e de comparação normativa dos resultados do Rorschach foi baseado no atlas e nos dados elaborados por Japur (1982) para adolescentes do Estado de São Paulo. Cada protocolo do Rorschach foi classificado por dois psicólogos com

experiência prévia nesse método projetivo, sendo um deles a própria pesquisadora. Todos os avaliadores faziam parte do grupo de pesquisa da orientadora desse trabalho, possuindo no mínimo cinco anos de atividades profissionais, incluindo prática em avaliação psicológica com métodos projetivos. Além disso, receberam treinamento específico para a avaliação dos protocolos deste estudo. O índice inicial de acordo entre esses avaliadores, obtido neste primeiro treinamento, baseou-se em análise de dois casos-piloto do Rorschach, chegando-se aos seguintes valores de concordância: 92% para a categoria de localização das respostas; 71% na categoria dos determinantes e 81% para a categoria dos conteúdos. A classificação das respostas banalidade obteve um índice de acordo total (100%) nessa fase inicial. Esses índices de concordância foram considerados satisfatórios, autorizando-se, a partir de então, aos avaliadores o prosseguimento das classificações das respostas do Rorschach dos casos do atual estudo.

O conjunto dos 54 casos do Rorschach colhidos no presente trabalho foi distribuído para um total de cinco examinadores. As classificações foram realizadas em atividades independentes e às cegas, chegando-se a uma codificação final de cada caso a partir do consenso das avaliações prévias. Nos casos onde isso não ocorreu, os protocolos do Rorschach foram revistos por outro examinador (orientadora do projeto e psicóloga colaboradora do Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico), decidindo-se pela classificação mais apropriada à produção do adolescente. Esses resultados foram, então, transpostos para um banco de dados elaborado em planilha computacional (do tipo Excel), possibilitando posteriores análises descritivas e inferenciais dos resultados por meio de softwares estatísticos.

Cabe destacar que, do Método de Rorschach, foram examinadas as principais variáveis técnicas da Escola Francesa, conforme informações contidas na Tabela 5. Totalizam, como pode ser visto, 55 variáveis examinadas a partir do Método de Rorschach, detalhadas nos trabalhos de Rausch de Traubenberg (1998) e Anzieu (1986).

Tabela 5: Descrição das variáveis da Escola Francesa do Rorschach examinadas no estudo.

Variável Rorschach	Descrição
R	Número de respostas
RA	Resposta adicional
Rec	Recusa ao cartão
Den	Resposta denegada
TLm	Tempo de latência médio
TRm	Tempo de reação médio
Σ TT	Somatória dos tempos totais dos dez cartões
G%	Porcentagem de respostas globais
D%	Porcentagem de Respostas Detalhe
Dd%	Porcentagem de Respostas Pequeno Detalhe
Db1%	Porcentagem de respostas Detalhe Branco
F+	Determinante Forma (de qualidade formal positiva)
F+-	Determinante Forma (de qualidade formal imprecisa).
F-	Determinante Forma (de qualidade formal negativa)
F%	Porcentagem de determinantes formais
F+%	Porcentagem de respostas de boa qualidade formal
F+ ext%	Porcentagem expandida de respostas de qualidade formal positiva
K	Determinante movimento humano
kan	Determinante movimento animal
kob	Determinante movimento objeto
kp	Determinante movimento parcial humano
Σ k	Somatória dos determinantes de pequenas cinestésias (animal, objeto e parcial humano)
FC	Determinante Forma (qualidade formal positiva) associado a Cor
CF	Determinante Cor predomina sobre a qualidade formal
C	Determinante Cor
FE	Determinante Forma (qualidade formal positiva) associado a Sombreado
EF	Determinante Sombreado predomina sobre a qualidade formal
E	Estompagem (sombreado) puro
FClob	Forma associada à reação disfórica
ClobF	Reação disfórica associada à Forma
A	Conteúdo Animal Inteiro
(A)	Conteúdo Animal Inteiro (fantasioso, especial, inexistente na realidade)
Ad	Conteúdo parte de Animal
(Ad)	Conteúdo parte de Animal (fantasioso, especial, inexistente na realidade)
Soma A	Somatória dos conteúdos do tipo Animal
H	Conteúdo Humano Inteiro
(H)	Conteúdo pára-humano Inteiro
Hd	Conteúdo parte humana
(Hd)	Conteúdo parte pára-humana
Soma H	Somatória dos Conteúdos de tipo Humano
Anat	Conteúdo Anatômico
Sg	Conteúdo Sangue
Sex	Conteúdo associado a sexualidade
Obj	Conteúdo Objetos
Arq	Conteúdo Arquitetura: Respostas que implicam em construções imóveis
Bot	Conteúdo Botânica: elementos do mundo vegetal
Geo	Conteúdo Geográfico: mapas, localizações territoriais específicas (tipo rio, ilha, montanha, acidentes geográficos)
Nat	Conteúdo Natureza: elementos da natureza
Frag	Conteúdo Fragmento: Respostas de conteúdo fragmentado
Ban	Respostas banais
TRI	Tipo de Ressonância Interna ($K : \Sigma Cp$)
TL	Tendências Latentes ou 2ª fórmula afetiva ($\Sigma k : \Sigma Ep$)
3ª Fórmula	Fórmula da reatividade emocional ($VIII+ IX+X/R$ multiplicado por 100)
FA	Fórmula da Angústia: avalia porcentagem de conteúdos de intensa carga emocional, sugestivos de vivência de ansiedade

As classificações das respostas dos casos do Rorschach, realizadas para cada segmento (localização, determinantes, conteúdos, banalidades), foram também examinadas à luz de seu índice de precisão, por meio do cálculo do índice kappa. Este método foi escolhido por ter se demonstrado mais acurado, na medida em que aponta o nível de concordância entre juízes eliminando as possibilidades de concordância ao acaso. Esse cálculo foi realizado com base em 54 protocolos do Rorschach, correspondendo a 55,7% da amostra deste trabalho.

Os casos do Rorschach provenientes do banco de dados do Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (n=43) utilizados neste estudo seguiram os mesmos procedimentos de avaliação dos resultados. Correspondem a uma parte dos dados do estudo normativo de Cury-Jacquemin (2012).

Os dados referentes à produção no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister foram classificados conforme manual elaborado por Villemor-Amaral (2005). Desse modo, procedeu-se às análises dos seguintes indicadores técnicos: frequência simples e porcentagem de cada uma das 10 cores; cinco principais síndromes cromáticas (normal, estímulo, fria, incolor e dinamismo); fórmula cromática (algarismos de constância absoluta, constância relativa, variabilidade e ausência); modo de colocação e de execução das pirâmides e seu aspecto formal. A isso foi acrescido o tempo de execução nas pirâmides (convencionados como PI, PII, PIII). Dessa forma, no Pfister examinou-se um total de 35 indicadores técnicos. Para ponderação interpretativa dos resultados, no entanto, foram utilizados os referenciais normativos desenvolvidos por Villemor-Amaral (1978), visto que, até o momento de elaboração do presente trabalho, não estavam disponíveis normas mais recentes para crianças e adolescentes.

A partir da sistematização das variáveis do Teste de Pfister para os 54 adolescentes colhidos no presente trabalho (acrescidos dos 43 casos do banco de dados do referido centro de pesquisa, totalizando os 97 participantes de 12 a 14 anos de idade), foi possível transpor as informações para uma planilha computacional, permitindo análises descritivas e inferenciais dos resultados, como realizado também para o Método de Rorschach.

Dadas as características do Teste de Pfister, o material foi submetido para análise de precisão (por meio de juízes independentes e às cegas) no tocante às variáveis relacionadas aos aspectos formais das pirâmides. Estas variáveis receberam este tratamento para garantir a qualidade e precisão dos resultados, uma vez que a classificação destes aspectos é passível de certa divergência entre examinadores independentes. Dessa forma, o conjunto dos 97 protocolos do Pfister foi examinado por dois avaliadores experientes em métodos projetivos de avaliação psicológica, nomeadamente no teste em questão. Mais uma vez calculou-se o índice de precisão dessas análises do Pfister, por meio do índice kappa, tendo por base 54 protocolos do Pfister, correspondendo a 55,7% da amostra deste trabalho.

Cumpram ainda destacar que os casos do Teste de Pfister provenientes do banco de dados do Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (n=43), como anteriormente apontado, também seguiram esses mesmos procedimentos de avaliação dos resultados. Abarcam parte dos dados do estudo normativo de Barroso (2013).

Uma vez concluídas as classificações dos resultados nos testes psicológicos, cada uma das variáveis do Rorschach e do Teste de Pfister foram digitadas (pela pesquisadora) em uma planilha Excel (versão 2010) da *Microsoft*, juntamente com dados básicos de caracterização sociodemográfica dos 97 estudantes, tendo-se o cuidado de conferência dessas informações. Para o teste INV (forma C) foram registrados os dados de escore bruto e percentil. Esta planilha completa de dados foi a que serviu de base para as análises estatísticas, realizadas por uma assessoria estatística especializada.

Os resultados das referidas variáveis dos métodos projetivos estudados no presente trabalho foram analisados inicialmente em termos descritivos, procurando-se caracterizar indicadores do funcionamento cognitivo e afetivo do conjunto de adolescentes avaliados, selecionados como indivíduos com desenvolvimento típico (não pacientes).

A seguir, foram realizadas análises inferenciais dos dados do Rorschach e do Pfister, verificando-se eventuais diferenças entre os adolescentes em função da origem escolar (pública ou particular). Para estas análises, verificou-se, através do teste de Kolmogorov-Smirnov, a hipótese de normalidade de cada uma das variáveis utilizadas. Para as variáveis que confirmaram a hipótese de normalidade, foi utilizado o teste *t* de *Student* para comparação dos resultados médios em cada indicador técnico. As variáveis que rejeitaram a hipótese de normalidade na distribuição dos dados foram analisadas pelo teste não paramétrico de *Mann-Whitney*. Para todas as comparações estatísticas foi adotado o nível de significância $p \leq 0,05$.

Uma vez verificado que se tratava de uma amostra cujos resultados evidenciaram poucas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis do Rorschach e do Pfister no que diz respeito a procedência escolar (pública ou particular), tomou-se o conjunto global de dados como ilustrativo de adolescentes de 12 a 14 anos, caracterizando-os em termos de seus indicadores gerais de funcionamento afetivo e cognitivo. Pode-se, então, efetuar análises de correlações entre os principais indicadores do INV, Psicodiagnóstico do Rorschach e do Teste de Pirâmides Coloridas do Pfister para o conjunto geral dos adolescentes avaliados ($n=97$). O exame estatístico utilizado para investigar as correlações das variáveis numéricas foi o coeficiente de correlação de Pearson ($p \leq 0,05$).

Com o objetivo de examinar outras possíveis associações entre indicadores técnicos dos instrumentos projetivos de avaliação psicológica foram selecionadas algumas variáveis a partir de seu significado clínico, teoricamente previsto nos manuais. Para essas variáveis foram tomados os parâmetros normativos específicos (conforme o indicador do Rorschach ou do Pfister) para classificar os adolescentes em três subgrupos: variável na média, abaixo da média, acima da média, comparando-se suas frequências de distribuição (Teste χ^2 , $p \leq 0,05$). As variáveis selecionadas para este tipo de análise foram: a) porcentagens das escolhas cromáticas e das síndromes cromáticas do Teste de Pfister; b) Modos de Apreensão (G%,

D%, Dd%, Dbl%) e os principais determinantes e conteúdos do Rorschach (F%, F+%, Fext%, ΣK , H% e A%). Ainda do Rorschach foram utilizadas as variáveis relacionadas às fórmulas afetivas (Tipo de Ressonância Íntima=TRI; Fórmula das Tendências Latentes = TL; Terceira fórmula = reatividade emocional) e banalidades.

Na terceira etapa do estudo, algumas variáveis categóricas (que apresentam características de agrupamentos de mais de um indicador dos métodos projetivos usados para avaliar um construto mais complexo) foram selecionadas e analisadas por meio de análise de variância (ANOVA) pautada numa distribuição binomial da função de ligação logit, sugerida e desenvolvida pela assessoria estatística utilizada no presente trabalho. Isso foi realizado na tentativa de demonstrar possíveis convergências entre as seguintes funções psicológicas avaliadas: **a)** potencialidade cognitiva (escores brutos do teste INV-forma C); **b)** maturidade afetiva e cognitiva (representada pelo aspecto formal das pirâmides do Pfister); **c)** controle afetivo (FC:CF+C); **d)** controle da angústia (FE:EF+E); **e)** estilo predominante de interação afetiva com o ambiente (TRI e tendências latentes); **f)** grau de investimento psíquico no ambiente (cor vermelha e Síndrome Estímulo do Pfister).

A análise de variância (ANOVA) por meio da distribuição binomial e função de ligação logit das variáveis selecionadas funciona como uma comparação de grupos, mas faz cálculos como em uma regressão logística, examinando possíveis associações entre os indicadores técnicos. Isto permite chegar a resultados que não apenas demonstram a relação entre as variáveis, mas fornece também a possibilidade de hipótese explicativa para os dados (Freitas, 2013). Para estas análises foram selecionadas, com base em indicadores técnicos dos instrumentos de avaliação psicológica utilizados e a partir do levantamento bibliográfico realizado, um total de seis hipóteses, como a seguir apresentado. Cabe destacar, no entanto, que, no caso da análise da hipótese 4, as variáveis foram também distribuídas em uma

classificação ordinal, utilizando-se um modelo de regressão logística. As hipóteses examinadas foram:

- 1) Os resultados do INV apresentam uma associação com a maturidade cognitiva avaliada a partir do aspecto formal do Pfister?
- 2) Adolescentes com indicativo de maior maturidade no aspecto formal das pirâmides apresentam também adequado controle afetivo no indicador do Rorschach ($FC \geq CF + C$)?
- 3) A fórmula $FE:EF+E$ do Rorschach, que aborda afetos associados a angústia, também apresenta relações com o aspecto formal das pirâmides do Teste de Pfister?
- 4) A quantidade de formações ou estruturas na produção do adolescente diante do Pfister aumenta suas possibilidades para apresentar adequado controle sobre os afetos ($FC \geq CF + C$)?
- 5) A cor vermelha do Pfister na média ou acima dela, sinalizando investimento e abertura aos estímulos do meio, tende a apresentar índice de dificuldade de controle afetivo ($FC \leq CF + C$) ?
- 6) O TRI extratensivo apresenta uma relação de efeito sobre a produção da Síndrome Estímulo (com percentagens dentro ou acima da média) no Teste de Pfister?

Essas análises serviram ao propósito de examinar a possível convergência entre indicadores técnicos dos dois métodos projetivos aqui utilizados, de modo a evidenciar indicadores de sua validade para avaliação de adolescentes no contexto contemporâneo no Brasil.

IV RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos objetivos delineados no presente trabalho, serão apresentados inicialmente os dados descritivos e inferenciais relativos a cada instrumento de avaliação psicológica. Desse modo, ter-se-á perfis gerais de caracterização dos adolescentes de 12 a 14 anos, em termos cognitivos e afetivos, a partir dos indicadores técnicos específicos dos testes psicológicos presentemente utilizados.

Em um primeiro momento serão apresentadas as análises descritivas dos resultados gerais em cada instrumento de avaliação psicológica, bem como a comparação estatística dos dados em função da origem escolar (pública ou particular). Esta variável pode ser utilizada no contexto brasileiro como representante de possíveis efeitos socioeconômicos no exame de características do funcionamento cognitivo e afetivo. Desse modo, os resultados encontrados neste estudo pretendem demonstrar em quais indicadores e em qual extensão esta variável influencia e diferencia a produção dos adolescentes. Os dados também serão comparados com os referenciais normativos elaborados para adolescentes de 15 a 17 anos por Jardim-Maran (2011). As variáveis numéricas serão apresentadas primeiramente seguidas das variáveis categóricas. Em um segundo momento serão apresentados os resultados das análises exploratórias das possíveis convergências entre os indicadores técnicos do INV (forma C), Rorschach e Pfister, como delineado nos objetivos do trabalho.

IV.1 Análise descritiva e inferencial do INV – forma C

Os resultados obtidos com a aplicação individual do Teste de Inteligência Não Verbal (INV - forma C), foram sistematizados conforme referenciais normativos disponibilizados por Weil e Nick (1971). Embora esse instrumento tenha sido utilizado apenas como critério de

seleção de participantes do estudo, considerou-se relevante apresentar seus achados gerais e comparativos em função da origem escolar (pública ou particular) dos adolescentes de 12 a 14 anos presentemente avaliados.

Os resultados são apresentados em termos de escore bruto (pontos alcançados) e percentis. A Tabela 6 ilustra esses dados.

Tabela 6: Distribuição dos resultados brutos e ponderados do INV (forma C), em função da procedência escolar dos adolescentes (n=97).

Variável INV	Escola	Média	Desvio-padrão	Teste Estatístico	
				<i>z</i>	<i>p</i>
Pontos brutos	Pública	36,11	6,40	-4,355	$\leq 0,0001$
	Particular	42,98	7,23		
Percentil	Pública	58,29	17,61	-3,870	$\leq 0,0001$
	Particular	73,02	15,67		

Os resultados apontam que a produção do teste INV (forma C) dos estudantes da escola particular foi significativamente diferente da apresentada pelos estudantes adolescentes da escola pública, evidenciando melhor desempenho no primeiro grupo. O tamanho do efeito (*d* de *Cohen*) calculado para esta diferença alcançou o valor de 0,90, ou seja, sinalizador de relevante e ampla diferenciação na produção dos adolescentes neste teste intelectual em função de sua origem escolar.

É importante ressaltar, no entanto, que este teste tende a examinar um tipo de raciocínio que implica na construção do conhecimento acumulado a partir de experiência e do próprio aprendizado, sensível a elementos da estimulação ambiental. Os resultados aqui apresentados dimensionam, além da adequada capacidade e desenvolvimento cognitivo de todos os adolescentes avaliados (critério para sua inclusão no estudo), o efeito do contexto

sociocultural sobre o funcionamento lógico exigido nesse tipo de prova, visto que adolescentes com mais estímulos (da escola particular) obtiveram resultados estatisticamente superiores nessa prova psicológica.

IV.2 Análise descritiva e inferencial do Método de Rorschach

As principais variáveis da Escola Francesa do Psicodiagnóstico de Rorschach foram sistematizadas em grupos de indicadores técnicos relativos a: produtividade (R, RA, Den, Rec, TRm, TLM, Σ Ttotal); funcionamento lógico (G%, D%, Dd% e Dbl%, F%, F+%, F+extenso, K e ban); afetividade (FC, CF, C, FE, EF, E, TRI, 2ª. Fórmula TL, 3ª fórmula, K, H%, A%); controle de impulsos (FC:CF+C; FE:EF+E, fórmula da angústia) e adaptação social (D%, F+% e Ban%), de acordo com os pressupostos teóricos do instrumento apresentados por Rausch de Trautenberg (1998).

Inicialmente, torna-se relevante apresentar os índices de precisão alcançados na classificação das respostas ao Método de Rorschach entre juízes independentes, medidos pelo índice kappa, como descrito no método. Chegou-se aos seguintes valores de kappa: a) para localizações = 0,987; b) para determinantes = 0,926; c) para conteúdos = 0,986. Estes dados representam, segundo Urbina (2007), elevados índices de concordância entre os avaliadores nas três categorias (Localização, Determinantes, Conteúdo) de classificação do Método de Rorschach (Escola Francesa), descrevendo ótimos indicadores de precisão neste método projetivo de avaliação psicológica.

Diante disto é possível apresentar dados confiáveis para análises descritivas dos resultados gerais em 52 variáveis do Rorschach, bem como sua comparação estatística em função da origem escolar (pública ou particular). Esses resultados compõem a Tabela 7.

Tabela 7: Resultados descritivos e inferenciais das principais variáveis da Escola Francesa do Rorschach em função da origem escolar (n=97).

Variável Rorschach	Origem escolar	Média	Desvio Padrão	Testes Estatísticos		
				<i>z</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
R	Pública	19,77	7,99	-0,346		0,729
	Particular	21,33	10,95			
RA	Pública	0,80	1,25	-0,118		0,906
	Particular	0,66	1,03			
Den	Pública	0,14	0,35	-0,296		0,767
	Particular	0,25	0,92			
Rec	Pública	0,34	0,72	-0,363		0,717
	Particular	0,43	0,89			
TL médio	Pública	16,11	17,92	-3,024		0,002
	Particular	26,90	23,78			
TR médio	Pública	27,68	20,24	-3,561		0,000
	Particular	44,44	46,58			
Soma TT	Pública	513,40	338,71	-4,342		0,000
	Particular	754,40	410,79			
G%	Pública	31,55	23,24	-0,169		0,866
	Particular	31,17	20,88			
D%	Pública	43,30	14,27		-0,086	0,932
	Particular	43,57	16,98			
Dd%	Pública	23,63	16,46		-0,203	0,839
	Particular	24,28	14,25			
Dbl%	Pública	1,51	3,97	-0,396		0,692
	Particular	1,63	4,08			
F+	Pública	5,77	4,22	-1,840		0,066
	Particular	7,21	3,91			
F-	Pública	3,34	3,71	-0,107		0,915
	Particular	2,87	2,99			
F%	Pública	43,54	22,42		-0,980	0,332
	Particular	47,66	14,17			
F+%	Pública	67,30	24,28	-1,463		0,143
	Particular	74,36	16,27			
F+ext%	Pública	66,24	16,28	-1,852		0,064
	Particular	70,61	15,92			
Soma K	Pública	1,60	1,73	-0,004		0,997
	Particular	1,48	1,40			
kan+	Pública	2,60	2,26	-1,165		0,244
	Particular	1,87	1,30			
kan	Pública	3,23	2,87	-1,277		0,202
	Particular	2,17	1,57			

Variável Rorschach	Origem escolar	Média	Desvio Padrão	Testes Estatísticos		
				<i>z</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
kob	Pública Particular	0,17 0,17	0,45 0,42	-0,210		0,834
kp	Pública Particular	0,17 0,32	0,45 0,80	-0,850		0,395
Σ pequenas cinestesias	Pública Particular	3,57 2,67	3,06 2,08	-1,166		0,244
FC	Pública Particular	1,65 2,37	1,51 1,82	-1,922		0,055
CF	Pública Particular	1,57 1,88	1,33 2,19	-0,058		0,954
C	Pública Particular	0,20 0,13	0,58 0,42	-0,669		0,503
FE	Pública Particular	1,03 1,58	0,82 1,46	-1,616		0,106
EF	Pública Particular	1,00 0,85	1,86 1,48	-0,112		0,911
E	Pública Particular	0,03 0,01	0,17 0,12	-0,412		0,680
Fclob	Pública Particular	0,00 0,01	0,00 0,12	-0,751		0,452
ClobF	Pública Particular	- -	- -	0,000		1,000
A	Pública Particular	7,45 8,24	3,10 4,34	-0,411		0,681
Ad	Pública Particular	2,05 2,13	2,30 2,49	-0,046		0,963
(Ad)	Pública Particular	0,25 0,22	0,66 0,45	-0,338		0,736
Soma A	Pública Particular	10,68 11,26	4,81 5,75	-0,158		0,874
H	Pública Particular	1,97 2,29	1,42 2,46	-0,265		0,791
(H)	Pública Particular	0,91 0,79	1,19 1,02	-0,237		0,813
Hd	Pública Particular	1,25 1,58	1,72 1,78	-1,064		0,287
(Hd)	Pública Particular	0,23 0,22	0,54 0,64	-0,467		0,640
Soma H	Pública Particular	4,37 4,88	2,86 3,42	-0,832		0,405
Anat	Pública Particular	0,65 0,58	1,06 0,89		-0,106	0,916

Variável Rorschach	Origem escolar	Média	Desvio Padrão	Testes Estatísticos		
				<i>z</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Sg	Pública	0,03	0,17	-0,397		0,692
	Particular	0,03	0,25			
Sex	Pública	0,06	0,23	-0,567		0,571
	Particular	0,05	0,28			
Obj	Pública	1,23	1,26	-2,030		0,042
	Particular	2,16	2,31			
Arq	Pública	0,28	0,57	-0,217		0,828
	Particular	0,35	0,72			
Bot	Pública	0,60	1,03	-0,104		0,917
	Particular	0,54	0,82			
Geo	Pública	0,45	0,74	-0,952		0,341
	Particular	0,45	1,19			
Nat	Pública	0,17	0,45	-0,962		0,336
	Particular	0,09	0,35			
Frag	Pública	0,40	0,88	-0,092		0,926
	Particular	0,35	0,77			
Ban%	Pública	19,59	12,10	-0,812		0,417
	Particular	16,87	8,75			
3a. Fórm.	Pública	37,21	9,61		0,606	0,546
	Particular	36,02	9,10			
F. Angústia	Pública	10,92	8,44	-0,113		0,910
	Particular	11,47	9,68			

R = número de respostas; RA = resposta adicional, Den= Denegação de respostas; Rec = recusa; TLMédio= tempo de latência médio (em segundos); TRmédio = Tempo de Reação médio (em segundos).

Os adolescentes (n=97) deste estudo produziram um total de 2015 respostas no Método de Rorschach. A análise específica dos indicadores de produção nesse teste psicológico apontou que os estudantes da escola particular produziram número médio de respostas por cartão igual a $R = 21,3$, enquanto o grupo da escola pública alcançou média de $R = 19,7$. Embora menor em termos quantitativos, a produção dos adolescentes de escola pública não apresentou diferença estatisticamente significativa em relação aos adolescentes da escola particular. De acordo com Vaz (1997), os adolescentes típicos tendem a apresentar de 15 a 24 respostas, como de fato se passou no presente estudo.

Os resultados médios descritivos dos demais indicadores de produtividade no Rorschach apontaram que as respostas adicionais (RA) e denegações (Den) ocorreram em frequência pouco expressiva para ambos os grupos. O número de recusas também foi inexpressivo, representando apenas 39 recusas em um total de 970 apresentações dos estímulos do Rorschach. Estes dados traduzem a facilidade, deste grupo de adolescentes, para lidar com a tarefa proposta sem que esta mobilizasse vivências inibitórias ou impeditivas dos processos de associação e interpretação de formas fortuitas, exigidos por esse método projetivo de avaliação psicológica.

Ao se tomar as variáveis do Rorschach relativas ao tempo de latência médio (TLm) e Tempo de Reação médio (TRm) tem-se indicadores do ritmo de produção de cada indivíduo. Esse ritmo próprio usado para produzir uma interpretação das manchas do Rorschach pode ser um indicador da forma como cada indivíduo reage ao seu cotidiano. Pelos dados obtidos notou-se que o ritmo de trabalho dos estudantes da escola particular foi significativamente maior do que os da escola pública, com efeito considerado moderado (d de *Cohen* respectivamente igual a 0,49 e 0,43). Os resultados apontaram que, diante de estímulos desconhecidos, os adolescentes de escola particular pareceram levar mais tempo para elaborar uma resposta do que os adolescentes de escola pública. Entretanto, esse ritmo mais lento de trabalho não alterou significativamente o número de respostas produzidas pelo grupo da escola pública. Os estudantes da escola particular até apresentaram um número de respostas do Rorschach relativamente maior, embora esta diferença não tenha alcançado nível de significância estatística. Sendo assim, o grupo da escola particular apresentou indícios de manutenção de contato mais prolongado com algo que é novo e desconhecido, podendo favorecer a elaboração de respostas mais detalhadas e qualitativamente superiores (valores médios de F+ext na escola particular = 70,61% e escola pública = 66,24%). Torna-se

relevante ressaltar, no entanto, que esta diferença alcançou, nesta amostra, apenas um nível marginal de significância estatística presente no indicador F+ext% ($p = 0,064$).

No estudo normativo recentemente realizado por Jardim Maran (2011) com adolescentes da faixa etária de 15 a 17 anos, os adolescentes mais velhos (17 anos) também apresentaram aumento no Tempo de Reação médio frente aos adolescentes mais jovens (15 e 16 anos). Isto sugere a possibilidade das variáveis associadas ao tempo de produção do Rorschach constituam-se como indicativos, também, do amadurecimento afetivo e cognitivo em adolescentes.

Cabe ainda destacar que houve apenas uma diferença estatisticamente significativa em função da origem escolar dos adolescentes dentre as três variáveis do Rorschach relacionadas ao ritmo de trabalho (TLm, TRm e soma do tempo total das respostas), além de uma diferença quanto aos conteúdos (Obj.), dentre o total de 52 variáveis examinadas. Ou seja, as especificidades de produção associadas ao contexto acadêmico e sociocultural dos adolescentes não pareceram constituir um elemento relevante para se compreender sua produção diante desse método projetivo de avaliação psicológica.

Quanto aos indicadores de funcionamento lógico, a distribuição das respostas nas diferentes categorias de classificação da Escola Francesa do Rorschach foi muito semelhante entre os dois grupos. As médias de cada uma das localizações aponta que houve predomínio de respostas Detalhe nos dois grupos ($D=43,30\%$ na escola pública e $D=43,57\%$ na particular), seguida pelas respostas globais ($G=31,17\%$ na escola particular e $31,55\%$ na escola pública). As respostas em pequenos detalhes dos cartões (Dd) alcançaram valor médio de $24,28\%$ na escola particular e $23,63\%$ na escola pública. Em complemento, as respostas localizadas nas áreas brancas dos cartões do Rorschach (Dbl) foram pouco utilizadas pelos participantes ($Dbl=1,63\%$ para escola particular e $Dbl=1,51\%$ para escola pública). A

localização “detalhe oligofrênico” (Do) acabou não sendo utilizada por nenhum dos participantes.

Os adolescentes que participaram deste estudo apresentaram indicadores de apreensão da realidade (modos de apreensão do Rorschach) em proporções diferentes da encontrada entre adolescentes da faixa etária de 15-17 anos (Jardim-Maran, 2011). Enquanto os adolescentes de 15-17 anos tenderam a apresentar proporções muito semelhantes entre os determinates G, D e Dd, o conjunto dos adolescentes agora avaliados (mais novos, de 12 a 14 anos) apresentou tendência a perceber e pensar o meio de forma predominantemente prática e concreta, sinalizada pela variável D% acima da média. Enquanto o grupo normativo de 15 a 17 anos (referido pelo estudo anterior) alcançou D% médio de 33,40%, o grupo atual de 12 a 14 anos obteve proporção média de respostas D no valor de 43,30% para o grupo da escola pública e 43,57% na escola particular. O G%, em torno de 31,00%, foi a variável que apresentou a média mais próxima do grupo de 15 a 17 ($G\%=33,40\%$), indicando que os atuais adolescentes também captaram os estímulos de forma global e integrada, ainda que a qualidade destas respostas tenha sido predominantemente primária, apontando tendência a análise superficial destas percepções.

O predomínio de apreensões de detalhes relevantes do contexto ambiental (predomínio de D%) entre os estudantes de 12 a 14 anos pode ser indicativo de funcionamento lógico característico da fase adolescente, como apontado pela literatura (Azoulay et al., 2007). Esta fase tende a se caracterizar pela mescla de aspectos primários e secundários do pensamento, marcando momento de transição funcional, ponto preponderante da adolescência. Os dados sugerem que o funcionamento lógico dos adolescentes mostrou-se centrado em suas necessidades mais imediatas (D%), mas também amadurecendo no processo de integração das partes para construir uma percepção do todo (G%). A frequência das localizações de pequeno detalhe (Dd%) apontou a possibilidade de atenção a aspectos muito particulares na percepção

e elaboração da realidade, mas ainda em proporção compatível com os padrões normativos desta faixa etária (Japur, 1982).

A análise dos determinantes das respostas ao Método de Rorschach podem evidenciar mecanismos e recursos internos mobilizados e utilizados pelo indivíduo para organizar sua interação com o meio (Rausch de Trautenberg, 1998). Dentre os determinantes, o elemento formal sinaliza o quanto os contornos reais dos estímulos influem no processo de percepção e na construção de cada resposta aos estímulos. Pode-se notar que os adolescentes não apresentaram especificidades de determinação de suas respostas ao Rorschach em função de sua procedência acadêmica, embora os adolescentes das escolas particulares tenham apresentado índices um pouco maiores nas variáveis F+, F%, F+%, F+ ext% do que os da escola pública. Esse resultado é indicador (embora restrito) de que adolescentes de escolas particulares tendem a recorrer a recursos cognitivos com mais frequência, de modo a se organizarem, interpretar e responderem ao meio, comparativamente aos adolescentes de escola pública. Dados os valores médios encontrados nas variáveis F+, F+% e F+ext%, nota-se que esses potenciais lógicos a que os adolescentes recorrem mostraram-se eficientes em termos funcionais, favorecendo a adequada interpretação dos estímulos ambientais. O conjunto de adolescentes apresentou, como um todo, indícios de boa qualidade formal do pensamento, confirmando seus indicadores de desenvolvimento típico, utilizado como critério de seleção para o presente estudo.

O determinante movimento também tem se mostrado muito relevante para a compreensão do funcionamento psicológico dos indivíduos (Van Kolk, 1972; Anzieu, 1986; Rauch de Trautenberg, 1998; Chabert, 2004). Este determinante é o único no qual o indivíduo realmente precisa fazer uso do mecanismo de projeção na construção da sua resposta. O percepto não oferece substrato concreto para a construção de resposta movimento, como ocorre com outros determinantes como forma, cor e tonalidade (Azoulay et al., 2007). O determinante movimento opera como indicador de recursos tanto cognitivos como afetivos, a depender da forma como interage com

outros indicadores do método. Este determinante está subdividido nas categorias de movimento Humano (K) que pode ainda ser inteiro ou parcial (kp), movimento animal (kan) e movimento de objeto (kob) (Rausch de Trautenberg, 1998). Os adolescentes deste estudo apresentaram predomínio de pequenas cinestesias (kan+kp+kob) sobre as grandes cinestesias (K). Estes dados apontam tanto a riqueza do dinamismo afetivo e cognitivo dos adolescentes, assim como sinal de imaturidade afetiva (predomínio de pequenas cinestesias). Ao se comparar, mais uma vez, estes dados aos do estudo normativo com estudantes de 15-17 anos (Jardim-Maran, 2011), percebe-se que os valores médios de grande cinestesia (K) e das pequenas cinestesias (kan + kob + kp) foram bem próximos, refletindo, assim, proximidade no padrão de respostas movimento ao Rorschach dessas duas faixas etárias de adolescentes.

Os determinantes considerados sensoriais, pela presença da cor ou tonalidade como fator estimulador na construção da resposta (FE, EF, E, FC, CF, C, FClob e ClobF) também se mostraram semelhantes entre adolescentes das escolas públicas e particulares da presente amostra. Não ficaram evidentes, portanto, especificidades de conteúdos projetados no Rorschach em função da procedência escolar de adolescentes da faixa etária de 12 a 14 anos.

Notou-se, nas variáveis representativas dos conteúdos das respostas ao Método de Rorschach, predomínio de respostas animais, seguidas pelos conteúdos associados a humanos, evidenciando boa capacidade socioadaptativa destes adolescentes. Novamente, os adolescentes de escolas públicas e particulares apresentaram resultados médios bastante semelhantes nessas variáveis, sem identificação de marcadores específicos em função da origem escolar. A única classe de conteúdos que apresentou diferença estatisticamente significativa entre os grupos de estudantes foi a variável do conteúdo objeto, com maior incidência entre adolescentes da escola particular, com efeito moderado (d de *Cohen* = 0,465). No entanto, é preciso lembrar que essa diferença aqui identificada ocorreu em uma variável de

baixa incidência no conjunto dos resultados, provavelmente caracterizando uma significância estatística casual, com pouca relevância clínica, apesar de sua força moderada nos resultados.

As variáveis do Rorschach relacionadas às duas primeiras fórmulas afetivas (especificamente Tipo de Ressonância Íntima=TRI; fórmula das tendências latentes=TL, de natureza categórica) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas em função da origem escolar ao se comparar a distribuição dos adolescentes entre os tipos extratensivo, introversivo ou ambigüal. O padrão habitual de interação afetiva dos adolescentes com o meio mostrou-se do tipo extratensivo (71,2% da amostra), seguido pelo tipo introversivo (26,8%) e poucos casos de tipo coartativo (2,1%). No entanto, no tocante aos recursos latentes (2ª. fórmula afetiva) os adolescentes se mostraram predominante introversivos (64,9%), seguidos pelos recursos extratensivos (21,6%), depois coartativos (9,3%) e do tipo ambigüal (4,1%).

Estes dados confirmam os achados de Jardim-Maran (2011), assim como tendências teóricas sobre desenvolvimento na adolescência, etapa em que os sujeitos estão mais sensíveis e abertos a interação com o meio externo na busca de construir seu lugar e identidade social. Mas, ao mesmo tempo, apresentam tendências internas a se voltarem muito para si mesmos em um processo de elaboração das perdas da infância, assim como de novas percepções das próprias limitações pessoais e do contexto da vida em si (pólo introversivo). Isto tende a provocar conflitos internos assim como novas buscas de estratégias para lidar com o meio e nele se expressar (Bee & Boyd, 2011; Amparo et al., 2010).

Os atuais achados empíricos, com reduzido número de variáveis com diferenças estatisticamente significativas em função da procedência escolar (escolas públicas ou particulares), apontam tendência a homogeneidade no grupo de adolescentes avaliados em termos de seu padrão de respostas ao Método de Rorschach, independentemente de sua condição de estimulação sociocultural, aqui representada por sua origem acadêmica. Com base nesses achados, considerou-se possível compor um único grupo de resultados no

Rorschach, de modo a permitir as análises de associação e de correlação com os indicadores técnicos dos demais instrumentos de avaliação psicológica utilizados.

IV.3. Análise descritiva e inferencial do Teste de Pfister

Inicialmente serão abordados os resultados referentes aos indicadores de precisão do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Embora a grande maioria de suas variáveis analíticas seja quantitativa, aquelas relacionadas aos tipos de formação das pirâmides exigem sua devida checagem, sendo utilizada estratégia de acordo entre examinadores independentes e às cegas. Os dados de precisão do Teste de Pfister foram, dessa forma, medidos pelo índice kappa para a referida variável. O índice kappa obtido para as classificações do aspecto formal das pirâmides atingiu o valor de 0,89, considerado como indicativo de ótima precisão nesse teste psicológico pela literatura da área (Urbina, 2007), oferecendo confiança adicional a seus resultados.

Como nas análises precedentes, os dados relativos ao Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister foram sistematizados em termos descritivos em 22 principais variáveis desse método projetivo, além de sua comparação estatística em função da origem escolar (pública ou particular) dos adolescentes. A Tabela 8 apresenta o conjunto desses resultados relativos à análise comparativa entre procedência escolar dos adolescentes.

Tabela 8: *Resultados descritivos e inferenciais das principais variáveis do Teste de Pfister em função da origem escolar (n=97).*

Variável Pfister	Origem escolar	Média	Desvio Padrão	Testes estatísticos		
				<i>z</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
PI-tempo total	Pública	122,57	47,44		-3,604	≤ 0,001
	Particular	164,08	63,84			
PII-tempo total	Pública	96,69	25,93	-4,106		≤ 0,001
	Particular	138,10	56,81			

Variável Pfister	Origem escolar	Média	Desvio Padrão	Testes estatísticos		
				<i>z</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
PIII-tempo total	Pública Particular	93,77 128,90	28,26 50,64	-3,516		≤ 0,001
Az%	Pública Particular	15,73 17,75	7,31 9,65		-1,159	0,250
Vm%	Pública Particular	14,77 15,29	5,63 7,76	-0,288		0,773
Vd%	Pública Particular	17,14 14,02	7,93 8,87	-1,842		0,065
Vi%	Pública Particular	12,75 13,14	6,27 10,73	-0,318		0,750
La%	Pública Particular	7,30 9,88	4,15 7,68	-1,683		0,092
Am%	Pública Particular	7,93 8,19	6,06 7,18	-0,057		0,955
Ma%	Pública Particular	2,91 4,18	2,57 6,14	-0,004		0,997
Pr%	Pública Particular	9,08 7,19	10,18 8,95	-1,136		0,256
Br%	Pública Particular	7,61 7,92	7,74 6,49	-0,699		0,484
Ci%	Pública Particular	4,69 2,35	3,27 3,38	-3,719		≤ 0,001
S. Normal%	Pública Particular	47,65 47,07	12,92 14,30	-0,098		0,922
S. Estímulo%	Pública Particular	30,01 33,37	9,10 13,41	-1,197		0,231
S. Fria%	Pública Particular	45,62 44,92	12,53 14,83	-0,380		0,704
S. Incolor%	Pública Particular	21,38 17,47	14,79 12,50	-1,400		0,162
S. Dinamismo%	Pública Particular	27,98 26,40	9,94 11,58		0,676	0,501
Algarismo Constância Absoluta	Pública Particular	4,57 2,90	3,06 2,52	-2,788		≤ 0,001
Algarismo Constância Relativa	Pública Particular	2,43 2,59	1,83 1,58	-0,714		0,475
Algarismo Variabilidade	Pública Particular	1,94 2,45	2,07 2,03	-1,393		0,163
Algarismo Ausência	Pública Particular	1,06 1,85	1,68 1,88	-2,587		≤ 0,001

Um dos indicadores da produtividade nesse método de avaliação psicológica é o ritmo da sua produção que pareceu profícuo em termos de análise, embora não se configurando como variável padronizada de registro (Villemor-Amaral, 2005). O tempo que se gasta na execução de cada pirâmide e, conseqüentemente na execução da atividade proposta, tende a apontar, segundo F. Villemor-Amaral (1978), o nível de envolvimento com a tarefa e a possibilidade de suporte da mobilização afetiva desencadeada pelo material do teste. Foi possível notar que o tempo total utilizado para construir cada uma das três pirâmides do Pfister foi significativamente maior nos estudantes da escola particular do que no grupo da escola pública. Esta diferença apresenta um efeito de tamanho moderado na primeira pirâmide (*d* de Cohen de 0,70) e de tamanho amplo nas duas últimas pirâmides PII e PIII (*d* de Cohen de 0,86 e 0,80 respectivamente). Este resultado pareceu se associar ao ritmo da produção no Método de Rorschach, que também se mostrou estatisticamente maior nos adolescentes da escola particular, sugerindo estilos diferenciados de envolvimento e dedicação desses estudantes com as tarefas propostas na avaliação psicológica presentemente realizada.

Em termos da utilização das dez cores do Pfister, apenas a cor cinza apresentou resultados estatisticamente diferentes entre estudantes de escola pública e particular, com incidência mais elevada entre adolescentes da escola pública. Esta diferença apresenta um tamanho considerado moderado (*d* de Cohen = 0,70), já na margem do critério de um tamanho de efeito considerado amplo. Cabe destacar, no entanto, que a frequência de uso da cor cinza atinge uma proporção bastante reduzida no protocolo do Pfister como um todo, podendo-se comentar que essa única diferença estatisticamente significativa na frequência de escolha das cores pode se dever ao acaso, sem significado clínico relevante enquanto sinal isolado dentro da produção nesse método projetivo de avaliação psicológica.

Ao examinar os elementos que compõem a fórmula cromática do Teste de Pfister faz-se necessário focalizar seus quatro algarismos componentes, trazendo indicativos importantes

sobre a forma como o indivíduo interage com os estímulos do seu ambiente. O algarismo de constância absoluta (CA) aponta a quantidade e quais as cores presentes nas três pirâmides do teste; o algarismo de constância relativa (CR) indica quantas cores ocorreram em duas das três pirâmides; o algarismo de variabilidade indica quantas cores apareceram em pelo menos uma das pirâmides; o último algarismo (ausência) indica quantas cores do Pfister não foram utilizadas. A soma dos três primeiros algarismos da fórmula cromática oferece indícios sobre a receptividade do indivíduo aos estímulos do ambiente (abertura ao meio), enquanto os dois últimos tendem a apontar maior fechamento aos estímulos. A análise comparativa dos dados médios de cada um desses quatro algarismos da fórmula cromática do Pfister, em função da procedência escolar dos adolescentes, evidenciou que o algarismo de constância absoluta se mostrou significativamente maior na escola pública, enquanto o algarismo de ausência sinalizou valor estatisticamente superior na escola particular. É relevante notar também que esta diferença no algarismo de ausência apresenta um efeito de tamanho moderado (d de Cohen = 0,44) fortalecendo, portanto, as evidências fornecidas por estes indicadores. Esses achados sugeriram tendência geral à receptividade afetiva aos estímulos do meio entre estudantes da escola pública, enquanto os adolescentes de escola particular sinalizaram tendência geral de maior restrição na expressão afetiva por meio das cores do Pfister.

A análise minuciosa da interação do algarismo de CA com o tempo total utilizado para executar as pirâmides apontou que os estudantes da escola pública tiveram tempo significativamente menor e predomínio de fórmula cromática ampla no Pfister. O tamanho do efeito nessa diferença da variável CA (d de Cohen = 0,22) é considerado pequeno e foi o menor índice de d de Cohen dentre os cálculos feitos nesta investigação. Isto levanta o questionamento se esses indicadores representariam efetiva maior abertura aos estímulos ambientais em adolescentes da escola pública ou, então, sinalizariam indícios de imaturidade e de menor investimento na tarefa, o que favoreceria

justamente o uso indiscriminado das cores e não escolhas deliberadas que implicariam, naturalmente, na utilização de maior tempo, no processo de produção mais elaborada.

Algumas outras variáveis (de natureza categórica) do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister também apresentaram diferenças estatisticamente significativas em função da origem escolar dos adolescentes. Estas variáveis serão apresentadas na Tabela 9.

Tabela 9: Distribuição dos adolescentes ($n=97$, em frequência simples e porcentagem) e comparação estatística quanto a amplitude da fórmula cromática e aspecto formal das pirâmides do Teste de Pfister em função da origem escolar.

VARIÁVEL PFISTER		ESCOLA						χ^2	p	V de Cramer
		Pública		Particular		Total				
		f	%	f	%	f	%			
Fórmula cromática	Ampla	29	82,9	34	58,1	65	67,0	7,83	0,019	0,284
	Moderada	4	11,4	21	32,3	24	24,7			
	Restrita	2	5,7	7	9,7	8	8,2			
	Subtotal	35	100,0	62	100,0	97	100,0			
Pirâmide I	Tapete	25	71,4	32	51,6	57	58,8	4,30	0,118	0,211
	Formação	7	20,0	25	40,3	32	33,0			
	Estrutura	3	8,6	5	8,1	8	8,2			
	Subtotal	35	100,0	62	100,0	97	100,0			
Pirâmide II	Tapete	23	65,7	29	46,8	52	53,6	7,30	0,027	0,274
	Formação	7	20,0	29	46,8	36	37,1			
	Estrutura	5	14,3	4	6,5	9	9,3			
	Subtotal	35	100,0	62	100,0	97	100,0			
Pirâmide III	Tapete	24	68,6	24	38,7	48	49,5	7,98	0,018	0,287
	Formação	9	25,7	31	50,0	40	41,2			
	Estrutura	2	5,7	7	11,3	9	9,3			
	Subtotal	35	100,0	62	100,0	97	100,0			

Uma das classificações da fórmula cromática do Teste de Pfister é a sua amplitude, identificada pela soma de seus três primeiros algarismos. Esta amplitude oferece indicativos do grau de abertura do indivíduo aos estímulos do ambiente. Villemor-Amaral (2005) afirma que: “Para F. Villemor-Amaral (1978), a fórmula cromática é um dos elementos mais estáveis do Pfister, tendendo a manter-se em casos de reteste, e as interpretações que lhe são atribuídas costumam ser bastante fiéis à realidade do sujeito.” (p. 91)

A análise comparativa da distribuição dos adolescentes no tocante à amplitude da fórmula cromática apresentou diferenças estatisticamente significativas em função da origem escolar. Houve mais estudantes de escola pública com fórmula cromática ampla, diferença considerada de média magnitude ($V \text{ de Cramer} = 0,284$), ou seja, uma especificidade considerada relevante para as avaliações clínicas.

Na análise do aspecto formal das pirâmides, notou-se que a procedência escolar dos adolescentes influenciou os resultados de modo estatisticamente significativo, com claro predomínio dos tapetes na escola pública, enquanto houve maior incidência das formações entre aqueles da escola particular. Segundo Villemor-Amaral (2005), as pirâmides construídas com aspecto formal de tapetes são indicativas de imaturidade afetiva, sendo mais frequentes em crianças do que em adultos. No presente contexto, portanto, poderiam ser sinal de menor elaboração na produção dos adolescentes da escola pública, que também foram mais rápidos em seu trabalho no Pfister, talvez reduzindo suas possibilidades de articulação cognitivo-afetiva dos estímulos propostos nesse método projetivo.

Estas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis do Teste de Pfister em função da procedência escolar dos adolescentes deste estudo, apesar de serem qualitativamente importantes, ainda são insuficientes para caracterizar dois grupos distintos em termos psicológicos, visto que o número de variáveis significativamente diferentes foi reduzido. Portanto, para a investigação de possíveis correlações ou associações entre os indicadores destes dois métodos projetivos pode-se tratar a amostra como um grupo geral e homogêneo, abordando sua produção como representativa de adolescentes na faixa etária de 12 a 14 anos, corroborando marcadores de desenvolvimento típico, como inicialmente postulado para esses participantes a partir dos critérios de seleção da presente amostra.

IV.4 Associações entre INV, Rorschach e Pfister

Um dos objetivos centrais do presente trabalho foi examinar a convergência entre indicadores técnicos relativos ao funcionamento cognitivo e afetivo de adolescentes não pacientes, a partir de resultados obtidos no Método de Rorschach e no Teste de Pfister. Para tanto, pesquisou-se, de modo exploratório, possíveis associações e correlações entre indicadores técnicos desses instrumentos projetivos de avaliação psicológica, incluindo também a análise associativa com os resultados do Teste INV (forma C).

Utilizando a prova estatística do coeficiente de *Pearson*, foram analisadas e correlacionadas o total de duas variáveis do INV, 53 variáveis do Rorschach e 29 do Pfister, totalizando cruzamentos de 84 variáveis numéricas destes instrumentos. Foram interpretadas as correlações identificadas como estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) e que assumiram valor igual ou superior a 0,40, consideradas como associações moderadas a altas, de acordo com Baptista (2007).

Por meio dessa estratégia analítica acima descrita, os dados apontaram que as correlações entre os indicadores técnicos do Rorschach e do Pfister foram reduzidas, bem como não se identificou qualquer correlação estatisticamente significativa das variáveis desses instrumentos com os dados do INV, contrariando expectativas iniciais do presente trabalho. Foram encontradas apenas duas correlações estatisticamente significativas entre variáveis dos dois métodos projetivos de avaliação psicológica, a saber: a) TRm e porcentagem de Ma ($r = 0,498$); b) número de denegações no método de Rorschach e o algarismo da constância absoluta da fórmula cromática do Pfister ($r = 0,597$). Esmiuçando esses achados, notou-se apenas que o TRm do Método de Rorschach mostrou-se estatisticamente correlacionado, de forma significativa e positiva, com a porcentagem da cor marrom no Pfister. Esta correlação parece bastante coerente com a teoria utilizada para

interpretar os indicadores desses métodos projetivos. O TRm indica o tempo que cada pessoa levou para construir uma resposta aos estímulos imprecisos do Rorschach. O cor marrom, por sua vez, representa, em termos teóricos, mecanismos de fechamento e repressão psíquica frente a realidade externa. Assim, ao se identificar esta associação entre as citadas variáveis do Rorschach e do Pfister fica empiricamente indicado que, quanto maior o fechamento e a repressão interna, construindo mecanismos para evitar a interação com os estímulos do teste, (provavelmente vivenciados como mobilizadores), maior o tempo médio necessário para construir uma resposta aos estímulos propostos. A outra correlação encontrada foi entre as denegações do método de Rorschach e o algoritmo de constância absoluta do Pfister. A quantidade de denegações nesta amostra, no entanto, foi muito reduzida, o que inviabiliza a interpretação segura desse achado.

Embora os resultados advindos dessa primeira análise correlacional dos indicadores técnicos dos instrumentos de avaliação psicológica utilizados mostrem-se quantitativamente restritos, mesmo tendo sido testadas em grande número de possíveis associações, os achados parecem se constituir em pistas relevantes para a pesquisa nesse campo. Com base nesta perspectiva, foram selecionadas variáveis do Rorschach e do Pfister que, segundo Loureiro e Romaro (1985), constituíam indicadores considerados essenciais para análise clínica de funções psíquicas ligadas ao pensamento (organização lógica) e às vivências afetivas (Grassano, 1996). Dessa forma os resultados nas variáveis do Rorschach R, F%, G%, D%, F+%, Fext+%, $\sum K$, 3ª fórmula, H%, A%, Ban% e a porcentagem das escolhas das cores e das síndromes cromáticas do Pfister foram comparados com seus respectivos padrões normativos, a saber: adolescentes de 15 a 17 anos de Jardim-Maran (2011) para o método de Rorschach, enquanto para o Pfister recorreu-se aos padrões de F. Villemor Amaral (1978). A partir dessas expectativas normativas, os adolescentes foram distribuídos em três condições: abaixo da média, na média ou acima da média, para cada variável técnica examinada. Com essa matriz

de dados, foram realizadas análises estatísticas utilizando o teste do chi quadrado ($p \leq 0,05$), comparando-se a distribuição dos estudantes, como descrito no método (seção dos procedimentos de análise estatística). As variáveis que apresentaram relações de dependência consideradas estatisticamente significativas estão sumarizadas na Tabela 10.

Tabela 10: Distribuição dos adolescentes ($n=97$, em frequência simples e porcentagem) nas variáveis do Rorschach e do Pfister com associações estatisticamente significativas.

VARIÁVEL		Adolescentes (grupos)						TOTAL	χ^2	p	V de Cramer	
		Abaixo da média ↓		Média		Acima da média ↑						
Rorschach	Pfister	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%			
R	Vd ↓	6	27,3	7	30,4	32	61,5	45	46,4	12,01	<0,02	0,249
	Vd médio	10	45,4	12	52,2	16	30,8	38	39,2			
	Vd ↑	6	27,3	4	17,4	4	7,7	14	14,4			
	Subtotal	22	100,0	23	100,0	52	100,0	97	100,0			
R	La ↓	9	40,9	8	34,8	30	57,7	47	48,5	9,71	<0,05	0,224
	La médio	3	13,6	7	30,4	3	5,8	13	13,4			
	La ↑	10	45,5	8	34,8	19	36,5	37	38,1			
	Subtotal	22	100,0	23	100,0	52	100,0	97	100,0			
G %	Ma ↓	47	85,4	14	82,4	15	60	76	78,4	14,07	<0,01	0,269
	Ma médio	4	7,3	-	-	8	32	12	12,4			
	Ma ↑	4	7,3	3	17,6	2	8	9	9,3			
	Subtotal	55	100,0	17	100,0	25	100,0	97	100,0			
Terceira fórmula	Am ↓	14	60,9	31	65,9	22	81,5	67	69,1	12,43	<0,01	0,253
	Am médio	3	13,0	14	29,8	2	7,4	19	19,6			
	Am ↑	6	26,1	2	4,2	3	11,1	11	11,3			
	Subtotal	23	100,0	47	100,0	27	100	97	100,0			
Terceira fórmula	Vi ↓	5	21,7	14	29,8	6	22,2	25	25,8	10,68	<0,03	0,235
	Vi médio	2	8,7	5	10,6	10	37,0	17	17,5			
	Vi ↑	16	69,6	28	59,6	11	40,7	55	56,7			
	Subtotal	23	100,0	47	100,0	27	100,0	97	100,0			
A %	S. Normal ↓	4	12,9	9	36,0	8	19,5	21	21,6	11,04	<0,03	0,239
	S. Normal médio	25	80,6	16	64,0	25	61,0	66	68,0			
	S. Normal ↑	2	6,5	-	-	8	19,5	10	10,3			
	Subtotal	31	100,0	25	100,0	41	100,0	97	100,0			

↓ = Abaixo da média normativa; ↑ = Acima da média normativa.

Foram encontradas relações, com graus de dependência considerados estatisticamente significativos, entre as variáveis R e a porcentagem da cor verde, o R e a porcentagem da cor Laranja, o G% e a porcentagem da cor Marrom, terceira fórmula afetiva do Rorschach e a porcentagem da cor amarela, terceira fórmula afetiva e a porcentagem da cor violeta, A% e Síndrome Normal. O tamanho do efeito (V de Cramer) dessa análise da distribuição dos adolescentes entre essas variáveis foi moderado, como pode ser visto na Tabela 10.

Procurou-se destacar essas associações, assim como a sua importância para o contexto clínico, apresentando-se estes resultados em forma de figuras, para facilitar sua análise, seguindo-se a ordem das correlações acima descritas. Assim, a Figura 2 ilustra a distribuição dos adolescentes em função de seu número de respostas ao Rorschach e sua porcentagem de uso do verde no Pfister.

Figura 2: Distribuição dos adolescentes na variável R (número de respostas) do Método de Rorschach com a porcentagem da cor verde no Teste de Pfister.

Villemor-Amaral (2005) comenta sobre a cor verde como “*a cor que mais se relaciona à esfera do contato e dos relacionamentos afetivos e sociais. Foi chamada a cor do insight e da empatia.*” (p. 74) Portanto, a presença desta cor na produção do Pfister é um indicativo da sensibilidade do sujeito e da sua possibilidade de compreender o meio e suas experiências neste, integrando aspectos intelectuais e afetivos. Os resultados da Figura 2 apontam que a produtividade (número de respostas) ao Rorschach tende a cair nos adolescentes com o aumento da porcentagem de escolhas da cor verde no Teste de Pfister. É interessante ressaltar que a porcentagem da escolha da cor verde em frequência muito elevada indica sobrecarga de estimulação que tende a prejudicar a produção do sujeito (Villemor-Amaral, 2005). Por outro lado, a figura demonstra que quando a percentagem do verde está dentro da média, com maior frequência os adolescentes tem uma produção dentro e acima da média no Rorschach. Estes dados contribuem para fortalecer as evidências de validade das interpretações dadas a estes indicadores, assim como a sua convergência e complementaridade (Villemor Amaral, 2012; Rausch de Trautenberg, 1998).

O número de respostas ao Rorschach também apresentou uma relação de dependência significativa com a porcentagem de escolhas da cor laranja no Teste de Pfister ($V \text{ de Cramer} = 0,269$). A distribuição desses dados encontra-se visualmente representada na Figura 3.

Figura 3: Distribuição dos adolescentes na variável R (número de respostas) do Método de Rorschach com a porcentagem da cor laranja no Teste de Pfister.

A cor laranja do Teste de Pfister é tradicionalmente associada à produtividade, de acordo com as considerações de Villemor-Amaral (2005). A escolha desta cor em frequência elevada pode ser compreendida como indicativo de tendência a associar o seu valor pessoal ao que se consegue produzir (respostas ao Rorschach, no caso), seja esta voltada para aspectos mais concretos da realidade e/ou a aspectos intelectuais valorizados pelo indivíduo (Villemor Amaral, 2005; Villemor Amaral, 1978). Notou-se que R foi bem maior quando houve desvio em relação à média normativa do laranja (para baixo ou para cima), podendo sugerir mecanismos de esforço compensatório no sentido de “*fazer-se valer pela produtividade*” (Villemor Amaral, 1978, p. 90). Isso pareceu ocorrer quando o próprio senso de valor pessoal sinalizou-se rebaixado (laranja desviante da média), fortalecendo a concepção interpretativa de investimento “narcísico” expresso por meio dessa cor.

As variáveis G% do Rorschach e a porcentagem de escolhas da cor marrom na produção do Pfister também apresentaram relação de dependência com significativo efeito estatístico (V de Cramer = 0,269). O G% representa a porcentagem da produção na qual o indivíduo interpreta o estímulo do método do Rorschach na sua totalidade, indicando seu potencial para atividades de integração, organização e elaboração, denotando maturidade afetiva e cognitiva (Rausch de Traubenberg, 1998). Por sua vez, o marrom tem sido vinculado à expressão de impulsos primários que tendem a se associar a leis e ideais, permitindo manifestações de força produtiva ou destrutiva (Villemor-Amaral, 2005). A Figura 4 apresenta os resultados da relação da cor marrom do Teste de Pfister em relação com o G% do método de Rorschach.

Figura 4: Distribuição dos adolescentes na variável G% do Método de Rorschach com a porcentagem da cor marrom no Teste de Pfister.

Pode-se notar uma associação de relação inversa entre a cor marrom do Pfister e a variável G% do Rorschach. Quanto mais baixo a percentagem de escolhas da cor marrom no Pfister, maior a tendência dos adolescentes apresentarem percepções globais (integradas) dos estímulos no Método de Rorschach. Villemor-Amaral (2002) demonstrou que o aumento da cor marrom no Pfister está associado a características do funcionamento do tipo obsessivo compulsivo, clinicamente associado a um pensamento voltado para detalhes e peculiaridades do ambiente, em detrimento de percepções generalistas. Os resultados agora apresentados contribuem com evidências de validade destas possíveis interpretações clínicas dos métodos projetivos de avaliação psicológica aplicados em adolescentes com desenvolvimento típico.

Em sequência das análises realizadas até o momento, tomou-se a terceira fórmula afetiva do Método de Rorschach, conhecida também como representante do índice de reatividade afetiva diante das pranchas coloridas (cartões VIII, IX e X) desse teste psicológico. Os valores assumidos por essa fórmula foram classificados da seguinte forma: valores menores a 30 % (aqui intitulado como “inferior a média”) = correspondem ao tipo introversivo de reatividade emocional; valores entre 30% a 40% (aqui denominado como “média”) = correspondem ao tipo ambigüal; valores superiores a 40% (nomeado como “superior à média”) = correspondem ao tipo extratensivo de reatividade afetiva. Essa terceira fórmula do Rorschach apresentou duas relações de dependência com cores do Teste de Pfister, a saber: amarela e violeta. A cor amarela é teoricamente associada a manifestação do afeto, representante do pólo extratensivo e facilitador da adaptação ao ambiente. A cor violeta, por sua vez, remete à mobilização de vivências de ansiedade (Villemor-Amaral, 2012). A Figura 5 apresenta a distribuição dos adolescentes em função da terceira fórmula do Rorschach e a porcentagem de uso da cor amarela no Pfister.

Figura 5: Distribuição dos adolescentes na variável Terceira Fórmula Afetiva do Método de Rorschach com a porcentagem da cor amarela no Teste de Pfister.

A associação possível de ser identificada entre as variáveis Terceira Fórmula do Rorschach e a porcentagem da cor amarela no Pfister mostrou-se tendendo à inversão. Assim, quanto maior a porcentagem de escolha da cor amarela no Pfister, menor é o número de adolescentes que se mostraram com reação afetiva ambiguo ou extratensiva frente aos estímulos coloridos do Rorschach. Os adolescentes que apresentaram uma reação afetiva introversiva, por outro lado, pareceram aqueles que produziram maior reatividade emocional diante dos três últimos cartões do Rorschach. Pode-se pensar, portanto, numa hipótese de complementaridade entre a expressão cromática no Pfister (por meio do maior uso do amarelo) e a reatividade afetiva diante do Rorschach (por meio de menor número de respostas nos cartões coloridos), talvez como tentativa de equilibração psíquica entre manifestação afetiva (Pfister) e sensibilidade emocional (Rorschach).

A terceira fórmula afetiva do Rorschach também se mostrou associada, de modo estatisticamente significativo, com a cor violeta. Esses dados compõem a Figura 6.

Figura 6: Distribuição dos adolescentes na variável Terceira Fórmula Afetiva do Método de Rorschach com a porcentagem da cor violeta no Teste de Pfister.

Os dados apontaram relação de dependência direta entre a terceira fórmula afetiva do Rorschach e a porcentagem da cor violeta no Pfister. Assim, quanto mais elevada a porcentagem da escolha do violeta no Pfister, mais a cor no método de Rorschach tende a se mostrar um elemento estimulador de reações afetivas para os adolescentes. Na categoria acima da média da variável cor violeta, que aponta a mobilização de ansiedade difusa no funcionamento interno do adolescente, também o grupo de adolescentes apresentou maior reatividade emocional no Rorschach. Os dados dessa figura ilustraram o grau em que a vivência da ansiedade (representada aqui pela porcentagem do violeta) pode interferir no estilo de interação afetiva com o meio, favorecendo a reatividade emocional (maior número de respostas aos três últimos cartões do Rorschach). Estas evidências apontam a relevância e validade da convergência destes indicadores técnicos dos métodos projetivos de avaliação psicológica utilizados no presente trabalho.

Outra variável que se mostrou relevante nessas análises foi a porcentagem de conteúdos animais (A%) no Rorschach, teoricamente esperado em maior frequência na produção de crianças e adolescentes do que em adultos (Rausch de Traubenberg, 1998). Tende a ser interpretado como sinal de elaboração primária do pensamento, vinculada a uma forma mais regressiva e padronizada de pensar, podendo chegar a representar uma forma estereotipada de organização lógica quando muito utilizado. No entanto, carrega um sentido de adaptação social ao contexto, desde que em proporções compatíveis com o esperado para seu grupo de referência normativo.

A análise dos atuais resultados apontou uma associação estatisticamente significativa na distribuição dos adolescentes em função do A% no Rorschach e a porcentagem da Síndrome Normal no Pfister. A Figura 7 representa esses achados.

Figura 7: Distribuição dos adolescentes na variável A% do Método de Rorschach com a porcentagem da Síndrome Normal no Teste de Pfister.

Foi possível notar que a grande maioria dos adolescentes encaixou-se no perfil de valores compatíveis com as expectativas normativas de Síndrome Normal no Pfister (na média). Além disso, observou-se tendência ao aumento do A% quando se eleva a porcentagem da síndrome normal, pelo menos até essa variável atingir os valores medianos esperados. Notou-se que, nas categorias abaixo e na média da Síndrome Normal, o A% também aumentou, indicando que as duas variáveis se associaram. Mas na categoria acima da média da Síndrome de Normalidade, o A% diminuiu, mesmo mantendo distribuições próximas aquelas apresentadas nas outras categorias da Síndrome da Normalidade. É interessante notar também que nesta categoria o A% não apresentou adolescentes dentro da média, ou seja, o esforço adaptativo indicado pela variável do Teste de Pfister apareceu nesta variável Rorschach como sendo insuficiente (A% abaixo da média) ou estereotipado (A% acima da média) (Rausch de Trautenberg, 1998). Estes dados apontaram para convergência destes dois indicadores, fortalecendo as evidências de validade de suas hipóteses interpretativas, assim como a importância de se associar instrumentos no processo de avaliação psicológica (Archer & Newson, 2000; Cunha, 2000; Franco & Villemor-Amaral, 2012; Meyer et al., 2001).

Três duplas de variáveis (F% e amarelo%; Ban% e Violeta%; Ban% e Branco%) apresentaram valores marginais de significância estatística nas análises presentemente realizadas. Embora a quantidade de relações de dependência encontradas nesta investigação pareçam quantitativamente reduzidas frente ao grande número de variáveis investigadas, elas se mostraram qualitativamente relevantes, uma vez que contribuem para compreensão e evidências de validade de indicadores comumente utilizados na prática cotidiana de avaliação psicológica. Dentro deste contexto, julgou-se relevante apresentar e discutir essas relações de dependência das variáveis que apresentaram valores marginais de significância estatística, conforme apresentado na Tabela 11 e, posteriormente, por meio das respectivas figuras.

Tabela 11: Distribuição dos adolescentes ($n=97$, em frequência simples e porcentagem) nas variáveis do Rorschach e do Pfister com associações marginalmente significativas ($0,06 < p < 0,08$).

VARIÁVEL		Abaixo da média ↓		Media		Acima da média ↑		TOTAL		χ^2	p	V de Cramer
Rorschach	Pfister	f	%	f	%	f	%	f	%			
F %	Amarelo ↓	47	79,7	7	43,7	13	59,1	67	69,1	9,15	<0,06	0,217
	Amarelo média	7	11,9	6	37,5	6	27,3	19	19,6			
	Amarelo ↑	5	8,5	3	18,8	3	13,6	11	11,3			
	Subtotal	59	100,0	16	100,0	22	100,0	97	100,0			
Ban %	Violeta ↓	8	17,8	8	34,8	9	31,0	25	25,8	8,24	<0,08	0,206
	Violeta média	11	24,4	-	-	6	20,7	17	17,5			
	Violeta ↑	26	57,8	15	65,2	14	48,3	55	56,7			
	Subtotal	45	100,0	23	100,0	29	100,0	97	100,0			
Ban %	Branco ↓	9	20,0	10	43,5	5	17,2	24	24,7	8,46	<0,08	0,209
	Branco média	5	11,1	4	17,4	7	24,1	16	16,5			
	Branco ↑	31	68,9	9	39,1	17	58,6	57	58,8			
	Subtotal	45	100,0	23	100,0	29	100,0	97	100,0			

A associação entre o F% do Método de Rorschach e porcentagem de uso do amarelo no Teste de Pfister encontra-se visualmente representada na Figura 8.

Figura 8: Distribuição dos adolescentes na variável F% do Método de Rorschach com a porcentagem da cor amarela no Teste de Pfister.

Os resultados apontaram que o número de adolescentes com a produção de F% abaixo da média tende a diminuir na medida em que aumenta a porcentagem de escolhas da cor amarela. Esta convergência técnica parece bastante importante na medida em que as duas variáveis se constituem em importantes indicadores da adaptação do indivíduo a seu contexto imediato. Esta associação aponta que a possibilidade de organizar e manifestar o afeto de forma adaptada e produtiva (expressa pela porcentagem da cor amarela) pareceu associada à captação racional do ambiente, como indicada pela variável F% (Grassano, 1996; Villemor-Amaral, 2012).

A proporção de respostas banais (Ban%) é variável do Rorschach que sinaliza percepção e respostas convencionais aos estímulos do teste, tendendo a representar padrões sociais existentes (Rausch de Trautenberg, 1998). Sendo assim, torna-se importante indicador da capacidade de adaptação do indivíduo. Esta variável (Ban%) apresentou relação de dependência com a porcentagem de escolhas de duas cores do Teste de Pfister: violeta e branco. As figuras 9 e 10 representam, respectivamente, esses dados empíricos.

Figura 9: Distribuição dos adolescentes na variável Ban% do Método de Rorschach com a porcentagem da cor violeta no Teste de Pfister.

A associação entre a porcentagem de respostas banais e a porcentagem de escolhas da cor violeta na produção destes adolescentes apresentou uma tendência de relação inversa. Assim, quanto mais aumentou a cor violeta, indicador de ansiedade, maior o grupo de adolescentes que apresentaram baixa produção de respostas banais. Isto significa que quanto mais se vivencia a mobilização de ansiedade difusa, maior o número de adolescentes que apresentaram menos respostas comuns e adaptativas na interação com o meio.

A cor branca também apresentou relação de dependência marginalmente significativa (do ponto de vista estatístico) com a variável Ban% do Rorschach. A Figura 10 apresenta esses resultados.

Figura 10: Distribuição dos adolescentes na variável Ban% do Método de Rorschach com a porcentagem da cor branca no Teste de Pfister.

Os adolescentes desse estudo distribuíram-se de modo homogêneo no tocante à porcentagem de respostas banais do Rorschach enquanto a porcentagem da cor branca no Pfister encontrou-se nas categorias abaixo ou dentro da média. Esta cor é comumente

associada a mecanismos de fuga e evitação do enfrentamento de aspectos da realidade sentidos como indesejáveis, sendo, portanto, indicador de vulnerabilidade e fragilidade quando se apresenta em proporção aumentada (Villemor-Amaral, 2012). Os atuais resultados apontaram que, diante do aumento da porcentagem da cor branca na produção, houve significativo aumento da quantidade de adolescentes que apresentam o Ban% na categoria abaixo da média normativa. Estes dados indicam que quanto maior a vulnerabilidade e mobilização de mecanismos de fuga da realidade indicada pela variável do Teste de Pfister (porcentagem de branco), maior a dificuldade dos adolescentes em apresentar respostas comuns e adaptativas a sua realidade imediata (sinalizada pela variável Ban% do Método de Rorschach). Constituem-se, portanto, enquanto achados que se configuram como evidências de validade às interpretações atribuídas a estas variáveis desses dois métodos projetivos de avaliação psicológica e a suas convergências.

Embora o número de relações consideradas estatisticamente significativas tenha sido considerado reduzido, sobretudo diante do número de associações testadas, sua importância foi demonstrada pela coerência e convergência possíveis para as interpretações atribuídas às associações encontradas. Meyer et al. (2001) comentam que as convergências entre indicadores de métodos de avaliação psicológica dificilmente ultrapassam valores de efeito moderado. Isto ocorreu também nas relações de dependência entre variáveis identificadas nesta investigação, com significativo valor clínico. Meyer et al. (2001) também defendem resultados como os presentemente encontrados, arguindo que a crítica à validade e relevância das contribuições dos instrumentos de avaliação psicológica não procede, uma vez que tanto os instrumentos de avaliação psicológica quanto aqueles utilizados na avaliação física dentro da área médica apresentam similares índices psicométricos. A relevância das contribuições, na maioria das vezes, não se encontra em variáveis que apresentam altos índices estatísticos de correlação. Esse grupo de pesquisadores, juntamente com estudiosos do Brasil e do exterior (Fensterseifer & Werlang,

2008; Primi, 2010; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006; Urbina, 2007), reforçam a necessidade de se continuar enfrentando o desafio de validação destes métodos, bem como de elucidar cada vez mais a forma como suas variáveis interagem entre si e podem fornecer novas e válidas informações a respeito do mundo interno dos indivíduos.

IV.5 Hipóteses adicionais de convergência entre INV, Rorschach e Pfister

Procurou-se ainda examinar a convergência entre indicadores do Método de Rorschach, do Teste de Pfister e do Teste INV (forma C) por meio da formulação e da análise estatística de algumas hipóteses teóricas pautadas em investigações científicas prévias (Cardoso & Santos, 2012; Franco & Villemor-Amaral, 2009 e 2012; Marques, Chaves & Yazigi, 2012; Villemor-Amaral, Pardini et al. 2012; Villemor-Amaral & Quirino, 2013). Para estas análises, por indicação da assessoria estatística, foram utilizados recursos técnicos vinculados a um modelo linear generalizado com distribuição binomial e função de ligação logit (Freitas, 2013).

Uma vez que esta investigação possui uma amostra de indivíduos considerável ($n=97$) pode-se assumir a distribuição normal do erro, seguindo o teorema de limite central, e apresentar os intervalos de confiança que estimam a distribuição da média da variável na população. A seguir, então, as hipóteses testadas com este tipo de análise estatística serão enumeradas e apresentadas e, seus resultados, discutidos.

A primeira convergência investigada voltou-se a indicadores que contribuem com dados sobre o funcionamento cognitivo. Cardoso e Capitão (2007) e Villemor-Amaral e Quirino (2013) encontraram evidências de que aspecto formal das pirâmides do Teste de Pfister pode ser um indicador da maturidade afetiva e cognitiva. Como descrito anteriormente, foram testadas as correlações entre as variáveis do teste INV (forma C) e indicadores de

funcionamento cognitivo do Método de Rorschach e Teste de Pfister, sem identificação de associações estatisticamente significativas. Desse modo, nesse momento decidiu-se investigar as seguintes hipóteses, como referido no método:

IV.5.1 *Os resultados do INV apresentam significativa associação com a maturidade cognitiva medida pelo aspecto formal do Pfister?*

Com esta finalidade foi realizada uma análise de correlação de *Pearson*, ponto bisserial, entre os escores do INV e a variável do Pfister (aspecto formal) dicotomizada em duas categorias (contagem simples a partir do total de pirâmides construídas pelos adolescentes): a) apenas tapetes; b) pelo menos uma formação ou estrutura. Foi encontrada uma relação positiva, porém fraca, entre estas variáveis ($r = 0,180$). Esta correlação apresenta, também, apenas valor marginal de significância estatística ($p=0,078$). Estes achados foram sugestivos de alguma associação entre estes indicadores técnicos, no sentido de avaliarem o funcionamento cognitivo, porém marcam também que podem haver a presença de outros e diferentes aspectos deste funcionamento examinados pelos dois testes psicológicos em foco.

IV.5.2 *Indivíduos que apresentassem resultado indicativo de maior maturidade no aspecto formal das pirâmides apresentariam também sinal de adequado controle afetivo no Rorschach ($FC \geq CF + C$)?*

IV.5.3 *A proporção ($FE : EF + E$) do Rorschach, que aborda afetos associados a angústia, também apresentaria relações com o aspecto formal das pirâmides do Teste de Pfister?*

A segunda e terceira hipóteses referem-se à proporcionalidade dos determinantes afetivos e racionais na produção diante do Método de Rorschach, sendo, portanto, examinadas

de forma conjunta no mesmo subtópico deste trabalho. A distribuição da proporção de determinantes ($FC : CF + C$) e ($FE : EF + E$) dimensiona o predomínio (ou não) de estímulos formais da mancha sobre os sensitivos (cor e tonalidade) na construção das respostas (Rausch de Traubenberg, 1998). Atribui-se a esses indicadores da Escola Francesa do Rorschach a possibilidade de informar sobre o funcionamento do controle afetivo do indivíduo. É importante ressaltar também que a possibilidade de contenção afetiva se constitui em marcante traço do processo de maturação afetiva e cognitiva (Anzieu, 1986; Loureiro & Romaro, 1985).

Para possibilitar estas análises, o aspecto formal das pirâmides elaboradas pelos adolescentes foi recategorizado, bem como a proporção das variáveis ($FC : CF + C$) e ($FE : EF + E$), utilizando-se um ajuste binomial (ausência ou presença da variável, atribuindo-se respectivamente os valores 0 e 1). Convencionou-se a seguinte reorganização dos dados:

- no tocante ao aspecto formal das pirâmides do Pfister:

- a) apenas tapetes; b) pelo menos uma formação ou estrutura.

- quanto às proporções dos determinantes:

- a) ($FC < CF + C$) = 0 (ausência de controle dos impulsos); ($FC \geq CF + C$) = 1 (presença de controle dos impulsos)

- b) ($FE < EF + E$) = 0 (ausência de controle da angústia); ($FE \geq EF + E$) = 1 (presença de controle da angústia).

Com base nessa estratégia técnica chegou-se a distribuição dos resultados específicos de cada pirâmide do Teste de Pfister. Esses achados compõem a Tabela 12.

Tabela 12: Distribuição do aspecto formal das pirâmides recategorizados em tapetes ou forma / estrutura e em função das proporções de $(FC : CF + C)$ e $(FE : EF + E)$ no Rorschach.

Proporção Rorschach		$(FC < CF + C)$	$(FC \geq CF + C)$	$FE < EF + E$	$FE \geq EF + E$
Aspecto formal Pfister					
Pirâmide 1	tapete	25 (43,9%)	32 (56,1%)	13 (22,8%)	44 (77,2%)
	formação/estrutura	11 (27,5%)	29 (72,5%)	6 (15,0%)	34 (85,0%)
Pirâmide 3	tapete	23 (44,2%)	29 (55,8%)	14 (26,9%)	38 (73,1%)
	formação/estrutura	13 (28,9%)	32 (71,1%)	5 (11,1%)	40 (88,9%)
Pirâmide 3	tapete	25 (52,1%)	23 (47,9%)	12 (25,0%)	36 (75,0%)
	formação/estrutura	11 (22,4%)	38 (77,6%)	7 (14,3%)	42 (85,7%)

Reconfigurados os dados, tornou-se possível sua devida análise estatística, como descrita no método. O primeiro enfoque analítico foi oferecido aos resultados referentes à hipótese 2, ou seja, referentes à possibilidade de controle afetivo dos impulsos no Rorschach e sua associação com o aspecto formal das pirâmides no Pfister. Esses dados estão apresentados na Tabela 13.

Tabela 13: Índices de efeito da variável aspecto formal das pirâmides de Pfister em relação à fórmula de controle afetivo do Rorschach $(FC:CF+C)$.

Aspecto formal do	$FC < CF + C$	$FC \geq CF + C$	Análise estatística	
Pfister	0	1	χ^2	p
Tapetes	19 (51,4%)	18 (48,6%)	5,069	0,024
Formações/Estruturas	17 (28,3%)	43 (71,7%)		

Foi possível identificar diferença estatisticamente significativa no número de adolescentes que apresentaram apenas tapetes (e que sinalizam menor maturidade socioafetiva, segundo Villemor-Amaral, 2012) e os que apresentam a construção de pelo menos uma formação ou estrutura na análise do aspecto formal das pirâmides do Pfister. O intervalo de confiança do grupo que construiu apenas tapetes apresentou média de 49%, enquanto o intervalo de confiança dos que construíram pelo menos uma forma ou estrutura no Pfister apresentou a média de 72%. Isto indica que se pode esperar que, dentre os indivíduos que apresentarem apenas tapetes na sua produção, 49% sinalizarão adequado controle afetivo, ao passo que entre os que construírem pelo menos uma formação ou estrutura 72% apresentarão indicador de adequado controle afetivo. Estes dados evidenciam que há convergência entre os indicadores examinados, ou seja, entre aspectos formais das pirâmides do Teste de Pfister e o equilíbrio existente na proporção ($FC : CF + C$) do Método de Rorschach.

A seguir é apresentada a análise referente à hipótese 3 desse subtópico do presente trabalho. Assim, a Tabela 14 trata da questão do equilíbrio (ou não) no controle da angústia no Rorschach e sua associação com o aspecto formal das pirâmides no Pfister.

Tabela 14: Índices de efeito da variável aspecto formal das Pirâmides de Pfister em relação à fórmula de controle da angústia do Rorschach ($FE:EF+E$).

Aspecto formal	$FE < EF + E$	$FE \geq EF + E$	Análise estatística	
do Pfister	0	1	χ^2	p
Tapetes	11 (29,7%)	26 (70,3%)	3,740	0,053
Formações/Estruturas	8 (13,3%)	52 (86,7%)		

Pode-se observar que a presença de formas ou estruturas nas pirâmides mostrou efeito marginal de significância estatística ($p=0,053$) em relação a $FE \geq EF + E$ (categorizado como

1). Se este resultado for tomado como relevante, os intervalos de confiança indicam que se pode esperar que, na média, 70% dos adolescentes que construíram apenas tapetes apresentarão adequado controle afetivo da angústia, como sinalizado pelo indicador $(FE \geq EF + E) = 1$. Por outro lado, espera-se que os adolescentes que construírem pelo menos uma formação ou estrutura apresentem, em média, 87% este indicador de adequado controle afetivo da angústia na sua produção.

IV.5.4 A quantidade de formações ou estruturas na produção do Pfister aumentaria as possibilidades de adequado controle sobre os afetos $[(FC \geq CF + C) \text{ e } (FE \geq EF + E)]$?

Para investigar esta hipótese, os indivíduos foram distribuídos conforme o número de formas ou estruturas nas três pirâmides construídas. Esta classificação variava de 0 (apenas tapetes) até 3 (todas as pirâmides com aspecto formal de formações e/ou estruturas). As fórmulas de controle afetivo ($FC:CF+C$ e $FE:EF+E$) foram classificadas a partir da mesma convenção adotada na hipótese 2 e a distribuição dos indivíduos em relação a estas duas variáveis está apresentada na Tabela 15.

Tabela 15: Distribuição do número de formas ou estruturas das três pirâmides dos adolescentes ($n=97$) em função das variáveis de controle afetivo do Rorschach.

Proporção Rorschach	$(FC < CF + C)$	$(FC \geq CF + C)$	$FE < EF + E$	$FE \geq EF + E$
Número de formações ou estruturas no Pfister	0	1	0	1
0	19 (51,4%)	18 (48,6%)	11 (22,8%)	26 (70,3%)
1	6 (35,3%)	11 (64,7%)	2 (11,8%)	15 (88,2%)
2	4 (33,3%)	8 (66,7%)	2 (16,7%)	10 (83,3%)
3	7 (22,6%)	24 (77,4%)	4 (12,9%)	27 (87,1%)

Essa distribuição de frequências de indivíduos que apresentaram uma, duas ou três pirâmides classificadas como formações ou estruturas no Pfister foi bastante semelhante, principalmente com relação à variável relacionada ao controle da angústia ($FE \geq EF + E$), diferenciando apenas aqueles indivíduos que construíram exclusivamente tapetes. Aparentemente, esses resultados apontam que os indivíduos que constroem pelo menos uma formação ou uma estrutura têm mais chances de obter índices de melhor controle afetivo [$(FC \geq CF + C)$ e $(FE \geq EF + E)$] em relação aqueles que produzem apenas tapetes no Pfister. No entanto, entre aqueles que constroem uma, duas ou três pirâmides com o aspecto formal de formações e ou estruturas, essa distinção é menos visível, principalmente na tocante à variável relacionada ao controle da angústia.

A possível relação entre o número de formas ou estruturas produzidas por cada adolescente e as variáveis associadas ao controle da afetividade do Rorschach, agora distribuídas em uma classificação ordinal, foi analisada também por meio de um modelo de regressão logística. Os resultados apresentaram um efeito estatisticamente significativo ($p=0,018$) em relação à possibilidade do adolescente apresentar sinal de adequada coordenação impulsiva ($FC \geq CF + C$) no Rorschach e a quantidade de formações ou estruturas no aspecto formal das pirâmides no Teste de Pfister. Este efeito aponta que quanto maior o número de formações ou estruturas na produção, maior a chance de apresentar indicador positivo de controle afetivo. A razão de chance observada foi de 1,516, de forma que para cada pirâmide de forma ou estrutura que ele construir no teste, se tudo o mais se mantiver constante, o adolescente tem cerca de 50% mais chance de apresentar a relação ($FC \geq CF + C$) no Método de Rorschach. Este resultado, entretanto, apresentou um intervalo de confiança muito amplo (8% a 100%), sinalizando limitações e necessidade de cuidados na generalização deste dado.

O indicador do Rorschach relativo ao controle da angústia ($FE \geq EF + E$) não apresentou este efeito previsto em relação à quantidade de pirâmides classificadas como formações ou estruturas no Pfister. O nível de significância desta possível relação de efeito alcançou apenas o valor de $p=0,105$, portanto, não significativo.

IV.5.5 *A porcentagem de uso do vermelho no Pfister na média ou acima dela, sinalizando, investimento e abertura aos estímulos do meio, tenderia a se associar a índice de dificuldade no controle afetivo ($FC < CF + C$) e da angústia ($FE \geq EF + E$) no Rorschach?*

A presença da cor vermelha na produção das pirâmides do Pfister, em especial em adolescentes, é esperada em um protocolo considerado típico. Por outro lado, sua ausência tem sido interpretada como sinalizadora de labilidade estrutural, falta de investimento em aspectos da realidade externa que possam garantir a satisfação de suas necessidades psicológicas, assim como o seu desenvolvimento pessoal (Marques, 1984; Villemor-Amaral, 2012). No Método de Rorschach o vermelho também é uma cor que se destaca como mobilizadora de vivências afetivas, constituindo-se em um possível determinante para respostas do indivíduo. Esta cor tende estar envolvida nas respostas representativas de extratensividade e de agressividade, denotando, assim, o investimento e sensibilidade do indivíduo em suas trocas com o meio (Azoulay, 2007; Chabert, 2004; Grassano, 1996). Baseando-se nestas concepções, que apontam a importância da cor vermelha na produção em ambos os testes psicológicos presentemente considerados, procurou-se verificar o possível efeito da variável cor vermelha do Teste de Pfister sobre a proporção relativa ao controle afetivo ($FC \geq CF + C$) e da angústia ($FE \geq EF + E$) do Rorschach.

Para análise desta hipótese, os resultados da porcentagem da cor vermelha no Pfister foram organizados em dois grupos: a) abaixo da média normativa; b) dentro ou acima da média normativa. Os participantes também foram distribuídos de acordo com os índices

obtidos nas fórmulas de controle da afetividade e da angústia. Estas classificações mantiveram as mesmas convenções anteriormente estabelecidas. A distribuição desses resultados encontra-se, respectivamente, na Tabela 16 e na Tabela 17.

Tabela 16: *Distribuição dos resultados da cor vermelha no Pfister em função das variáveis relacionadas ao controle da afetividade ($FC \geq CF + C$) no Rorschach.*

Porcentagem		FC < CF + C	FC $\geq$ CF + C	Análise estatística	
no Pfister		0	1	χ^2	P
Vermelho	Abaixo da média	6 (19,4%)	25 (80,6%)	5,787	0,016
	Dentro ou acima da média	30 (45,5%)	36 (54,5%)		

Como pode ser observado, foi encontrado um efeito estatisticamente significativo entre as variáveis cor vermelha e a variável representativa de controle afetivo do Rorschach. Os resultados apontaram que existe maior probabilidade dos adolescentes com vermelho abaixo da média terem adequado controle afetivo ($FC \geq CF + C$), num intervalo de confiança médio de 81%. Por sua vez, os adolescentes que apresentam porcentagem de vermelho na média ou acima dela (média do intervalo de confiança em 55%) também sinalizaram adequado controle afetivo ($FC \geq CF + C$), embora em menor probabilidade. Pode-se observar que o intervalo de confiança obtido para essas variáveis nessa amostra aponta que, independentemente da variável cor vermelha no Pfister, é esperado que a maioria dos adolescentes sinalize adequado controle da própria afetividade (55% a 81%). Este dado é relevante uma vez que se trata de amostra de adolescentes com indicadores de desenvolvimento típico, reforçando, assim, a consistência interna dos resultados obtidos.

A seguir são apresentados os dados referentes à coordenação das vivências de angústia em sua relação com a porcentagem da cor vermelha no Teste de Pfister dos adolescentes.

Tabela 17: Distribuição dos resultados da cor vermelha no Pfister em função das variáveis relacionadas ao controle da angústia ($FE \geq EF + E$) no Rorschach.

Porcentagem		$FE < EF + E$	$FE \geq EF + E$	Análise estatística	
no Pfister		0	1	χ^2	P
Vermelho	Abaixo da média	3 (9,7%)	28 (90,3%)	2,651	0,103
	Dentro ou acima da média	16 (24,2%)	50 (75,8%)		

Nessa análise relativa às proporções de controle da angústia, a comparação entre os adolescentes não identificou diferença estatisticamente significativa em função da porcentagem de vermelho no Pfister. No entanto, cabe destacar que a probabilidade de apresentar adequado controle da angústia ($FE \geq EF + E$) sinalizou-se um pouco maior nos adolescentes com porcentagem de escolhas da cor vermelha abaixo da média normativa.

Estes dados produziram evidências empíricas de que o indicador de equilíbrio afeto/razão ($FC:CF+C$) do Rorschach realmente tende a refletir controle sobre os impulsos, aspecto que também pode ser manifestado nas escolhas cromáticas do Pfister, como o vermelho. Por outro lado, o indicador do Rorschach ($FE:EF+E$) se refere a um afeto, como a angústia, com características específicas e diferenciadas do que pode ser identificado pela proporção relativa ao controle dos afetos.

IV.5.6. *O TRI extratensivo apresentaria uma relação de efeito sobre a produção da Síndrome Estímulo (porcentagens dentro ou acima da média) no Teste de Pfister?*

Ao se observar as variáveis que atingiram níveis marginais de significância estatística nas análises realizadas pela prova do χ^2 , pode-se verificar que a Síndrome Estímulo do Teste de Pfister apresentou correlação com a classificação de extratensividade no Tipo de

Ressonância Intima (TRI) do Rorschach. Atribui-se ao TRI a possibilidade de oferecer indicativos sobre o padrão habitual e predominante de reação afetiva do indivíduo frente às estimulações do meio (Rausch de Traubenberg, 1998). Procurou-se, nesse segundo momento de análise, esmiuçar as possibilidades informativas dessa possível associação entre variáveis dos referidos métodos projetivos de avaliação psicológica.

Para esta investigação, os adolescentes foram agrupados a partir do tipo extratensivo ou introversivo obtido pelo TRI. Os estudantes que foram inicialmente classificados em coartativos ou coartados foram alocados na categoria dos introversivos, pois eram menos que cinco integrantes, não justificando uma categoria distinta. Este agrupamento levou em consideração a fundamentação teórica destas categorias que apontam o tipo coartativo como tendo características de introversão em grau mais intenso do que a média do grupo introversivo, podendo ser aproximados em uma mesma categoria analítica. Os resultados dessa análise estão apresentados na Tabela 18.

Tabela 18: *Distribuição dos resultados dos adolescentes (n=97) em função do TRI no Rorschach e da Síndrome Estímulo no Teste de Pfister.*

Tipo afetivo do TRI	Síndrome Estímulo		Análise estatística	
	Abaixo da média	Dentro ou acima da média	χ^2	P
Extratensivo	11 (11,3%)	58 (59,7%)	11,012	0,001
Introversivo	13 (13,4%)	13 (13,4%)		

Ficou evidente uma relação estatisticamente significativa entre os tipos de ressonância íntima (TRI) extratensivo ou introversivo do Método de Rorschach e a Síndrome Estímulo do Teste de Pfister. O Intervalo de confiança do grupo de adolescentes classificados como

extratensivos e que apresentaram a Síndrome Estímulo dentro ou acima da média ficou entre 73 e 91%, tendo a média de 84%. Isto indica que em uma população com características parecidas com a desta amostra (adolescentes com desenvolvimento típico), pode-se esperar que, em média, 84% dos adolescentes com tendências extroversivas na sua interação com o meio, apresentem Síndrome do Estímulo na média ou acima dela no Teste de Pfister. Dentro desta mesma lógica, indivíduos com classificação TRI introversivo apresentam apenas uma expectativa de produção da Síndrome Estímulo no Teste de Pfister de 50% (intervalo de confiança entre 32 a 68%). Isto aponta certa convergência entre estas duas variáveis e a possibilidade de efeito entre elas em um processo de avaliação psicológica.

Com base nos mesmos princípios analíticos, os dados foram organizados para se examinar a possível associação entre o tipo de vivência afetiva (extratensivo ou introversivo) a partir do indicador da segunda fórmula afetiva (tendências latentes - TL) do Rorschach e a porcentagem da Síndrome Estímulo do Pfister. No entanto, essas análises não apresentaram resultados estatisticamente significativos, enfraquecendo suas possibilidades interpretativas.

Os resultados apresentados apontam que há a possibilidade de se demonstrar as convergências entre os indicadores dos métodos projetivos Rorschach e Pfister, como teoricamente esperado. Esta possibilidade parece necessitar de métodos que possam abarcar as características diversificadas e específicas destes instrumentos, como por exemplo, variáveis numéricas e outras categóricas. Nesta investigação tornou-se possível agrupar e comparar os indivíduos em conjuntos de variáveis técnicas do Rorschach e do Pfister, o que pareceu mais produtivo do que buscar medir e correlacionar cada variável isoladamente. A relevância da integração de clusters de indicadores dos métodos projetivos de avaliação psicológica já foi ressaltada por outros pesquisadores dos instrumentos de avaliação psicológica (Cardoso & Capitão, 2006; Franco & Villemor-Amaral, 2009)

O processo de categorização realizado na prática clínica cotidiana da avaliação psicológica pode favorecer o cruzamento de indicadores técnicos e a investigação de suas possíveis convergências interpretativas. Esses pontos de consistência entre indicadores técnicos, encontrados nesta investigação, fortaleceram interpretações teoricamente postuladas, colaborando nos processos de compreensão psicodinâmica de adolescentes com desenvolvimento típico, na faixa etária de 12 a 14 anos.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os métodos projetivos de avaliação psicológica examinam características dos indivíduos, dentro de seu repertório de desenvolvimento e que se organizam na interação com o outro e com o ambiente ao seu redor. A partir dos achados empíricos do presente trabalho pode-se inferir que os adolescentes avaliados compartilham condições básicas adequadas para seu crescimento, favorecendo um desenvolvimento típico e com características do funcionamento lógico e afetivo semelhantes entre si.

No trabalho clínico com adolescentes, os métodos projetivos tem se mostrado instrumentos eficientes e apreciados para a prática profissional (Amparo et al., 2014; Archer & Newson, 2000; Azoulay, 2008). Isto ressalta a importância de se produzir evidências científicas sobre estes instrumentos, assim como a forma como seus indicadores se associam. Entretanto, isto tem se constituído em um desafio para a investigação científica. Diversos esforços investigativos têm sido feitos no sentido de produzir evidências de validade para estes métodos de avaliação psicológica, mas a diversidade e singularidade do funcionamento afetivo e cognitivo das pessoas, característica esta fundamental do material que estes testes se propõem a elucidar (Cunha, 2000; Tavares, 2003), impõem muitas dificuldades para que se possa atender plenamente aos critérios estatísticos e técnicos da Teoria Clássica dos Testes (Villemor-Amaral, 2006).

Esta preocupação e desafio que o trabalho com os métodos projetivos suscitam tem sido uma constante desde a criação destes instrumentos que datam quase 100 anos. Já em 1965, Aniela Ginsberg, pesquisadora a quem pode ser atribuída primeiras tentativas de investigação de correlação dos indicadores dos métodos projetivos Rorschach e Pfister no Brasil (Van Kolck, 1972), afirmou:

“A polêmica da validade dos métodos projetivos data do começo do uso destas provas. A polêmica iniciada com o aparecimento do Psicodiagnóstico de Rorschach, em 1921, continua até nossos dias, 44

anos! Parece que o psicólogo e o estudioso da personalidade humana só contam com duas alternativas, lembradas por H. MURRAY: ou usar métodos precisos e adequados para estudar problemas sem importância, ou estudar problemas importantes com métodos inadequados.” (p. 269)

Em 2001, 36 anos depois desta afirmação, Meyer et al. (2001) continuavam insistindo em arguir sobre a necessidade de se chegar a critérios mais adequados para discutir e demonstrar a validade dos métodos projetivos de avaliação psicológica, de forma que venham a contribuir para o avanço do conhecimento técnico acerca desses instrumentos. Esse aprimoramento técnico-científico instrumental poderá, pela riqueza das informações fornecidas sobre os indivíduos, favorecer planejamento e desenvolvimento de intervenções profissionais adequadas às demandas e com a devida eficiência almejada.

O artigo de Meyer et al. (2001) reúne evidências de mais de 125 metanálises realizadas sobre a validade dos instrumentos de avaliação psicológica. Após detalhada exploração das principais evidências derivadas desse trabalho, os autores concluem que: a) Os instrumentos de avaliação psicológica possuem robustos indicadores de validade. b) A validade dos instrumentos de avaliação psicológica é equivalente à validade dos instrumentos de avaliação médica, muitos desses últimos tomados como padrão-ouro para diferentes áreas de investigação científica.

c) Os diferentes tipos de métodos de avaliação psicológica possuem especificidades que acessam fontes distintas e específicas de informações sobre os indivíduos.

d) Os instrumentos de avaliação psicológica oferecem conteúdos que dificilmente são acessíveis aos profissionais que utilizam apenas as entrevistas como recurso diagnóstico e investigativo sobre os indivíduos. Sendo assim, a recusa profissional em utilizar estes recursos (testes psicológicos) favorece compreensão limitada e geralmente incompleta sobre as pessoas que procuram orientação e auxílio profissional do psicólogo.

No contexto do Brasil, Fensterseifer e Werlang (2008), assim como Villemor-Amaral e Pasquali-Casado (2006), retomaram essa discussão sobre a validade dos métodos projetivos e apontaram que uma das críticas feitas à validade destes instrumentos diz respeito a dificuldade de se demonstrar a convergência de indicadores que, no uso cotidiano, são utilizados para se construir as interpretações acerca da produção do indivíduo. Nesta discussão, no entanto, as pesquisadoras apontaram que frequentemente as baixas correlações entre determinados indicadores de testes psicológicos acabam constituindo evidências de validade dos próprios instrumentos, fortalecendo a riqueza e a singularidade de seus achados, essencial para se compreender o comportamento humano (Villemor-Amaral, 2006). Estes desafios, por sua vez, têm contribuído para a produção de estudos (como a presente investigação) por profissionais que utilizam os instrumentos projetivos e reconhecem, portanto, a sua utilidade prática.

Ao se investigar, no presente trabalho, as correlações possíveis entre indicadores dos instrumentos Teste de Inteligência INV (forma C), Método de Rorschach e Teste das Pirâmides Coloridas do Pfister, os resultados foram semelhantes aos encontrados por Van Kolck (1972), Cardoso e Capitão (2006), Muniz e Primi (2008) e Franco e Villemor-Amaral (2009), ou seja, reduzido número de correlações estatisticamente significativas. É importante ressaltar que, desde as primeiras tentativas de estudos dessa natureza e com delineamentos exploratórios e correlacionais, como os realizados pela pesquisadora Aniela Ginsberg (1959) até a atual investigação, as correlações encontradas entre os indicadores técnicos dos instrumentos, apesar de numericamente reduzidas, são coerentes e qualitativamente significativas para a prática clínica.

Diante dos argumentos expostos pode-se afirmar que o objetivo principal desse trabalho foi atingido. Buscou-se desenvolver estratégias para demonstrar empiricamente as interações entre indicadores do Rorschach e do Pfister que teoricamente avaliam o mesmo

construto, a saber: características de personalidade. Os resultados obtidos pelas três diferentes estratégias de análises estatísticas utilizadas para investigar a possibilidade de convergências entre os indicadores do Rorschach e do Pfister apontaram que as correlações entre as variáveis destes instrumentos não são lineares, confirmando os achados de Van Kolck (1972). Em segundo lugar, os resultados sinalizaram que, embora esta associação entre as variáveis não seja linear, existem significativas associações entre os indicadores do Método de Rorschach e do Teste de Pfister. A categorização das variáveis e a análise por meio das provas do chi-quadrado e do modelo linear generalizado e função de ligação logit demonstraram que há indicadores destes instrumentos de avaliação psicológica que apresentam diferentes tipos de associações, assim como relações de efeito entre si. Estes indicadores interagem entre si de forma a indicar especificidades na organização afetiva e cognitiva dos indivíduos, sempre associados aos desvios em relação ao grupo normativo de referência adotado. Isto ficou bastante evidente nos resultados encontrados nas análises de distribuição dos adolescentes nas diferentes categorias avaliativas, recorrendo-se ao método do chi-quadrado. O terceiro aspecto que os resultados levantaram nesta investigação exploratória é que os métodos projetivos selecionados para esta investigação apresentam mais de um tipo de variável e, cada uma destas, possui especificidades em seus métodos analíticos. Torna-se, necessário, portanto que o avaliador realmente procure compreender e interpretar seus dados de forma compatível ao tipo de variável alcançada (Anzieu, 1986; Loureiro & Romaro, 1985).

Estes dados reafirmaram a necessidade de se investigar e esmiuçar formas de sistematizar e de se analisar os indicadores de métodos projetivos a partir de estratégias técnicas diferenciadas das classicamente conhecidas ou padronizadas, ainda por serem aprimoradas ou estruturadas pelos pesquisadores da área e utilizadores dos métodos de avaliação psicológica, como estimulado por Primi (2010).

Dentro deste contexto, pode-se ainda observar que os estudos científicos que buscam evidências de validade teste-critério para o Rorschach (Graeff & Vaz, 2006; Farah & Villemor-Amaral, 2008; Resende et al., 2009; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2009), assim como para o Pfister (Villemor-Amaral, Silva & Primi, 2002 e 2003; Villemor-Amaral, Farah & Primi, 2004; Villemor-Amaral et al., 2004; Villemor Amaral et al., 2005; Villemor-Amaral & Pardini et al., 2012) conseguiram demonstrar empiricamente o auxílio técnico do uso desse tipo de testes psicológicos para identificar e compreender transtornos e psicopatologias, favorecendo intervenções terapêuticas. No entanto, há que se destacar que o levantamento bibliográfico referente a estudos de correlação de indicadores de diferentes instrumentos, apresentados nesta investigação, ficaram mais distantes de cumprir os objetivos propostos de demonstrar as relações de convergência entre os indicadores de instrumentos diferentes que teoricamente avaliam o mesmo construto. Foi possível notar que apenas um trabalho (Bastos & Vaz, 2009) conseguiu demonstrar correlações estatisticamente significativas consideradas suficientes entre indicadores de dois diferentes instrumentos, recorrendo a investigação de evidências de validade teste-critério. A amostra do referido estudo foi composta por um grupo clínico e outro grupo controle, retirado de padrão normativo. Mesmo que o critério deste agrupamento seja uma doença física, pode-se supor que o grupo possuía vivências e características afetivas e cognitivas em comum. Os outros estudos voltados à análise de correlação entre indicadores técnicos de testes psicológicos pautaram-se em achados obtidos a partir de amostras normativas. Desse modo, poder-se-ia pensar que a seleção e a composição dos grupos de participantes dos estudos estejam a se constituir como variáveis intervenientes em seus próprios achados técnicos, o que deverá exigir a devida reflexão, embora ultrapasse os objetivos presentemente delineados. A multiplicidade e diversidade das características psicológicas presentes em indivíduos com desenvolvimento típico podem, por sua vez, favorecer resultados considerados estatisticamente reduzidos de convergência entre os

indicadores de diferentes métodos projetivos, o que diverge do encontrado em análises (sobretudo qualitativas) a partir desses indicadores obtidos com grupos clínicos (Franco & Villemor-Amaral, 2009; Tavares, 2003).

Uma vez que se recomenda utilizar a associação de diferentes instrumentos no processo de avaliação psicológica com o objetivo de se alcançar ampla compreensão e informações válidas, torna-se importante continuar investindo em estudos que possam contribuir com evidências e informações sobre a maneira como os indicadores técnicos de métodos projetivos de avaliação psicológica se associam. Ainda nesta direção, levanta-se o questionamento se amostras clínicas (onde o objeto de estudo pode estar potencializado em sua manifestação) poderiam diminuir a divergência encontrada entre as pessoas e favorecer a demonstração de convergências entre os indicadores de diferentes instrumentos de avaliação psicológica voltados ao exame do mesmo construto. Por fim, torna-se importante também refletir sobre as possibilidades e limitações dos métodos psicológicos e seus respectivos critérios técnicos ao se avaliar aspectos complexos e singulares como as que se fazem presentes na subjetividade dos adolescentes.

VI REFERÊNCIAS

- Amparo, D.;Almeida,S.;Brasil, K.;Marty, F. (2010). *Adolescência e Violência:Teorias e Práticas nos Campos Clínico, Educacional e Jurídico*. Brasília: UnB.
- Anzieu, D. (1986) *Os métodos projetivos*. (M.L.E. Silva, trad.) (5ª.ed). Rio de Janeiro: Campus.
- Acher, R. & Newson, C.R. (2000) Psychological test usage with adolescent clients: Survey update. *Assessment*, USA, 7 (3), p. 227-35.
- Ariès, P. (1981) *História Social da criança e da família*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos.
- Azoulay,C.; Emmanuelli, M.; Rausch de Traubenberg, N.; Corroyer,D; Rozencwajg, P. & Savina,Y. (2007) Les donnees normatives Français du Rorschach à l'adolescence et chez le Jeune adulte. *Psychologie Clinique et Projective*,13, 371-409.
- Baptista,M.N.& Campos,D.C.(2007). Metodologia de Pesquisa e Ciências: análises quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC.
- Balbi Neto, R.;Queiroz, S. (2012). Índícios de Validade do Déficit Relacional no Método de Rorschach para a População Adulta Não-paciente. *Psico USF*, 17(3), 475-484.
- Bastos-Formiguieri, M. S. & Pasian, S. R.(2012).O Teste de Pfister em Idosos. *Avaliação Psicológica*, 11(3),435-448.
- Barroso, J.B. (2013). O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister Estudo Normativo com Adolescentes de 12 a 14 anos. *Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo*.
- Bastos, A. G. & Vaz, C. (2009). Estudo Correlacional entre Neuroimagem e a Técnica de Rorschach em Crianças com Síndrome Tourette. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 229-244.
- Bauman, Z. (2001). Modernidade Líquida. (trad. Plínio Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bee, H. & Boyd, D. (2011) *A Criança em Desenvolvimento*. 12ª edição. Porto Alegre: Artmed.

- Bornstein, R. (2010). Psychoanalytic Theory as a unifying Framework for 21st century Personality Assessment. *Psychoanalytic Psychology*, 27(2), 133-152.
- Cardoso, L. M. (2006). Teste de Pfister e Desenho da Figura Humana em Surdos: Evidências de Validade. *Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Francisco, Itatiba (SP)*.
- Cardoso, L.; Capitão, C. (2006) Estudo correlacional entre o Teste de Pfister e o Desenho da Figura Humana. *Psico-USF*, 11 (2), p.157-166
- Cardoso, L.; Capitão, C. (2007). Avaliação de Crianças Surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *PsicoUSF*, 12 (2), 135-144.
- Cardoso, E. A.; Santos, M. (2012). Avaliação Psicológica de Pacientes com Anorexia Nervosa e Bulimia Nervosa: Indicadores do Método de Rorschach. *Fractal: Revista de Psicologia*. 24(1). Recuperado em 20 de maio de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922012000100011>.
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e Métodos Projetivos*. (A. Lelé & E. Silva, trad.). São Paulo: vetor.
- Conselho Federal de Psicologia (2011). *O Ano da Avaliação Psicológica: Diretrizes na Regulação da Profissão* (1^a ed.) Brasília: CFP. Disponível em www.pol.org.br.
- Cozby, P. (2009). *Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento*. 4^a reimpressão. São Paulo: Atlas.
- Cunha, J. A. (2000). Estratégias de avaliação: Perspectivas em Psicologia Clínica. In: Cunha, J *Psicodiagnóstico-V*. (5^a.ed.) (pp.19-22). Porto Alegre: Artmed.
- Cury-Jacquemin, R. (2012). Padrões Normativos do Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes de 12 a 14 anos. *Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto., Universidade de São Paulo*. Ribeirão Preto.
- Deakin, E.; Nunes, M.L.T.(2009) Abandono de psicoterapia em Crianças . *Revista de Psiquiatria, R.S.*,31(3):145-151.
- Emmanuelli, M. & Azoulay (2008). *As Técnicas Projetivas na Adolescência. Abordagem psicanalítica*. (Abigail Souza trad.) São Paulo: Vetor.

- Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Recuperado em 23 de outubro de 2011 de <http://www.wamperj.org.br/store/legisla%C3%A7%C3%A3o/c%C3%B3digo/eca%2018069.pdf>
- Farah, F. H. & Villemor-Amaral, A. E. (2008). O Transtorno do Pânico e o Rorschach no Sistema Compreensivo. *Boletim de Psicologia*, 58 (128), 103-119.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In Villemor-Amaral, A.E. & Werlang, B.G. (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (1a ed.). (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fernandes, S. (2010). Normas do Rorschach em Crianças de seis a oito anos. *Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo*. Ribeirão Preto.
- Franco, R.; Villemor-Amaral, A. E. (2009). Validade Concorrente Entre Provas de Personalidade: Zulliger-SC e Pfister. *Revista Psicologia e Saúde*, 1 (1), 50-59.
- Freitas, L (2013). Comparação das Funções de Ligação Logit e Probit em regressão Binária Considerando Diferentes Tamanhos Amostrais. *Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais*.
- Ginsberg,, A.; Azzi, E.; Pires, N.C. (1965) Comparação entre Métodos Projetivos e Métodos Experimentais no Estudo de Alguns Aspectos da Personalidade. *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, 3 (4), 269-395.
- Gomes,C. (2010). A Inflação da Adolescência, In: Amparo *et al.* (Org.) *Adolescência e Violência: teorias e Práticas nos Campos Clínico, Educacional e Jurídico*.(pp.125-147). Brasília. UnB.
- Grassano,E. (1996). *Indicadores Psicopatológicos nas Técnicas Projetivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hall,C., Lindzey & Campell, J. (2000) *Teorias da Personalidade*. Porto alegre: Artmed.
- Ikiz, T. T.; Zabci, N.; Dusgor, B.; Atak, I.; Yazuf, E.; Purisa, S. & Cagatay, P.(2010) Étude Normative du Rorschach de La Population Adolescente Turque. *Psychologie Clinique et Projective*, 16, 209-232.
- International Test Commission (ITC) (2000). *International Guidelines for Test Use*. Recuperado em 12 de outubro de 2011, de www.intestcom.org/itc_projects.htm

- Japur, M. (1982). O Psicodiagnóstico de Rorschach: um estudo da afetividade em pré-adolescentes. *Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.*
- Jardim-Maram, M.L.(2011). O Psicodiagnóstico de Rorschach em Adolescentes: normas e evidências de validade. *Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto*
- Lilienfeld, S.; Wood, J. ; Garb, H. (2000). The Scientific Status of Projective Techniques. *Psychological Science in the Public interest*, 1(2), 26-66.
- Loureiro, S.R.; Romaro, R.A. (1985). A Utilização das Técnicas Projetivas, Bateria de Grafismo de Hammer e Desiderativo como instrumentos de diagnóstico: Estudo Preliminar. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 37(3), 137-141
- Marques, T.C; Chaves,A.C.;Yázigi, L. (2012). Estudo parcial da Avaliação do Atlas do Rorschach Sistema Compreensivo em amostra de pacientes psiquiátricos de São Paulo. *Psico-USF*, 17(3), 417-426.
- Meyer, G.; Finn, S.; Eyde, L.; Kay, G.; Moreland, K; Dies, R; Eiseman, E; Kubiszyn, T; Reed, G. (2001). Psychological Testing and Psychological Assessment. *American Psychology*, 56 (2),128-165.
- Muniz, M. & Primi, R. (2008). Inteligência Emocional e Personalidade Avaliada pelo Método do Rorschach. *Psico*, 39 (1), 48-57.
- Nascimento, R.S.G.F. (2002). Estudo Normativo do Rorschach Sistema Compreensivo para a Cidade de São Paulo. *PsicoUSF*, 7 (2),127-141.
- Nascimento, R. S. G. F. (2006). Estudo Normativo do Sistema Compreensivo do Rorschach para São Paulo. Resultado dos Índices PTI,SCZI,DEPI,CDI,HVI,DBS, e S-Com. *Avaliação Psicológica*, 5 (1), 87-97.
- Nascimento, R. D.; Pedroso, J. & Souza, A.(2009). O Método de Rorschach na Avaliação de Crianças: Uma Revisão de Literatura. *PsicoUSF*,14 (2), 193-200.
- Pasian, S. R. (2000). *O psicodiagnóstico de Rorschach em adultos: Atlas, normas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasian, S. R. & Loureiro, S. R. (2010). Reflexões sobre princípios e padrões normativos do Rorschach. In: S.R. Pasian (Org.) *Avanços do Rorschach no Brasil*. (pp.30-54). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Pasian, S. R. (2011) Métodos projetivos de Avaliação Psicológica: Contribuições para pesquisa e prática profissional em Psicologia. *Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo*. Ribeirão Preto.
- Pianowski, G. & Villemor-Amaral, A. E. (2010). Localização e Qualidade Formal do Rorschach, Sistema Compreensivo no Brasil: Validade com não Pacientes. *PsicoUSF*, 15 (3), 333-343.
- Primi, R. (2010) Avaliação psicológica no Brasil: Fundamentos, Situação Atual e Direções para o Futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (n. especial), 25-35.
- Primi, R.; Nascimento, R. S. G. F. & Souza, A. S. (2004) Critérios para Avaliação de Testes Psicológicos. In CFP (Org). *Avaliação de Testes Psicológicos: relatório* (p.31-55) Brasília.
- Primi, R.; Lima, J.; Petrini, M.; Nascimento, M. & Cruz, M. (2005) Indicadores para a Avaliação do Desempenho de Policiais. *Encontro*, 10 (12), 58-70.
- Raspantini, R. L.(2010). O Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos: Um Estudo Normativo. *Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo*. Ribeirão Preto.
- Rausch de Traubenberg, N. (1998). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor.
- Resende, A. C.; Viglione, D. J. & Argimon, I. (2009). As Diferenças entre os Gêneros na Esquizofrenia através da Técnica do Rorschach. *Psico*, 40 (3), 279-286.
- Ribeiro, R. M. K.; Semer, N. & Yazigi, L. (2011) Normas do Rorschach Sistema Compreensivo para Crianças Brasileiras de Escolas Públicas e Particulares. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 24(4), 671-684.
- Santos, M. & Vaz, C. (2006). Representação de Objeto e Organização Psíquica: Integração Dinâmica dos Dados do Rorschach. *Psico*, 37 (3), 249-261.
- Scortegagna, S. A. & Villemor-Amaral, A. E. (2009). Autopercepção no Rorschach de Vítimas de Abuso Sexual Infantil. *Psico*, 40 (3), 328 -336.
- Silva, D. & Ferreira, A. (2011). Cor e Produção de Respostas ao Rorschach: Um Estudo Transcultural. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 21 (49), 149-156.

- Tavares, M. (2003). Validade Clínica. *PsicoUSF*; 8 (2), 125-136.
- Tavares,M. (2010). Da ordem social da regulamentação da avaliação psicológica e do uso dos testes. In: Conselho Federal de Psicologia. *O Ano da Avaliação Psicológica*. (1ªed.) (p.31-56). Brasília: CFP.
- UNICEF(2011). Adolescents: An age of oportunity *In:The State of the World's Children*. Disponível em <http://www.Unicef.org>. recuperado em 10 maio de 2013.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Van Kolck, T. (1972). Intro e Extratensão nas Pirâmides Coloridas de Pfister: Confronto com o Psicodiagnóstico de Rorschach e de Mira Y Lopes. *Tese de Doutorado de Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo*.
- Villemor- Amaral, F. (1978) Pirâmides Coloridas de Pfister. 2ª. Ed. CEPA: Porto Alegre.
- Villemor Amaral, A., Silva, T.; Primi, R.(2002). O Teste das Piramides Coloridas de Pfister e o Transtorno Obsessivo Compulsivo. *Aval. Psicológica*,1(2), 133-139.
- Villemor-Amaral, A .E.; Primi, R.; Farah, F.; Cardoso, L. & Franco, R. (2003). Revisão das Expectativas no Pfister para uma Amostra Normativa. *Avaliação Psicológica*, 2 (2), 185-188.
- Villemor-Amaral, A. E. & Silva,T. & Primi,R. (2003). Indicadores de Alcoolismo no Teste das Piramides Coloridas de Pfister. *PsicoUSF*; 8(1): p.33-38.
- Villemor-Amaral, A. E. & Primi,R. & Farah,F.& Silva, & S. Cardoso, L.& Franco,R. (2005). A depressão no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Paidéia* (Ribeirão Preto); 14(28): p.169-176.
- Villemor-Amaral, A. E. (2005). *As Pirâmides Coloridas de Pfister*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Villemor-Amaral, A. E.; Primi, R.; Franco, R.; Farah, F.; Cardoso, L. & Silva, T. C. (2005) O Teste de Pfister e sua Contribuição para o Diagnóstico de Esquizofrenia. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, 17, 89-98.
- Villemor-Amaral, A. E. & Pasqualini-Casado, L. (2006). A Cientificidade das Técnicas Projetivas em Debate. *PsicoUSF*, 11 (2), 185-193.

- Villemor-Amaral, A. E.; Pianowski, G. & Gonçalves, C. M. T. S. (2008). Estudo Normativo com o Pfister: uma amostra da região nordeste Brasileira. *Avaliação Psicológica*, 7(2),181-188.
- Villemor-Amaral, A. E. (2008). A Validade Teórica em Avaliação Psicológica. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28 (1), 98-109.
- Villemor-Amaral, A. E. & Cardoso, L. (2012). Validade Convergente do Tipo de Vivência (E.B) no Teste de Zulliger e Rorschach Sistema Compreensivo. *Psico*, 43 (1), 109-111.
- Villemor-Amaral, A; Pardine, M.;Tavela, R.; Biasi, F.; Nigoranci,P. (2012). Evidências de Validade do Teste de Pfister para Avaliação de Crianças. *Avaliação Psicológica*, 11(3),423-434.
- Villemor-Aamral,A.E; Quirino, G. (2013). Estudo Comparativo entre Indicadores Afetivos das Técnicas de Pfister e Zulliger. *Avaliação Psicológica*, 12 (1),1-7.
- Weil, P. & Nick, E. (1971). *O Potencial da Inteligência do Brasileiro*. Rio de Janeiro: CEPA.
- Zahn-Waxler,C; Shirtcliff,E.;Marceu,K. (2008). Disorders of the Childhood and Adolescence: Gender and Psychopathology. *Annual Review of Clinical Psychology*,4,275-303.

VII ANEXOS E APÊNDICES**APÊNDICE A1**

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto
Departamento de Psicologia
Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa em Ribeirão Preto (SP) com objetivo de conhecer características de personalidade de adolescentes de doze a quatorze anos, por meio de um processo de avaliação psicológica. Este trabalho será desenvolvido sob responsabilidade da psicóloga Suzani Marques P. Duarte, aluna de Mestrado em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP), e da Profa. Dra. Sonia Regina Pasian, professora do Departamento de Psicologia desta mesma faculdade.

Essa pesquisa estudará adolescentes de escolas públicas e particulares de ensino fundamental desta cidade. Esta escola foi identificada como uma possível participante e, sendo assim, gostaríamos de contar com sua colaboração, autorizando nossa inserção no estabelecimento educacional sob sua responsabilidade.

Nossa atuação na escola dar-se-á da seguinte forma: a pesquisadora visitará as salas dos alunos na escola, explicará o projeto em linhas gerais e fornecerá, para cada aluno, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Questionário sobre histórico de vida, que contém algumas questões sobre o desenvolvimento do adolescente. Esses documentos deverão ser entregues aos pais ou responsáveis dos possíveis participantes e, posteriormente, devolvidos à pesquisadora.

Em seguida, a pesquisadora agendará, sob anuência da coordenação da escola, um horário em que o adolescente possa se ausentar de suas aulas para participar da avaliação psicológica. Nesse contato, que durará cerca de 80 minutos, a pesquisadora fará uma breve conversa com cada participante e iniciará o processo de aplicação das técnicas de avaliação psicológica propriamente ditas. Não existe nenhum risco significativo em participar deste estudo. Todas as informações ministradas são confidenciais e somente serão utilizadas para investigação científica, sem nenhuma identificação das pessoas que as forneceram.

A cooperação de seu estabelecimento será muito valiosa e imprescindível para que os objetivos desse estudo sejam alcançados. Este trabalho será uma contribuição voluntária e nenhum participante receberá pagamento por colaborar nesta pesquisa.

Colaborar com essa pesquisa representa contribuir para um melhor conhecimento das condições psicológicas dos adolescentes dessa região e isso poderá auxiliar em planejamentos de eventuais serviços clínicos a esta população.

Desde já, agradecemos a atenção dispensada.

Atenciosamente,

SUZANI MARQUES P. DUARTE

Prof. Dra. SONIA REGINA PASIAN

Departamento de Psicologia- FFCLRP – USP
Av. Bandeirantes, 3900 – Monte Alegre
Fone: (16) 3602-3785
Fax: (16) 3602-4835
E-mail: srpasian@ffclrp.usp.br

APÊNDICE B1

<p>DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR</p> <p>PARA A PESQUISA</p>
--

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, na
função _____ de _____ da Escola
_____, declaro estar de acordo com
a realização do projeto de pesquisa anteriormente referido, aceitando que seja utilizado o banco
de dados desta Instituição a fim de buscar as informações necessárias à identificação de
eventuais alunos voluntários para a mesma. Autorizo também que a psicóloga responsável pelo
projeto entre em contato com esses estudantes, em sala de aula, para lhes propor o trabalho e,
aos que consentirem **e também tiverem o consentimento dos pais ou representantes legais**,
realizar a pesquisa em sala de aula (individualmente).

Diante do exposto, assino o presente termo, enquanto representante da Instituição,
declarando o consentimento livre e esclarecido para esta pesquisa.

Assinatura e carimbo do Representante Institucional

APÊNDICE C1

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto
 Departamento de Psicologia
 Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa que pretende conhecer características do desenvolvimento emocional de adolescentes de doze a quatorze anos idade. Este trabalho será desenvolvido sob responsabilidade da psicóloga Suzani M.P. Duarte, aluna de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP) e da Dra. Sonia Regina Pasian, professora do Departamento de Psicologia desta mesma faculdade.

Essa pesquisa estudará adolescentes de escolas públicas e particulares de ensino fundamental de Ribeirão Preto e de São José do Rio Preto. Cada adolescente passará por avaliação psicológica na própria escola, sendo convidado a responder a exercícios de raciocínio (em papel), a falar de suas percepções sobre as manchas de tinta e a trabalhar com estímulos coloridos (quadrículos), não implicando em riscos ou prejuízos em seu trabalho escolar. **O tempo avaliado para estas atividades é aproximadamente 80 minutos. Caso os pais autorizem a participação do seu filho nesta pesquisa** será solicitado que preencham um questionário sobre o histórico de vida de seu filho. **Será necessário, também, assinar e retornar uma das duas vias do Termo de consentimento que lhe foi entregue. O Termo devolvido ficará arquivado, juntamente aos dados colhidos, com a pesquisadora. A estes responsáveis, assim como ao adolescente, fica, durante todo o processo, reservado o direito de não consentir e/ou retirar seu consentimento sem qualquer ônus.**

Todas as informações desta pesquisa são confidenciais e somente serão utilizadas para investigação científica. Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados sob o formato de comunicações científicas orais e escritas sem nenhuma identificação das pessoas que as forneceram.

A sua cooperação e a de seu (sua) filho(a) será muito valiosa e necessária para tornar possível esta pesquisa. Não será oferecido aos participantes desta pesquisa nenhum pagamento por sua colaboração neste trabalho. Caso sejam identificados sinais de alteração significativa no funcionamento racional e afetivo do estudante, tanto ele quanto seus pais serão devidamente orientados pela pesquisadora e encaminhados para atendimento psicológico específico na rede de saúde de sua cidade. **Durante todo o processo, a pesquisadora também estará disponível para esclarecer os adolescentes assim como seus pais sobre a pesquisa em quaisquer aspectos que estes desejarem ser informados.**

Colaborar com essa pesquisa poderá ajudar a conhecer as características afetivas de adolescentes e isso poderá auxiliar em planejamentos futuros para serviços clínicos para esta população. Desde já, agradecemos sua colaboração e estaremos disponíveis para outras informações, caso necessário.

Atenciosamente,

Suzani Marques Palma Duarte

Profa. Dra. Sonia Regina Pasian

Eu, _____,

declaro que estou de acordo com a participação de meu(minha) filho(a) como voluntário no projeto de pesquisa "VALIDADE CONCORRENTE ENTRE O RORSCHACH E PFISTER EM ADOLESCENTES", sob responsabilidade da psicóloga SUZANI MARQUES PALMA DUARTE e da Profa. Dra. Sonia Regina Pasian, assim como estou ciente de que os registros relativos a esse trabalho serão utilizados como material de trabalho científico e poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas ou livros especializados, resguardando-se o devido sigilo quanto à nossa identificação.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 201__.

 (assinatura do Participante)

 (assinatura do Responsável)

Observação: Se tiver qualquer dúvida, entre em contato com o Departamento de Psicologia da FFCLRP-USP e esclareça-se conosco pelo telefone: (16) 3602.3785, ou fale diretamente com Suzani Duarte, pelo telefone (17) 9153-9886

APÊNDICE D1

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto
 Departamento de Psicologia
 Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)

FORMULÁRIO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

PREZADOS PAIS:

- Respondam às questões abaixo da forma mais completa que lhes for possível no momento.
- Reafirmamos nosso objetivo de, com esse levantamento, conhecer as características dos estudantes participantes dessa pesquisa. Também reafirmamos nosso compromisso de completo sigilo das informações e dos participantes.
- Favor devolver esse questionário juntamente com uma cópia assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a pesquisa.
- Novamente, agradecemos sua valiosa colaboração!

1. Nome do estudante: _____
2. Idade: _____
3. Data de Nascimento: ____/____/____
4. Sexo: () Feminino () Masculino
5. Ano Escolar: _____
6. Com quantos anos entrou na escola? _____
7. Já repetiu de ano?
 () Não.
 () Sim. Quantas vezes? _____ Qual(is) ano(s) ? _____
8. Número de irmãos: _____
9. Posição do estudante entre os irmãos (único ou primeiro, segundo, terceiro, etc.). _____
10. Já apresentou graves problemas de saúde?
 () Não.
 () Sim. Qual(is)? _____
 Com que idade? _____
11. Mais especificamente: já apresentou problemas psicológicos ou neurológicos?
 () Não.
 () Sim. Qual(is)? _____
 Com que idade? _____
12. Fez ou faz uso de medicamento por causa desse problema?
 () Não.
 () Sim. Qual(is)? _____
 Quando? _____ Por quanto tempo? _____
13. Já fez ou faz algum tratamento com psicólogo ou psiquiatra?
 () Não.
 () Sim. Qual(is)? _____

Com que idade? _____

14. Estado civil dos pais: () solteiro(a) () casado () viúvo(a)
() separado ou divorciado () amasiado

15. Pessoas que moram na casa do estudante:

Nome	Parentesco	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda

16. Observações que julga importantes sobre seu(sua) filho(a): (USE O VERSO, SE PRECISAR).

(assinatura do pai ou representante legal)

ANEXO 1

Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto Comitê de Ética em Pesquisa
_____ Campus de Ribeirão Preto	
Of.CEtP/FFCLRP-USP/059/-jsl	
Ribeirão Preto, 03 de maio de 2012	
Prezada Pesquisadora,	
Comunicamos V. Sa. que o trabalho intitulado "VALIDADE CONCORRENTE ENTRE RORSCHACH E PFISTER EM ADOLESCENTES" foi reanalisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 107ª Reunião, realizada em 26.04.12, e enquadrado na categoria: APROVADO , de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 643/2011 - 2011.1.2833.59.2.	
Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue ao Comitê.	
Atenciosamente,
Prof.ª Dr.ª ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE Coordenadora	
À Senhora Suzani Marques Palma Duarte Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP - USP	
Com cópia para a orientadora: Prof.ª Dr.ª Sonia Regina Pasian Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP	
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP Fone: (16) 3602-4811 Fax: (16) 3633-2960 (direto) ou 3633-5015 Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 3 - sala 16 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil Homepage: http://www.ffclrp.usp.br - e-mail: ceetp@ffclrp.usp.br	